

L.

2

L.

9^a
8862

OBRA S ESPIRITUAES

POSTHUMAS

do Veneravel Padre

FRANTONIO DAS CHAGAS,

Mitenario Apostolico, da Ordem do

eraphico Padre Sam Francisco,

da Provincia dos Algarves.

Dedicadas às Chagas de

JESU CHRISTO

NOSSO REDEMPTOR



EM COIMBRA: Com as licenças necessarias,
Na Officina de JOSEPH FERREYRA
Imperffor da Uniuersidade, Anno 1685.

A custa de Sebastião Rodrigues, & João Antunes.

2882





SANTISSIMAS
CHAGAS
DE NOSSO SENHOR
JESU CHRISTO
DEDICATORIA.



*N*AM sey (Soberano Senhor) aquê melhor se dedicassem os affectos de hũa Alma tam abrazada em vosso amor, como a do vosso Servo Fr. Antonio das Chagas, senão a vossas Divinas Chagas; para que servindolhe de Escudo contra a semrazam do Mundo, pudessem sahir a luz a prègar de novo a vossa doutrina: justa he a razãõ de minha offeria, que a

nam ser assim, errara, pois por divida a
vòs se deve esta Dedicatoria, já que vos-
sa he tambem a empreza. De vossas Di-
vinas Chagas sabiraõ estes Discipulos, co-
mò rios desse mar de misericordias. E se
o Sabio Rey disse, que se recolhiaõ outra
vez os rios para onde sabiraõ: Flumina
unde exeunt revertùtur; quem duvida se-
rem divida a vosso Sagrado Peito os af-
fectos daquela Alma? Em vossas Divi-
nas Chagas aprendeu o vosso Servo esta
doutrina, quando pregado em vossa Sagra-
da Cruz fostes Divino Mestre, que de
Cadeyra ensinastes, segundo disse S. A-
gostinho: Crux Christi non solum lectus
est morientis, sed & Cathedra docentis. E
assim a vòs mesmo dedica outro mais in-
digno servo este Volume. Por duas razõs
o deveis (Senhor) de patrocinar, sendo o
melhor escudo cõtra a censura. A primei-
ra, pela materia; a segunda, por seu Au-
thor.

Pela materia, por serem Meditações
do Espirito, a quem servis de objecto, que
dando vozes vosso precioso Sangue ness.

Di.

Divino Lado, está clamando cõtra a sem-
razam de ingratos. Sinco foraõ as Divi-
pas Chagas, que vos abriu o odio, encra-
vando vossos Sagrados Pès, & Maõs cõ
duros cravos, que entam ficaram mais
doces, quando vos uniram à Arvore da
Cruz, donde emanou nossa Redempçam,
sendo a quinta a lâçada, entãõ mais cruel
porque ferio o Peito, onde residia o Amor.
E se nam faltou quem dissesse, que foram
Bocas por onde clamaveis Divino Abel,
o perdam de nossas culpas; estas sam as
Vozes, que hoje dam esses duros golpes, q̃
vos abriu o odio. E se o Coraçam abriu
publicou com finezas o Amor, com que
nos amastes, agora desta fragoa os incê-
dios lançam em vosso obsequio amorosas
Faíscas. E se vós todo fostes o Espelho
mais cristalino de nossa Alma, como
notou o Veneravel Drogo Hostiense. Fe-
cisti Domine de Corpore tuo speculum
animæ meæ: Aqui fez o Author neste
seu Volume hum Retrato daquelle Espe-
lho, em que vißemos todos o nosso Espiri-
to: Com razam digo logo (meu Deos, &

meu Senhor) que o deveis amparar, pois
sois o Original desta Copia. E quando não
retrate bem o Prototypo, vós o emenday,
Senhor, dandolhe melhores sommas de
vosso amparo, & tirandolhe as máculas
de nossos vicios.

Pelo Author tambem vos occorria o
patrocinio: foi elle tão zeloso de vossa glo-
ria, que desejou reduzir o Mundo a vosso
Amor, nas continuas Missões em que an-
dava, tomando para sy por glorioso timbre
as Sinco Chagas, que então lhe deram o
melhor nome, quando amorosamente em
Espírito se crucificou com vosco, bem imi-
tando ao Pay Seraphico, aquem destes por
Armas o melhor Escudo. Já vinha muito
de longe a obrigação de servir vos cõ tam
heroico zelo, pois se via prendado cõ tam
illustre Brazaõ. Foram pois as Chagas
o Escudo, com que pelejou cõtra os inimi-
gos da Alma, Mundo, Diabo, & Carne,
alcançando com vossa Divina Graça tão-
tos triumphos, quantos foram os combates.
E se entam fostes vigilante Argos de
sua consciencia, servindolhe de muralha
contr

contra o Inferno; certo he (Senhor) que
nam faltareis agora a vossos devotos, il-
lustrandolhe o entendimento com vossos
auxilios, para que seguindo os passos des-
te Espirito, abracem as doutrinas deste
Volume; & abrazados em Divina Cha-
ridade, só a Vós suspirem, com vosso Servo
& Martyr Ignacio, com aquelle mesmo af-
fecto, com que por vós suspirou: Amor
meus Crucifixus est.



PROLOGO.

F Oi estylo muito observado dos Antigos, aos Varoens Illustres, que lhes roubava a morte, levantar-lhes Estatuas, eternizando suas memorias, para que como em sumptuoso throno ficassem nas azas da Fama renascidos Phenizes das pyras de seu amor mais immortais; despertando com a presença destas imagens aos vindouros, que segundo o exemplo de seus prototypos, tresladassem muito ao vivo em sy mesmos o Exemplar, que lhes propunha o affecto dos que os retratavam. Bem o testemunhão os Athenienses, no obsequio com que ao seu Demetrio levantaraõ em candidos Iaspes trezentas, & sessenta Estatuas, repetindo nas figuras o exemplar para a imitaçam; os Lacedemonios com Pausanias, cuja imagem collocaram publicamente em duros Marmores; os Sicilianos có Opião, de quẽ delinearam multiplicadas copias em incorruptos Bronzes restituindo vivos à lembrança dos que

os veneravão, aquelles Heroes, que lamẽ-
tavão defuntos.

Seguindo pois (devoto Leytor) este
tam digno estylo, como piadosa venera-
ção dos Sabios, julguei acertado offerecer-
te (por Copia do Varão Apostolico, &
insigne Mestre de Espirito Frey Antonio
das Chagas, cujas memorias residem ain-
da vivas para o sentimento) este breve
Volume, que a penas de seus escritos pude
colher, tam digno pella materia que trata,
como pelo Author que a compoz, onde
vejas tresladado seu Espirito, neste Com-
pendio, & admires, como ainda vivo, a-
quelle zello, com que sempre te exhortou,
qual o Espirito, nam digo de hum Elias, q̃
a hum só Elizeu se communicou, mas de
hũ Moysés, de quem Deos Senhor Nosso
repartio com muitos, aquem o deu: *Aufe-
ram de spiritu suo, tradamque eis;* porq̃ o
ardẽte affecto; cõ q̃ amava seu Senhor, naõ
se exaurio na cõmunicação de muitos, fi-
cando mais vigoroso, quanto mais com-
municado.

Nam de outra sorte, deste Servo de
Deos

Deos o Espirito, então mais se augmenta nestes ardores do Divino Amor, quando o seu desvello melhor se communica; por isso se divide este Volume em quatro Tratados, para q̃ servindote de despertadores à Alma, dirijas os passos de tua vida para o summo bem. No primeiro verás hũa *Semana Espritual*, onde te dicta seu Autor hũa lição de Prima para a Meditação, para q̃ estudando nella os pontos de tua salvação, te gradues com a laureola do conhecimento de Deos. No segundo, huma lição de Vespóra nas *Vozes do Ceo*, com q̃ te falla, em que conheças que tens muito aos ouvidos de tua consciencia as inspiraçoens Celestes, que te admoestão à emenda de tua vida, para q̃ no discurso desta, te levantes do lethargo da culpa, & desprezes aos auxilios da Graça. E porque, se seguindo os documentos santos que te ensina, achares abrazado o coração em affectos, te offerece desta divina fragoa as *Faíscas do Divino Amor*, em q̃ te acendas. E se ainda como escrupuloso de tuas imperfeições temeres apparecer diante sua Divina Magestade,


gestade, vete, & revete no *Espelho do Espirito*, onde comporàs os defeitos que se os Philosophos dispuzeram, q̃ trouxessem todos nas mãos, como espelhos em que se vissem, aquellas letras, onde lã cada hum o conhecimento proprio de sua natureza: *Nosce te ipsum*; nas mãos, & ante os olhos te importa (ò prudente Leitor) ter este Livro, q̃ he o mais cristallino Espelho, a q̃ se ha de compor tua consciencia.

Se em vida de seu Author tanto te desvellavas por ouvir sua doutrina, dâlhe agora tambem atenção, pois te vem prègar a tua casa: nam imagines, que a morte lhe suspendeo a vòz, com q̃ prègava, pois ainda lhe reservou o Espirito, com q̃ te exhorta; que se São Paulo dizia aos Hebreos, q̃ Abel defunto ainda fallava: *Abel defunctus adhuc loquitur*, fô porque o sangue clamou; deste Servo de Deos, o Espirito ainda não foffega, pois ainda te clama: tirou a morte à lingua o vital alento, com q̃ prègava, mas inventou seu Espirito outra melhor eloquencia nas vozes do Cèo, com que te exhorta.

Este

Este Volume (Leytor amigo) sahe ho-
je a luz, fiado no puro de sua materia, & no
qualificado de seu Author, nam incorrerá
a censura, que os mais incorrem, & quando
aches q̃ notar nos quilates deste ouro al-
gumas fezes, seja contra quẽ to offerece a
censura; q̃ como obra posthuma, não du-
vido lhe falte a perfeiçam, com que nasceu
das mãos de seu Author, & que como tão
exemplar, seria erro da ingenuidade dei-
xar entre as cinzas frias do sepulchro tam
vivos incendios daquelle Espirito. E af-
fim para mayor gloria de Deos, não passes
só pelos olhos de tua curiosidade este Li-
vro, sem q̃ a consciencia o medite, mas an-
tes com repetidos affectos louva o Sobera-
no Senhor, q̃ assim te falla por seus Iustos,
dandolhe aquelle louvor, com q̃ São Boa-
ventura engrandece aquella Lingua do
nosso Portuguez em Padua: *O lingua be-
nedicta, que Dominũ semper benedixis-
ti, & alios benedicere docuisti: nunc pers-
picuè cernitur, quanti meriti fueris apud
Deum.*

Vale.



LICENC, AS.

Censura do R. P. M. Fr. Bento de Santo Thomàs, da Ordem de S. Domingos.

Leste Livro, & nelle as Obras Espirituais posthumas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas. Colheite das flores, quando seccas a seminal virtude, que já incluiam animadas; encobrião esta virtude humildes, q̃ de outro modo deixarião de ser flores. Pagou o Veneravel Author desta Obra Posthuma o tributo cômum: flor fecunda o graduou o Amor de Deos, que em seu coração recolheo, nam só para singularizada em hum cubiculo, mas para communicada no pulpito: agora, depois de seca a flor, huma louvavel providencia propoem a todos nesta saudavel doutrina, arte para se colher depois da morte esta virtude, q̃ a humildade recolheo na vida, & agora terá de outras flores propagadora. Cõ a lição della as almas poderão no Amor do Senhor Jesus abraçadas florecer a elle para igual sorte unidas. Pello q̃ sobre não conter esta Obra coula algũa q̃ encontre nossa Santa Fè, ou bons costumes, me pareceo muito digna de toda a luz. S. Domingos de Lisboa 27. de Agosto de 1682.

Fr. Bento de Santo Thomàs.

*Censura do R. P. M. Fr. Manoel da Graça, da
Ordem de N. S. do Carmo.*

Veste Livro, intitulado, *Obras Espirituais
posthumas do Veneravel Padre Fr. Antonio
das Chagas*: & não só não achei nelle cousa dis-
sonante à nossa Santa Fè, ou opposta aos bon-
costumes; mas me pareceo mui côducente pa-
ra toda a pia, & perfeita devoção; porque tudo
o que nelle ha, excita as Almas dos Fieis ao
desprezo do mundo, ao Amor de Deos, & ao
melhor augmento das mais necessarias virtu-
des. Convêto do Carmo de Lisboa, 9. de Se-
tembro de 1683.

Fr. Manoel da Graça.

*Censura do R. P. Fr. Ioam da Apresentação, da
Ordem de Sam Francisco.*

SENHOR.

POr mandado de Vossa Magestade li este
Livro, intitulado, *Obras Espirituais posthu-
mas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas,
Misionario Apostolico, & Filho da Santa Provin-
cia dos Algarves*. E nelle te deixa bem ver, que
passiou o fervor do seu espirito, onde nam pôde
chegar algum encarecimento; porque aqui a-
charam os tibios devoção, os cegos claridade,
os ignorantes documento, os relaxados refor-
ma, & os grosseiros dilcricam. A obra sobre ter
heroica, he santa, & onde não ha palavra, que
nam

nam seja hũa joya, nata tem lugar a censura.
Quot verba inuenio, tot gemmea munera nosco An-
tes, porque merece todo o applauso, pelo devo-
o, & agudo do estyllo, sou de parecer que de-
ve dar-se à estampa, para q̃ veja o mundo nestes
seus caracteres, que ainda depois de sua mor-
te, nos intima o zelo que teve da salvação das
almas, & reformação dos costumes, no tempo
de sua vida. Vossa Magestade fará o que mais
conveniente for a seu Real serviço. São Fran-
cisco de Lisboa 22. de Outubro de 1683.

Fr. João da Apresentação.

P O dem-se tornar a imprimir as Obras pos-
thumas do P. Fr. Antonio das Chagas, de
que nesta petição se faz menção, & depois de
impresas, tornarão pera se conferir, & dar li-
cença que corram, & sem ella nam correrão.
Lisboa 10. de julho de 685.

Manoel de Moura Manoel. Ieronymo Soares.

João da Costa Pimenta.

P O dem-se tornar a imprimir estas obras de
que faz menção a petição, & depois tor-
narà pera se conferir, & dar licença pera cor-
rer, & sem ella nam correrà. Lisboa 25. de
julho de 1685.

Serrão.

Que se possam imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à meza pera se taxar, & conferir, & tem isso nam correrá. Lisboa 27. de julho de 1685.

Roxas. Lamprea. Marchão. Azevedo.

Visto estarem conforme com o seu original, pòdem correr estas Obras Espirituais posthumas de Fr. Antonio das Chagas. Lisboa 11. de Setembro de 1685.

Manoel de Moura Manoel. Ieronymo Soares.

João da Costa Pimenta.

Taxão este Livro em sete vintens, & meyo. Lisboa 14. de Setembro de 1685.

Roxas. Lamprea. Marchão. Azevedo.



SEMANA ESPIRITUAL,

PELO VENERAVEL PADRE
FR. ANTONIO
DAS CHAGAS.



Horto de Gethsemani he figura da perfeita Ora-
ção: Gethsemani quer
dizer Valle de abundan-
cia, porque pelo valle da
humildade, & pela abun-
dancia da Charidade morreo o Senhor
por nós; desceo dos Ceos à terra pela
humildade, com que se unio à nossa natu-
reza, & depois de unirse connosco, su-
bio

A

bio

bio pela Cruz ao Ceo, para nos coroar de gloria: por isso para que nos comecemos a unir com Deos, he necessário entrar no Horto da Oração, descermos nella com humildade ao valle da nossa miseria, onde fertilizando esta terra, de que fomos feitos, com abundancia de amor, & lagrimas façamos por meditar, & dispor-nos para a Cruz, sem a qual não sendo semelhantes a Christo, não poderemos subir aos Ceos, & ser dos seus Prestinados.

Primeiro que tudo se ha de fazer costume da Oração, assim como fazia o Senhor, para que este costume se faça natureza, & a natureza se converta em graça, subindo deste valle de lagrimas ao monte da eterna paz; que isso nos representa o Monte das Oliveiras, figura do Ceo, aonde pela Oração (que he subida mente a Deos) se ha de erguer o nosso pensamento.

Deve a oração, quanto for possível, ser reverente, pois o Senhor orou de joelhos. Deve ser solitaria, pois não só
bus-

buscou o Senhor a solidão, mas para ficar mais só, se apartou daquelles Discipulos, que consigo tinha levado. Deve ser devota, isto he, huma promptidão, & não aquelle gosto sensível, có que havemos de louvar a Deos, ainda que (como diz Sam Pedro de Alcantara) com as consolaçoens do Senhor creíce a devoção, em que consistem as azas, com q̃ voa o espirito. E finalmente para ser perfeita, ha de constar de tres cousas, que nos deu o Senhor nas tres vezes que se poz à Oração; isto he (como diz a Glosa) Principio, Meio, & Fim. Principio, na fé có que havemos de conhecer a Deos, & no conhecimento que havemos de ter de nos. Meio, na esperança que havemos de ter na amizade de Deos, ajuntandolhe as boas obras. Fim, na gloria de Deos, fazendo tudo por seu amor, & em negação de nossa vontade.

Foy o Senhor via no exemplo, verdade na doutrina, vida no premio. Se queremos gozar os premios, a que esta vida nos convida, convem que aprendendo

esta doutrina, imitemos o seu exemplo. Nas suas acçoens acharemos o Norte, a Estrada que seguramente nós leve, & acertadamente nos guie. Na sua verdade a certeza de chegarmos à perfeição quanto fugirmos da mentira das falsas promessas do seculo. E nos passos de sua vida os passos da Eterna Gloria, que elle só tem aparelhada. Para o que por via direita, cada hũa destas acçoens, que elle obrou em sua Payxão, nos ha de occupar toda a hora, ou tempo que orarmos, porque se se não esmeução bem, não lhe damos bem na sustancia. Necessário he cavar bem a terra, para que se ache a mina; & porque à flor da terra só, quando muito se achão flores; a comida, que não vay bem mastigada, não póde ser bem digerida, nem proueitosa à natureza: as perolas no fundo do mar se pescão, & não em cima da agua; por isso nos não cançaremos em orar, & meditar de hum folego toda a Payxão junta. Toda hũa noite gastou meu Padre Sam Francisco, sem cuydar mais que em duas palauras: *Meu*

Deos

Deos, & todas minhas cousas. Santo Agustinho passou muito tempo sem formar mais que dous conceytos: *Senhor, conheçavos eu a vòs, & conheçame a mim.* Gregorio Lopez passou nove annos, sem dizer em sy mais que isto: *Senhor, faça-se em mim vossa vontade.* O nosso Sam Diogo quasi toda a vida não teve outra Oraçãõ, abraçandose com a Cruz, mais que estar em acto continuo do amor de Deos, dizendo. *Amor meu, Amor meu.* E de Santo Isidro se conta, que por ser rustico em extremo, não dizia a Deos outra coufa, mais que estas breves palauras: *Dios mio, si tubieras ganado, yo te lo guardàra de gracia.* E esta he a altissima Oraçãõ, estar sempre em continuo acto de amor de Deos, sem affligir o entendimento com discursos demasiados, que às vezes deyxando vaidade gastaõ o tempo de vontade em superfluas meditaçoens, ou cuydados de pouco fruto. Serve-se Deos dos coraçoens, muito mais que das imaginaçoens: quer as victimas abrazadas, ainda que com menos enfeite se apresentem

nos seus altares; toda a maquina de discursus só então será proveitosa, quando sirva de nos mover, ou por vernos em fequidão, ou qualquer outra enfermidade que padece às vezes o espirito.

Divido por horas estes exercicios, para que em cada hũa aprendamos, ou observemos as virtudes, que exercitou o Senhor, em que nos havemos de empregar por algum de cinco effeitos, ou por todos: Ou para imitar a Christo; ou para nos compadecermos de seus tormentos; ou para admirarnos nelle de sua Bondade; ou para nos transformarmos nelle: ou finalmente para descansar nelle o espirito suavemente. Se o imitamos, seguimos o caminho das virtudes, em que o Senhor foy exemplo, & começamos de gostar de Deos, folgando de ser affligidos. Se nos compadecemos de Christo, evitamos aquellas culpas, porque elle morrera outra vez se acaso fora necessario, & pomos nelle o amor, que tiramos do mundo. Se nos admiramos do que fez Christo por nós, não nos admiremos de

de fazer muito por elle. Se nos transformamos em Christo em união mais conforme, he certo que morrendo a carne, fazemos já vida do espirito. Somos já filhos de Deos, & hũa mesma cousa com elle. E se dentro nelle moramos, & aquietamos nossas almas, chegamos àquella Benaventurança, que pode dar-se nesta vida, morando em Deos, & andando em Deos, vendo todas as cousas nelle, & a elle em todas as creaturas; vivendo pela sua vida em virtude da sua união; querendo por sua vontade, & entendêdo por seu entendimento.

Mas como nem todos tem Oraçam continua, nem facilmente a podem ter, & meditar todas estas Horas, & tal vez nem huma só até os que tem algum espirito, se observando as virtudes, que contém cada hum dos dias, ou cada hũa das horas, nos guardamos do que he contra ellas, teremos verdadeira Oraçam, & será muito mais util, que outras muitas meditações. Tambem bastará para nos desculpar com Deos, quando não possamos

orar, dizer dentro de nós, em qualquer occupação que tenhamos: *O meu Iesus está no Horto, ou Coluna, ou no Calvario, & eu estou jugando, comendo, rindo, passando, ou peccando, &c.* conforme o que estiver fazendo.

Finalmente he o Horto figura da Oração, onde os que tem verdadeyro espirito oraõ, & se resignãona vontade de Deos, como Christo: os descuydados vão a dormir como os Apосто'os: os que tem o coraçam nos interesses do mundo, vão a vender a Christo, como Judas; os que nam entram na casa de Deos, mais q̃ a offendello, vão a bucallo como a co-horte. Esta he a figura dos seculares, que quando vão à casa da Oração, parece que vão armados, & aparelhados s̃o para fazer defacatos a Deos. Judas he figura dos maos Sacerdotes, que pondose Deos nas suas mãos, elles com falsos osculos de paz dão final ao Demeio, de que o mesmo Deos anda com dles vendido. Os Apostolos, figura dos homens espirituaes, que por descuydos, & omissoens não fazem

zem de toda a vntade a Deos no mayor
grao da perfeçção E Christo verdadeyro
Original dos perfeitos filhos de Deos, q̃
a pezar das tribulaçoens, & misérias da
natureza, sempre estão promptos com o
espirito para a vontade do Senhor. Quem
pois quizer aproveitarse destes exêplos,
faberà, se na Oração serve ao corpo, se ao
espirito, à natureza, ou à graça, ao mun-
do, ou a Deos.



SEGUNDA FEYRA.

MATINAS.

CUydarey q̃ o meu coração he Hor-
to, aonde o meu Senhor vem a o-
rar; & chamando a minha Vontade, Me-
moria, & Entendimento, para que apar-
tados dos mais sentidos, como S. Pedro,
Sam Diogo, & Sam Ioaõ, dos outros
Discipulos de Christo, me manda o Se-
nhor

nhor vigiar, & ter oração, & pedindome
que o acompanhe na agonia, & tristeza
que o afflige, & melanconiza, parecer-
me ha que todo angustiado, & cheyo de
lagrimas, & penas, tomandome nos bra-
ços da alma, me diz estas palavras bran-
damente: Filho, eu aqui estou só, &
dezemparado, & posto nesta solidão, sem
haver quem falle comigo, nem quem me
queira pôr os olhos, peçote pelo meu
amor, que vires para mim o teu rosto, &
o teu coração, & que pois te chamo, & te
busco, me não dezempares tambem, dey-
xandome nesta tristeza, nesta afflicção,
nesta agonia, com que vejo perder o mû-
do por não querer estar comigo, fugin-
do da minha presença, como da do De-
monio: mas como tu tambem, meu filho,
te não atreves a aturarme, & estàs morrê-
do por fugirme, por ventura aborrecete
de que eu te chame, & pesate de eu estar
contigo? Enfastiate o meu amor? En-
fadaſte de minha vista? Pois ſabe de cer-
to, que menos quero estar no Ceo, q̃ no
teu coração, & que me agrada muito me-
nos

nos a companhia dos Anjos, que verme
em tua companhia.

Em lhe escutando estas palavras, com
humancia muito de coração, com hum
amor muito entranhavel, posto a seus
pès, ou nos seus braços, farey por gastar
todo o tẽpo, q̃ destinar para esta hora, em
hum vivo movimento da alma, & em q̃
a memoria se perca por sua vista, o enten-
dimento se pafme em seus beneficios, &
a vontade arda em seu amor, dandolhe as
graças de chamarme, & pedindolhe, que
me não deixe, nem largue da sua mão.

O fructo desta hora serà, conhecer a
vocaçãõ, com que o Senhor me trouxe à
sua casa, & escolha, que fez de mim para
andar em sua presença pela virtude da
Oraçãõ, contra quem (mais que em ou-
tra parte) mostrando no Horto os inimi-
gos do Senhor, que se armavão para o ti-
rar della, & saberem que este he o meyo
mais efficaz da salvaçãõ, & de quem mais
se teme o Demonio: fazendo pois conta
que me não convem deyxar só ao meu
Deos, nem dezemparrar ao meu Senhor,
que

que gosta de que eu o acompanhe, farey muito por ter grande amor ao silencio, & solidão, pois só assim acho ao meu Deos. E apartandome não só dos homens, mas até dos meus proprios sentidos, não durmirey (sobre a vigia que me convem ter na Oração) por não arriscarme a que me prendão o Mundo, o Diabo, ou a Carne, que no Horto da Alma me cercão, nam querendo por hum alivio, q os sentidos me pòdem dar, pòrme em perigo de cahir, & de que se queixe o meu Senhor, de que eu o deyxo a olhos vistos. E com isto exercito a abnegaçam de mim proprio, que he hũa das mayores virtudes, que andão na presença de Deos, que he o mayor de todos os bens.

LAUDES.

*Vigilate, & orate, ut non intretis
intentationem.*

C Vydairey como estando durmindo os Discipulos do Senhor no Horto,
to,

to, elle os veyo a despertar, avisandoos, que vigiassem, porque não entrassem em tentação; & isto não hũa, mas muitas vezes.

Considerarey os grandes beneficios, que devo a Deos, & as graças que lhe devo dar, pois sendo tentação toda a vida, que passo sem orar a Deos, & sem me unir com o Senhor, como quem sente os meus descuydos, & lhe vay muyto em minhas faltas, me desperta a todas as horas, me avisa a todos os momentos, & me acorda a cada minuto com os dictames interiores, a que eu resisto: tantas vezes com divinas inspiraçoens, de que eu lhe fujo cada instante, & com as memorias de sua Payxão, de que eu me esqueço cada dia.

Serà o fruto desta hora o conhecer, que o ter Oração he beneficio do Senhor, que he seu sentirme com espirito, que he meu verme com froxidão, que subir ao Horto he favor seu, que dormir nelle he obra minha. E por isso considerarey, que nem por verme na com-
pa-

panhia de Deos, que he só de quem me vem o amparo, a sufficiencia, & remedio; & finalmente pedir-lhe-hey, que pois hum Sam pedro, fundamento da sua Igreja, se descuydou; que pois hum Sam João emprego de seu amor se esqueceo; que pois hum San- Tiago escolha de sua vontade se divertio, que isto em todos foi o durmir, & todos houverão mister que o Senhot viesse acordallos; que me perdoe os meus descuydos, & que esperte os meus esquecimentos, & me acorde com seus auxilios, pois parece que me desculpa ter sido o homem mais perverso, ser hoje o filho mais ingrato, & sempre o servo mais inutil.

PRIMA.

Avulsus est ab eis.

CUydarey, que o Senhor logo q̃ poz no Horto seus Discipulos, & lhes encomendou que orassem, se afastou delles, metendose pelo mais interior do Horto.

Con-

Considerarey, que quando Deos nos traz mais consigo, & nos sobe a mayor Oração, ou porque fia mais de nós, ou porque de nós não fia muito; se afasta de nós muitas vezes, apartando a consolação, o espirito, ou a suavidade, que achamos na sua presença; & como então, & só se conhece quem he seu verdadeyro Discipulo, necessario he que neste tempo nos offereçamos muito mais, para que com qualquer penedo rebatamos as ondas ao mar do mundo; & como tronco exposto aos ventos, nos não mova o ar da vaidade, conhecendo que està Deos tam longe de nos deyxar, quando se afasta, q̃ então metido mais por dentro se nos mostra amigo mais intimo, porque o busquemos no centro da Alma.

Serà o fruto desta hora a vigilancia sobre nós com a mortificação dos sentidos, pois podemos nesta afflicção, que he prova mais que deゼmparo, perderem hum fechar de olhos tanto' como podemos reccar de Deos em desfabrir a mão.

T E R Ç A.

Et factus in agonia prolixius orabat

CUydarey como representandose ao Senhor, tudo o que havia de padecer pellos homens, quantos havião de cõdenarse ao Inferno, & desprezar a sua Gloria, quam poucos seguir o seu exemplo, & aproveytarse de seu amor, foy posto em muy grande agonia, & nella com mais efficacia orava a seu Eterno Pay.

Considerarey, que nos males, & tribulaçoens, não se ha de perder o ânimo, ainda que se perca o alento, nem se ha de desmayar o espirito, ainda q se desmaye a Alma: antes então com mayor causa chegarnos para o nosso Deos, dandolhe por tudo muitas graças; porque se da sua mão recebemos as obras, os males porque os não receberemos? O Senhor dà, o Senhor tira, & por tudo deve ser bendito, & não nos faz nisto semrezão, pois elle he Senhor de tudo.

Serà

Serà o fruto desta lãra buscallo com grande igualdade, assiã no mal, como no bem, pois nõs não temos outro Pay, outro Senhor, nem outro Amigo; pois sabemos que muitas vezes nos chama pelas tribulaçoens, para que vendo nossa miseria, o engano dos bens do mundo, não queyramos ter outro bem mais que orar, padecer, & mais padecer, atè que o orvalho do Cèo desça a fecundar a terra, & as sequidoens seão suavidades, conhecendo que este he o tempo, em que mais contentamos a Deos; porque caminhar entre flores de regallo, & não merecimẽto, mais he fir por elpinhos, & abrolhos. Este he o amor, esta a constancia.

SEXTA.

Non mea, sed tua voluntas fiat.

CVydarey como o Senhor nesta afflicção dizia a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Senhor, se não he possível, que se escuse este Caliz de minha

morte, aqui estois, faça-se a vossa vontade, & não a minha.

Considerarey, que se o Filho de Deos, o Morgado do Cêo, o Senhor do Mundo, & o Principe da Gloria, só havia de fazer a vontade a Deos, quando padecesse no Mundo, & nelle foi angustiado, crucificado, & afrontado, que fará hum bichinho da terra, que hontem foi nada, hoje he tam pouco, à manhaã menos, & só pôde ser alguma cousa, quando pondose nas mãos de Deos, se resigne na sua vontade.

O fruto desta hora será a Resignação, que aprenderemos do amor de Deos, sabendo que nesta virtude se acquire a perfeição de todas; pois se nella não declinarmos, ainda nesta vida com ella gozaremos aquella paz do Espirito, & aquella Bemaventurança da Alma, com que em tudo se acha repouso, em tudo gloria, em tudo merito.

NÓ A.

Apparuit autem illi Angelus de Cælo, confortans eum.

CUydarey, como estando o Senhor suando gotas de sangue, naquella penoza afflicção lhe appareceo hum Anjo, que o confortou, dizendolhe o pouco que lhe havia de durar a pena, o muito que havia de importar a morte, a gloria que com seus merecimentos havia de dar aos Santos do Cèu, o exemplo que lhe deixaria na terra, o amor que mostraria aos Homens, & em fim, que assim executava o Decreto de Deos.

Considerarey quanto devo fua no serviço de meu Senhor; quanto deve nas lagrimas dos meus olhos verse o suor do coração, pois o Filho do Eterno Pay, o mimo da Bemaventurança, a delicia da mesma Gloria, nas tribulaçoens do mundo, de todos seus poros fez olhos para fazer de todo seu Sangue lagrimas, tendo

por certo, que não ha de faltar o Senhor com a consolação aos affligidos, ainda que goste às vezes de os dilatar na tribulação, para lhe acrescentar a graça, & o merecimento, & que ha de vir o Anjo de Deos, se perseverarmos em seu amor. E quando isto não fora assim, ainda assim não forão dignas todas as payxoens do seculo, de alcançar a gloria que se nos promete no Cèo.

Será o fruto desta hora, a esperança nas misericordias do Senhor, com quem na presente vida não temeremos a hora da morte, & entre mil suores de morte nos dará gosto o fim da vida.

V E S P O R A S.

Amice, ad quid venisti.

C Vidarey em como o Senhor, sabendo que Judas o vinha entregar, o foi esperar, & lhe chamou Amigo, perguntadolhe a que vinha, para que confessando elle, & arrependido, ficasse logo perdoado.

Nesta

Nesta consideração, se nos rasgarão logo as entranhas com amor, & admiração ver qual he a bondade daquelle Divinissimo Pay; & se verá cõ quanto amor abraçará aos que o buscarem, se busca aos que o entregão, & chama amigo aos que o vendem; que chamará aos que o adoram; pois parece que as entranhas de Iudas se derramarão pela terra, em castigo de se não verterem pelos olhos em lagrimas, à vista de hum amor, que lhe mostrarão hũas entranhas de misericordia. Considerarey tambem, que o Senhor me pergunta a que vim ao mundo? a que vim à Religião? aos officios? às dignidades? às fortunas? aos infortunios? à graça, & à natureza?

Será o fruto desta hora, ter hum grãdissimo amor a Deos, cuja bondade incomparavel mais aborrescivel fez a nova culpa, pois atè no tempo das offensas nos poem diante o seu amor, para envergonhar nossa ingratidão, & confundir nossa maldade. Por isto em tudo o que fizer, cuidádo que vim só a amallo, & servillo,

& a obedecello, a d'arey sempre dizendo: Meu Pay, meu Lheos, & meu Amigo, vòs meu amigo, & eu fugindo de vòs? vòs meu amigo, & eu vendendovos? vòs meu amigo, & eu afrontandovos? Eu ao mundo vim a servirvos, à Religião a obedecervos; & em fim a adoravros: isto só quero, & só procuro; nem vòs queirais, meu Senhor, que outra cousa queira nunca, mais que fazer vossa vontade.

COMPLETAS.

*Hæc est hora vestra, & potestatem
nebrarum.*

CUydarey como os Soldados, que a acompanhavão a Iudas, prenderão ao Senhor, & elle se deyxou maniatar, & arrastar atè casa de Anàs, com aquella mansidão, & humildade de que tanto se prezou sempre.

Considerarey quantas vezes o Senhor ainda hoje se deyxar atar as mãos a sua Justiça, & a sua Omnipotencia; deyxandole levar na noite de nossa cegueyra do

poder das trevas da cegueira, que se oppoem à luz da Graça: quando depois de nos fazer cahir na rezão (que isto foi o fazer cahir por terra a cohorte) nos levantemos contra elle, não só tomando o Cèu com as mãos, mas pondoas sacrilegamente no Cordeyro do Senhor, de que se segue endurecermos o coração, como a Pharaó no Egypto, & não reparar, nem ver com esta cegueyra, que a offensa, que fazemos a Deos mayor, he fazello concorrer na sua mesma offensa, concorrendo como causa universal em todas nossas acçoens, donde o levamos arrastado, maniatado, e afrontado, até que chegando ao Tribunal da Divina Iustiza, nos desterra da luz eterna, pondonos para os sempre dos sempre nas elcuras trevas dos Infernos.

Serà o fruto desta hora, ter hum grandissimo odio aos vicios, pedir a luz da sua Graça, para que vendo que eramos trevas em quanto estavamos na culpa pelo poder do Demonio, não nos atrevamos contra Deos, a quem não devemos

atar as mãos, pois ellas nos fizerão, & dellas esperamos, que se abríão cada dia para deytarnos sua benção, & enchernos de misericordias, para nos ter da sua mão, & para que pondonos nas suas mãos, nellas se entregue o nosso Espirito.

— — — — —

TERC, A FEYRA.

COLUNA.

MATINAS.

A planta pedis usque ad verticem capitis non est in eo sanitas.

FEchadas as portas dos sentidos, metermehey todo dentro na alma, onde correndo a cortina aos legredos do meu coração, verey que elle he a Coluna, em que o Senhor està atado com asperas, & duras cordas; & chegandome maviofa-

famente a elle, olharey com olhos da alma, o estado em que o puzerão minhas maldades; & vendoo cuberto de sangue, & feito hũa chaga viva, morto de frio, & cheio de afrontas, para ver este espectaculo admiravel, & lastimoso, me assentarey muy perto delle, & lhe direy estas palavras, ou as que me ensinar o Espirito.

Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, quem vos chegou a pôr neste estado, que mãos, que alma, ou que penedo se atreveo contra vòs assim? A vòs imensa ferra oscura, infinita misericordia, bondade nunca encarecida? Que bruto, fera, ou demonio teve tamanho atrevimento, que em vòs chegasse a pôr as mãos? Se deffas mãos, meu Senhor, & Criador, que fizerão o Cèu, & a Terra, qualquer que fosse foi feitura; pondeme, meu Deos, os vossos olhos, que aqui vos venho a acompanhar, & daqui me não quero hir em quanto me quizeres convosco, & em quanto vos tiver comigo. E se ouvindolhe estas palavras, me deyxar o amor,

o amor, ou as lagrimas escutarlhe o mais que me diz; parecêrme-ha que elle muy amorosamente me conta a grande afronta, que lhe fizerão os meus peccados, antes de o atar à Coluna, em serem as pessoas, que o despirão, & o deyxarão nũ, fazendo-lhe mil desacatos, & zombarias

Serà o fruto desta hora, que o cometer eu neste mundo tantas lascivas, descompolturas, & todas as maldades, que cõtra a honestidade se cometem, nenhũa outra cousa he mais q̃ deixar nũ ao meu Senhor, para escarnecello, & acoutallo, & que isto farey sempre que aquillo faça.

L A V D E S.

CVydarey, q̃ tornando a ver o meu Senhor, & achando-o no mesmo estado, elle mesmo me vay contando como meus peccados, & maldades do meu coração de pedra endurecido na culpa, fizerão a Coluna, onde o atarão.

Parecêrme-ha que elle me diz com grande màgoa, que havendo feito o meu

cora-

coração para Coluna de sua Igreja, de-
zando dar-lhe valor para vencer seus ini-
migos, fortaleza para resistir às tenta-
ções, & guardar os seus mandamentos,
& para que sobre esta Coluna se susten-
tasse o Templo da Oração, que he a casa
onde elle mora, & os muros de Ierusa-
lem que elle edifica nas Almas, eu o fiz
Coluna tam abominavel da casa dos vi-
cios, em que os mesmos tentados morão,
q̃ como sinaes de não poder haver mais
vicios, a culpa o fez non plus ultra, dizen-
do, que não ha passar daqui.

Será o fruto desta hora, não querer
fer como Pharaõ, que resistindo sempre
a Deos, se lhe endurecia o coração, de
que se seguio, que no mesmo Mar Ver-
melho, onde os bons, como Moysés, a-
chãrão estrada para a terra da Promissão,
achou Pharaõ sepulchro para a morte da
eternidade.

PRI-

PRIMA.

Cuidarey anciosamente, tornando à companhia de meu Senhor, que elle me conta, como dos laços das minhas culpas, com que a Alma deu tantos nós cegos, fez cordas a minha liberdade para atar afrontosamente ao Senhor à Coluna do meu coração, quando elle com braços abertos queria fazerlhe com seus abraços outros mais apertados laços.

Parecerme ha, que o meu Senhor me diz a grande dor que teve, de que sendo hum dos mayores gostos seus, unir-se ao meu coração, não ouve cousa, que mais o atormentasse, que ver-se entam com elle unido, pois esta união era só para o ferir quem elle amava.

Será o fruto desta hora conhecer, que todos os embarços, com q̃ nos empece o Mundo, com que nos prende a Carne, são laços, com que nos arma, para que delles façamos cordas, com que atemos a Deos afrontosamente, para que elle com

as mãos atadas por não a culpa, nos não possa livrar dos laços, em que cahimos, & em que a cada ponto nos vemos.

TERC, A.

A Qui tornando a Alma para junto de seu Senhor, cuidarey que elle assim atado prosegue a historia começada com muita mágoa, & mansidão, & dizendolhe que olhe os golpes, o sangue, as chagas, as feridas, com que está todo lastimoso, me diz, que isto lhe fizeram meus pecados, minhas potencias, & sentidos, quando mais abraçada com o meu coração, mostrava que o seu amor o tinha prezo, muito mais que as cordas, & ferros.

Parecerme ha, que se não queixa tanto o meu Senhor do tormêto dos golpes, como da dor da injuria que lhe fiz em hũ tormento tam vil, que só se dà ao mais vil escravo, quem de amigo se fez verdugo, & quem sendo todo o seu amor, se prezou de ser a sua afronta, fazendo de

vícios tam torpes & aquellas crueis azor-
gues, que sem piedade o maltratarão; sen-
do tanto contra a honra de Deos, que eu
assim tratasse a seu Filho, quando na casa
da minha Alma foi hospede do meu co-
ração, por querer deitar fóra della os
meus mayores inimigos, a quem eu o en-
treguey como ingrato, & depois cego me
entreguei.

Será o fruto desta hora, estimar muito
a honra de Deos, & não querer enxova-
lhalla em o menor dezar da culpa, pois
cada peccado meu, não he contra o meu
Senhor hum açoute, q̃ lhe dou, mas húa
afronta, que lhe faço.

S E X T A.

T Ornando ao pès do meu Senhor,
cuydarey que có muitas lagrimas,
& com muy grande sentimento me diz,
como depois de o açoutarem por detrás,
para lhe fazerem o mesmo por diante, o
dezataram, & viraram, & em seu rosto, &
por toda a parte o fizerão húa chaga viva.

Pa-

Parecerme ha, que o Senhor me conta, que neste passo dissera a minha alma, & sentidos, que se até então o tinham offendido, que não era muito, pois elle lhe havia dado as costas. Aqui se pòde cuydar o tépo que elle nos tinha dado as costas, foy todo aquelle que vivemos sem memoria de sua Payxão, & sem dezejo efficaç de servillo, entregues ao mundo, & ao Demonio, que era o mesmo que não darlhe auxilios efficaçes. Mas que agora que se virava para elles, & que pondolhe os olhos, já se lhe não dava das culpas, pois as deixava para trás das costas, como encobrimdoas, que por seu amor o nam aggravassem mais, & não quizessem ao seu rosto fazer hũa tamanha maldade, como erão os açoutes, & afronta, que elle tão mal lhe merecia; & que pois elle lhe perdoava os outros, que lhe perdoassem tambem isto. Mas não bastando esta brãdura, esta piedade, & este amor, lhe fizeram mayor aggravo; & lhe derão mayor tormento.

Serà o fruto desta hora, abominar a
in-

ingratidão com que offendemos a Deos, depois que se virá para nós com olhos de misericórdia. E sobre tudo considerar a presença de Deos, que se entende na sua vista, a quem açouta, & injuriá qualquer peccado nosso por mais occulto que se faça, não tendo menos testemunhas que todos os Santos do Cêo, que nem sempre haõ de interceder, & que todos os Demonios do Inferno, que sempre nos haõ de accusar.

Atreverse hum bichinho vil a fazer diante da cara de Deos, & de sey Senhor & vista da Virgem Santissima, & de seus maiores inimigos, o que não fizera diante do mais vil escravo, he a culpa mais atrevida, & a maldade mais dezaforada, q cometem os peccadores, sendo certo, que ou sejamos bons, ou mãos, todos andamos na presença de Deos, & diante d'elle se faz tudo, & de o não trazermos diante dos olhos, nem lembrarnos, que nos està vendo, procede todo o mal.

N O A.

Pondome apar do meu Senhor, logo que tornar à Oração, cuidarey, que elle me havia contado muy amorosa, & brandamente, como acabando de açoutallo, começarão a escarnecello, de que se lhe seguiu o tormento de não ouzar erguer os olhos com a vergonha que tinha, nem a fallarlhe palavra, com a mágoa que o atravessava.

Parecerme ha, que o Senhor me diz os grandes males, que me fazia, & que eu zombava de offendello, rindome de havello afrontado, & de o deyxar escarnecido; pois a troco de que eu o não offendesse mais, reccava por me os olhos, que atravessarão hũa pedra, quanto mais hum coração humano! & por se não arriscar a que eu fizesse delle nova zombaria, & por isso me desse mayor Inferno, não abria aquella boca sanctissima, de quem o Cèu, & os Anjos pendem, & cuja voz com hũa palavra fez todo o mundo, & creaturas.

Serà o fruto desta hora, ter hum grande temor de Deos, pois por zombar quando o offendemos do muito a que nos ariscamos, por nam cuydar quando o devemos temer (que isto vem a ser o zombar) não só nos ficamos na culpa, mas escandalizamos a Deos, para que em húa escaça vista dos olhos, ou em húa voz ao coração, nos nam avise, ou visite com sua misericordia, para que nos metamos por dentro, & abracemos na nossa Alma, seguindo-se desta ouzadia ternos o Ceo tamanho odio, & o mesmo Senhor tam má vontade, que parece (segundo nos deixa) que já nos tirou a fallar, & já nos não pòde ver dos olhos.

VESPORAS.

TOrnando à Oração, & chegando-me ao meu Senhor, o verey estar chorando lagrimas de sangue. E perguntandolhe porque causa? me dirà có muy grande dor, que estando todos com elle todo o tempo q̃ o agoutarão, não houve

nenhum, que se fosse sem offendello; porém acabadas as offensas, nam houve nenhum que quizesse ficar com elle, por nam lhe ouvir as suas queixas, nem lastimar-se, nem consolallo, todos o dezemparrão, & deixarrão só.

Aqui me parecerà que me diz o meu Senhor: Filho, ninguem de mim se doe, a ninguem se lhe dà de mim: todos me deixão, todos me fogem, & eu de todos dezemparrado; nam choro a minha solidão, choro a perdição de todos, vejo que vão abraçar o Demonio, & que se vão meter no Inferno, & nam pode do ver ao seu Deos, ao seu Amigo, a seu Pay, como brutos sem entendimento se deixam levar de hũa vida, que vay a dar na eterna morte por caminhos sempre difficeis, & por caminhos sempre alperos. Nam sejas tu assim, meu Filho, pois te mostro a via direyta, chegate muito para mim, poente muito apar destas chagas, para que vendome por ellas as entranhas, & o coração, saybas que es o meu thesouro, pois eu o ponho agora em ti, chegate,

& chegate mais, pois eu te chamo, não te recees, pois eu te quero, não me fujas, pois eu te busco.

Serà o fruto desta hora, considerar, que depois de atarmos com novas culpas ao Senhor, para que nos não siga, o deyxamos para que nos não veja, buscando só aquelles gostos que delle nos apartam mais, por não ter coufa que nos não doa, ou à vista nos possa dar pena; de que se segue, q̃ ou metendonos de todo no mūdo, que he o Inferno, totalmente nos apartamos de Deos, sem mais nos querermos lembrar de seu amor, & Payxão. E aqui se pòde cōsiderar o mal que faz deyxar a Oraçam, depois de conhecer a utilidade que ella tem.

COMPLETAS.

TOrnando para o meu Senhor, cuidarey que o acho tremendo, agonizado, & desmayado, & vendo que entra em sy, logo que eu me chego a elle, lhe direy, tomando os braços: Meu Senhor

nhor da minha alma, amor do meu coração, ancia dos meus suspiros, meu adorado, & meu bem todo, quem vos poz em tamanha pena, quem vos causou tamanha dor, que já me nam fallais, meu Rey, que já me nam olhais, meu Deos? Que he isto, amor dos meus sentidos, vós sem alento, & eu com animo? vós tam defunto, & eu com vida? vós desfayado, & eu com alma? E dizem lolhe tudo o mais que o coração quizer, farey por me unir muito com elle, por dezatalhe as cordas dos braços, & lavarlhe as chagas com lagrimas, lavando, para parecerlhe melhor, com o seu sangue as minhas culpas.

Aqui me parecerà, que deitandome aos seus braços me agradece que assim o folte, ainda que queixandose de que achandose tantas vezes atado, não me pedisse o coração titalhe aquellas prizoês; & que vendo morrer de frio (que isto sam as friezas do amor de Deos) me não dèsse na vontade abrigallo nos meus braços, quando me parece que o seu Divino

Espírito me estava dando calor para me chegar a elle, mãos para o dezatar, & azas para o acolher.

Será o fruto desta hora, entender que todas minhas friezas de Espírito são o frio, que o Senhor padece, os descuidos do meu amor, as prizoens que atão ao meu Deos, & que logo que as friezas se acabem, & os descuidos se percão, se me acenderà o coração de maneira, que pondo em Deos todo o cuidado, trazendoo sempre no sentido, que não será difficiltofo sentir na Alma aquelles fogos do Espírito Santo, por cujos incendjios sulpire.

Summa.

MElhor que tudo será a toda a hora, tomando nos braços ao meu Senhor, não deyxallo só nem hum instante, ou escutandoo, ou respondendolhe, & sempre em hum vivo movimento de seu amor estar amandoo, & abraçandoo, & se não puder dar a Deos mais que huma hora, cuidarey o seguinte.

Con-

Considerarey, que sendo o coração fortaleza, que o Senhor havia fiado de mim, fazendo a Natureza treyção à Graça, a entregou aos inimigos de Deos, a quem por acharem dentro na minha Alma, atarão ao meu coração, cuja dureza impedernida o tinha convertido em Coluna de marmore, com as cadeas de meus vicios, onde sendo meus peccados azoragues, & minha liberdade verdugo, foy agoutado cruelmente, tratando como vil elcravo a quem era Senhor do Mundo, a Magestade do Ceo, & o mimo da Bem-aventurança; mas hindome mal com meus vicios, & vendo como me perdia nas mãos do Mundo, & do Demonio, tomando ao meu Senhor, & tirandoo daquella pena, pedindolhe muitos perdoens, & chorando em fim muitas lagrimas, lhe torneey a dar o dominio de suas fortalezas, deyxando fóra seus contrarios, & meus inimigos, com a força de sua ajuda. Fechando pois todas as portas por onde possa entrar dentro, pondo em defenfa tudo o mais por onde possaõ dar-me

me affalto, lhe pedirey posto a seus pès,
que para poder resistir, & defenderme em
seu nome, me não falte com seus auxilios
efficazes, para que em perpetua guarda
da sua Ley, se ponhão nas portas dos sen-
tidos muitos Anjos de minha guarda, nos
muros do entendimento a centinella da
Oraçam, na homenagem da Alma as ban-
deyras de sua Fè, nos armazens da me-
moria as muniçoens de seus beneficios, na
artilheria da vontade a polvora de seu
Amor, para que com o fogo do Espirito
Santo, que elle pòde mandar, abrazados
os inimigos, & eu acezo em Divinas
chamas, não só mortifique a carne, mas
fazendo fugir o Demonio, ponha por ter-
ra todo o Mundo com as cargas da Peni-
tencia, que he para o Inferno ruína, para
mim defensão, para o Ceo salvas se repetê
muitas vezes, não só nas trincheyras da
Perseverança, mas sobre o fosso da Hu-
mildade.

QUAR-

QVARTA FEYRA.

ECCE HOMO.

M A T I N A S.

R Ecolhido o meu coração , me parecerà, que assim como Pilatos mostrou o meu Senhor ao Povo de Ierusalem, coroada a cabeça de espinhos, com hũa purpura ridícula, & com hum scetro vão de cana, atadas as mãos, o corpo cheio de feridas, o rosto afrontado, injuriado, culpido, & disfigurado : Assim o Eterno Pay mostrádo dentro na minha Alma ao povo de minhas culpas, & aos Ministros, & Pontifices de minhas potências, & tentidos; diz a todos, que alli tem diante dos olhos, a quem ferirão, & maltratarão meus pensamêtos com espinhos,

mi-

minhas lascivias com açoutes, minhas vaidades com desprezos, minha ouzadia com salivas, minhas solturas com baracos, & minhas ostentaçoens cõ purpuras.

Parecerme ha depois disto, que pergunta Deos a meus vicios, se querem perdoar a seu Filho, pois se lhe escusará a morte, escusando elles a culpa, E todos responderão: Crucifícao, Crucifícao. Cõ o q̃ entristecido o Senhor, affombrado o Ceo, pasmados os Anjos, & confusamente admirados os Elementos, & Creaturas, ficarão suspensas naquella maldade minha.

Será o fruto desta hora, crúcifirmos ao Mundo, nossos sentidos, & potências, pois se atrevêrão impiamente a crúcifícar a seu Senhor. Veremos, que sem mortificação não andamos seguros na Terra, & que he necessario trazermos na cabeça pensamentos, que nos fação dor, andarem as nossas mãos atadas como quẽ vay ao sacrificio, & vestirmonos de paciência contra as zombarias do Mundo, fazendo nos com a paciência huma imi-

tação do Corpo de Christo, que todo
estará em chaga.

LAVDES.

TOrnando a ver ao meu Senhor, me
parecerá que me diz o Eterno Pay:
Eis aqui tens a quem condemnas, porque
se faz Filho de Deos, esse he o Homem
que persegues; & me repete, esse he o
Homem que persegues, porque tam ou-
tro o deixarão os açoutes, & feridas, que
ao mesmo parece que era necessario di-
zer que era seu Filho, para que eu, & as
minhas culpas conhecessem, que era quem
eu, & ellas acusavão.

Aqui considerarey, que se o Filho
de Deos por amor de mim chegou a pare-
cer tam outro, que parecia peccador, pois
em hum castigo tão cruel mostrava que
tinha culpas, que me he necessario to-
mar a sua innocencia, & parecer Filho de
Deos, para que cõ esta troca, sendo muy
outro do que fui, nada me fique do que
fou.

Será

Serà o fruto desta hora, huma grande mudança de vida, para que com Sam Paulo possa dizer, que já não sou eu, mas que sou o Crucificado, & que vive dentro em mim Christo, que a minha vida toda he Christo, & o morrer he toda minha gloria.

PRIMA.

M Etendome no meu coração, me parecerà que acho nelle o meu Iesus, na mesma figura que antes, & que em chegando a elle, me diz estas palavras muy amorosamente: Filho, se depois de atravessarme a Alma com teus mãos pefamentos; se depois de meter debaixo dos pès a minha Divindade com tuas vanglorias; se depois de zombar de mim com tuas vaidades; se depois de me abrir a açoutes com teus deleites, ainda me queres pôr na Cruz, & me nam perdoas a morte, eisme aqui, faze o que quizeres, eisme aqui tens, não me perdoes; eisme aqui tens, afrontame, & crucificame; porque aparelhado estou para entregar-me

me em tuas mãos, & fazer a tua vontade.

Aqui considerarey, que todas as vezes que estou para cometer alguma culpa, nenhuma outra cousa faz o Senhor, que já de meus pensamentos vem ferido, & de minhas obras magoado, mais que pôrse diante de mim, & dizerme: Filho, cisme aqui, se sobre o que te hey sofrido me queres crucificar agora, eis aqui me tens, põe-me na Cruz, que isto he para mim outra culpa.

Será o fruto desta hora, ficar cõ hũa perpetua memoria destas palavras, que para toda a tenção são utilissimas; aprendendo tambem aquella mansidão, & brãdura, com que parece que aos melmos aggravos se entrega, & não se escandaliza.

TERÇA,

TOrnando dentro a minha alma, & vendo ao meu Senhor muy triste, lhe perguntarey com amor: Meu Deos, meu Amor, & meu Senhor, alegria dos meus

meus sentidos, & sempre gloria de minha Alma, quem vos cautou essa tristeza? Quem vos mudou tanto a figura, que já não acho em vossos olhos a graça com q me vião.

Parecerme ha, que o Senhor me responde: Filho, menos me aggravão hoje os mãos, que os que devião ser bons, pois acho mayor pidade nos meus deyxados, que nos meus favorecidos. Pilatos muitas vezes me quiz perdoar a morte, & o meu Povo mimoso não cessa por me tirar a vida. Vê tu, se as entranhas de hũ Deos, que são tudo misericordia, deyxaram de se despedaçar, metendo no coração estas viboras.

Serà o fruto desta hora, considerar que as offensas que Deos sente, são mais as dos seus escolhidos, pois não he muito q não corra ao mar quem nasceo lagôa, mas que contra a ordem natural, não corraõ a seu centro os rios, que para o mar tem o caminho, & inclinação, & a natureza; este he o mayor espanto,

S E X T A.

Regnum meum non est de hoc mundo.

ENtrarey no meu coração, & vendo o meu Senhor coroado de espinhos, com hum scetro de cana, & com huma purpura de escarnio, lhe direy: Meu Deos, meu Rey, & meu Senhor, que insignias são estas tam estranhas de vosso Imperio, & Magestade? Não sois vós o Senhor do Mundo? Não sois vós o Principe da Gloria? Pois como he isto, meu Senhor, que não entendo esta figura em que vos vejo tam mudado?

Parecerme ha, que me responde: Filho, o meu Reyno não he como os do mundo; nem quem quizer reynar comigo ha de querer os Reynos da terra; quem nella me imitar para reynar no Ceo, ha de ter Coroa de Martyrio; o seu scetro ha de ser zombaria do mundo, a sua purpura desprezo; tam pouca cousa são esses thronos, de que o mundo faz pertençaõ, que

que quem os não tem por mais ocos que a cana, por mais desprezíveis que a purpura, por mais asperos que as espinhas, de Rey se fará escravo, & não menos que do Demonio, & será atormentado no Inferno para toda a eternidade.

Será o fruto desta hora, hum efficaz conhecimento do engano dos bens do mundo, para que delle só nos fique hum vivo, & certo conhecimento, & deenganho, com que zombemos da mentira, com que nos dourão suas quimeras, & não entremos na farça, cõ que passão suas figuras.

NOA

TOrnando à vista do meu Deos, me parecerá que o acho muy dolorido; & perguntandolhe o que tem, imaginarey que me diz: que não sente tanto a dor que lhe fizerão as espinhas, a zombaria que se lhe fez na cana, & a vergonha q̃ lhe causou a purpura, como a que elles significão.

Para o saber, considerarey, que os

espinhos são de juncos marinhos, tirados do mar, figura da Graça; a Cana, a planta q̃ deita mais raizes na terra, amaldiçoada pela culpa: a Purpura tinta no sangue de hum peixe, que não tem memoria: & apartarse tanto do lugar da Graça, quem offende o seu Senhor, deitar tantas raizes no mundo, quem havia de buscar o Ceo, & não ter memoria da morte, quem dos seus despojos faz gala, isto he o que Deos mais sente, pois por não haver lembrança da morte, se perde cegamente a vida, figurada no sangue da purpura, por se meter pela terra dentro, se perde a vaidade dos homens, representada no sectro da cana: & por se pôr muy longe da Graça, se culpa a maldade do Mundo.

Será o fruto desta hora, ver que hum agudo pensamento da culpa nos tira de hum mar de Graça, hum leve descuido da Payxão de Christo nos arrisca a vida do Espirito, hum a vã presumpção do mundo nos faz perder o Ceo, metêdonos por dentro do Inferno, aonde se prende

raizes da vangloria, luxuria, & de toda a vaidade humana.

VESPORAS.

M Andando a todos meus sentidos, que dentro na minha alma vão fallar com o meu Senhor, me parecerà q o acho chorando naquella figura lastimosa, com que a qualquer memoria minha diz: Eisme aqui; & perguntando-lhe com muito amor, porque chora com tanta magoa, imaginarey que me diz: Filho, tu es a causa de meu pranto, porque tu es como Pilatos, que depois de não achar rezão para offenderme; depois de querer que outros muitos me não aggravam fazendo muito por servirme, depois de perguntarlhe muitas vezes que mal lhe fiz, & em que pequey, perdes quanto me obrigaste por respeito dos homens, bastando hum medo vil de perder os bês da terra, & de faltar às rezoens de estado do mundo, temendo mais aos homens, q a Deos, para perderes o animo, com que po-

poderàs agradarme de todo, & subir ao estado da perfeição; sendo a mayor dor ver, que pelo caminho do Ceo, para qué só faltava hum passo, te precipitas ao Inferno, onde não ha remedio, & em fim vens a perder tudo por huns nada, que faltão, & que deyxas de vencer, por querer antes a Deos afrontado, & a teu Senhor em huma Cruz, que a Cesar offendido; isto depois de confessares que nam tinha causa algũa.

Serà o fruto desta hora, conhecer quãtas vezes pelas amizades dos homens, & pelos respeitos humanos, perdemos o respeito a Deos, & a amizade do Senhor; & quantas vezes por não perderas Dignidades da terra, perdemos o Reyno do Ceo, deixando de chegar à perfeição, por não chegar a dar mais hum passo no caminho espiritual. Servirnosh a esta consideração, que he utilissima de esperar a razão, & resolução para exercitar o valor do Espirito, com que sem medo de noslos inimigos devemos servir fielmente ao Senhor

COMPLETAS.

Restituindome ao meu Deos, para acabar com elle o dia, me parecerà que o yejo com a mayor dor que nunca; & perguntandolhe o que tem, imaginarey que me diz; Filho, sendo tanto o que me vísse sentir atègora, não tem comparação com o que agora sinto; pois entregarme Pilatos aos Iudeos, conhecendo q̃ não tinha causa, mào he; mas era barba-ro. Entregarme contra sua vontade aos Iudeos, não he bom, mas era homem. Entregar o seu Deos ao Demonio, peor era, mas era Idolatria. Porém fazendome esta afronta, & conhecendo esta injustiça, lavar as mãos deste feito, isto he o que mais me aggrava, pois se ficou tendo por justo. Assim que tu me offendesses, bem que me tivesses por justo não era muito, se eras nescio, que contra teu gosto outras vezes seguisses a rezão do mundo, não to estranhey, porque eras homem. Que idolatrasles loucamente a minha offensa, & teu

teu engano, eu to sofri, que andavas cego; mas que pondome em huma Cruz, ou consentindoo, que he o mesmo, que confessando que era culpa o que se fez porque o quizeste, que conhecendo a liberdade que tinhas para não peccar, que entregandome a meus inimigos (isto he aos vícios, & peccados) que assim me afrontão, & atormentão, fazendo isto a mãos lavadas, te imagines muyto innocente, & te pareça que es hum Santo, isto me corta o coração, isto me atravessa as entranhas.

Serà o fruto desta hora, ternos sempre por peccadores, & não por justificados, pois em huma breve complacencia com que nos entregamos aos vícios, entregamos à Cruz a Christo, fazendo, em nós o mesmo qualquer payxão mortificada mal, ou qualquer graça resistida a terse por santo, & por justo quem vive na casa da culpa, que isto he o viver na terra; já faz o mesmo que Pilatos, pois querendo servir a Deos, & desejando sumamente não impedir o mal, lhe faz perder

todo o bem, & cometer este peccado; tirarey daqui, que não he menor mal o bẽ que deyxo de fazer, que o mal que faço.

Summa.

MElhor que tudo ferà a toda a hora tomallo com muitas lagrimas nos braços da Alma, fallarlhe com o coração, & responderlhe com as entranhas, & tirarlhe da cabeça os espinhos, com lançar fóra os mãos pensamentos, tirarlhe a cana da mão com pizar a nossa vaidade, despidolhe a purpura dos hombros, com chorar muito a sua afronta, de que hum tempo fazemos gala; dezatandolhe as mãos com dezembaraçarnos do mundo, para pôr nas suas mãos a nossa vontade; faremos por gastar todo o tempo em hũ ardente fervor de Espirito, em huma palmada admiração, em huma perpetua acção de graças, com que louvando sua misericordia, dando graças a seu amor, & implorando suas piedades, depois de nos doer mos com elle de suas chagas, & feridas,

das, & depois de apertar-lhas com a Alma, sendo os seus braços ataduras, & curar-lhas com o caustico de hum vivissimo, & ardente amor, lhe pediremos, que por esta coroação, & à honra della, nos conceda, que ponhamos na Alma esta insignia como coroa de victoria, & como final de triumpho contra todas nossas tentações.

Quem não tiver mais que huma hora, cuy darà que a nossa Alma he Corte, o coração Paço, a memoria Throno, a vòtade Valido, o entendimento Conselheiro, os sentidos Ministros, & o meu Senhor o Rey, a quem todos servem, & obedecem por Ley natural. Mas rebellãdome contra elle, por entregar ao Demonio todo o imperio da liberdade do mesmo meu coração, onde o Senhor sempre morava, estimandoo como seu Paço, conjurandome com todos os vicios, o prendi, atey, & afrontey, & depois de açoutallo à Coluna para zombar do Rey Eterno, lhe dey coroa de tormento, sce-tro de zombaria, & purpura de escarnio;

& mostrando de dentro de meu coração a todas as culpas, & vícios, que o cercavão por toda a parte, lhe direy o estado, em que o puz, & se querem que o crucifique. Mas tornando em sy a razão, & dizêdome o entendimêto a grande treyção, que fazia a hum Senhor, que me amava tanto, quam ingrato correspondia a quem me tratou tam benigno, & em quanta afronta tinha posto o Senhor dos Ceos, & da Terra; mais com o pezar de offender tamanha Bondade, que com medo dos castigos q̃ merecia, estalandome o coração, & fazendoseme em pedaços, cahia sobre todos meus vícios, que enterados nesta ruína, & afogados em hum mar de lagrimas, ac, bem subitamente, ficando eu aos pès do meu Senhor, pedindolhe muitos perdoês, & restituindome elle aos sobreditos ministerios, tornarey mais efficaçmente a sêrvillo, como a meu Pay, como a meu Deos, & meu Senhor.

QVINTA FEYRA.

COM A CRUZ AS COSTAS.

MATINAS.

*Et bajulans sibi Crucem, exiit in eum,
qui dicitur Calvariae locum.*

P Arecermecha, que acordando a minha Alma do sono do descuydo aos gritos do coração, que sendo para o Senhor rua de Amargura, o vê passar com a Cruz às costas, vay tambem ver este espectáculo, & a poucos passos com que o busca, o acha dentro em sy, mudada a cor, perdida a fôrma, cheyo de sangue, & feridas, com cordas nas mãos, & garganta, & na mais lastimosa figura que he possivel imaginar-se, & virandose para mim, cuidarey que me diz estas palavras-

&

& ferà m a meditaçam desta hora.

Filho: todos no muado, ou me seguem, ou me perseguem; seguem-me os que imitandome, não só tomão, mas abração a sua Cruz, conhecendo que sem ella se não pôde chegar ao Monte da Oração, nem ao da Gloria: perseguem-me os que tendo a Cruz por afronta, & não se atrevendo a soffrella, passaõ leve, & goftozamente por esta vida da amargura, de quem he rua todo o mundo, querendo fer na terra mais que Deos, pois querem no lugar da culpa fer Bemaventurados. Se pois eu, que sou Filho de Deos, não hey de entrar no Ceo sem Cruz, como tu, sendo peccador, cuydas q entraràs sem ella no Ceo? Se te prezàs de meu discipulo, se queres seguirme, & salvarte, toma, toma tua Cruz, & vem atrás de mim, & não busques outro caminho, que este só he o verdadeiro. E envergonhate Peccador, de que havendo tantos que me figão com Cruzes tam pezadas, receas tu hũa tam leve, que só peza o que te pesa de verte o mundo atrás de mim. Tiveste
vãlor

valor là no seculo para arrastar briozamẽte o pezado jugo da culpa, & faltate hoje coração para levar sobre teus hombros hũa tam leve Cruz de cana. Envergonhate servo inutil, de que servisses ao Demonio có mais cuidado que a teu Deos, & de que haja tantos no mundo, q̃ sofrão mais por Satanàs, do q̃ tu pelo teu Senhor. Segueme, segueme, meu Filho, que aqui vou diante de ti, para passar primeiro os riscos, que pòdes ter nesta jornada, & não cuydes de mim tam pouco, que sobre tuas forças te darey Cruz com que me sigas.

Serà o fruto desta hora, conhecer, que para salvarme, & ser servo de Deos, hey de ter Cruz com que o siga, & com que imite os seus passos, que não só se derão para meu remedio, mas para meu exemplo, & para conhecer esta Cruz, quando eu a não tenha nos preceitos, que guardo, nos votos que fiz, ou em qualquer outra coula, com que o Senhor madà claramente, poderey crer que a tenho, como Sam Paulo, em toda a grande ten-
ta-

tação que tenha; & quando estas me faltarem pela misericórdia de Deos; a poderey fazer na navegação das vontades da natureza, pizando varonilmente todas as repugnancias da carne, que se oppoem à Graça, & ao Espirito.

L A U D E S.

DEsejando seguir ao meu Senhor, ainda q̃ me seja pezado entrar em Oração, disto farey Cruz para o acompanhar; & entrando dentro de minha Alma, o verey acompanhado de dous Laddroens, que tambem levão suas Cruzes. Aqui me parecerà, que pondome o Senhor aquelles seus olhos cheyos de amor, me diz: Filho, os maos tambem té Cruz, & muitos destes mostrão ao mundo, que me seguem, mas com muito grande differença, que estes vem comigo para me afrontar, & para se perder, se algũa rara contrição não faz que se lembre delles a minha misericórdia. Os bons vem para me ajudar a levar o pezo da Cruz, que eu

reparto com meus amigos. Vê tu agora se te convem ser destes, se daquelles; & se havendo de ter Cruz no mundo, te cõvem tella para fazer della escada para o Céo, ou para delcer por ella para o Inferno? Olha tambem não te enganes com a tua Cruz, porque em te sendo pezada, he final que não he boa.

Será o fruto desta hora, conhecer, que não basta ter Cruz, se a Cruz não he boa, pois tambem as Cruzes dos Ladrosões erão Cruzes, mas não crão como as de Christo; & para o saber, examinarey se madeu o mundo, ou a culpa, ou se a tomo eu. A primeira he Cruz do Demônio, a segunda de Christo; porque nisto se declarão as palayras, com que o Senhor quer q̃ a levem: *Tollat, &c.* Tomando cada hum Cruz, que seja sua, & não dada por outro; porq̃ tambem esta leva se por força, aquella por vontade.

PRIMA.

Tomando pois a minha Cruz, & seguindo a meu Senhor de todo o meu coração, o verey cahir muitas vezes, lastimandose magoadamente nas pedras duras do meu peito, & levantandose logo, sem parar me diz estas palavras: Filho, se depois de teres Cruz, & de me seguires, cahires, trata de levantarte depressa, & de hir a diante; porque se assim o não fizeres, tornando para trás, he certo que deixas o caminho do Ceo, & se te detiveres muito, chegaràs tarde, & não poderàs subir ao Monte, onde eu te espero nos meus braços. De nenhuma maneira desconfies, quando cahires, entende que te atrazaste muito, & que já nam poderàs alcançarme; porque se a tua queda for mais fraqueza, que vontade, & mais tropeço, que advertencia, sabe que te vou esperando; porque sey, q̃ se tu me amas, nestas quedas has de cobrar forças, com que cobres mais que o perdido, & có que apres-

apresses mais o passo. E se vès, que em mim cahe a natureza com ajudalla a Divindade, porque cuidas que não cairà em ti a Graça combatida da natureza? Os justos cahem muitas vezes, quanto mais os que são peccadores, & ha nisto só a natureza, que os bons cahem de inadvertencia, & os proverfos por sua malicia. Se desces, que muito he que te humilhes, & se sobes, que muito he que cances; còtudo o que mais te importa, he levantar-te, & hir adiante, que aqui estòu para darte a mão, & para levarte nos meus hõ-bros, quando não poderem os teus.

Serà o fructo desta hora, conhecer, inda que me veja cair, que o que convê, he não parar: & chegandome ao meu Senhor, que he certo que me espera com sua misericordia, pedir-lhe humilde, & amorosamente, que me perdoe minhas culpas, pois sabe a minha fragilidade, & conhece qual sempre fui, pois o que tenho bom, he seu, & só meu, o que em mim ha mau; porque de outro modo, afastando-me da Oração, & da conversação do Senhor,

nhor, he sem duvida que me entrego a meus inimigos, & me ponho d'elle tam longe, quanto elle vay para diante, & quanto eu torno para tràs.

TERC, A.

*Filiæ Hierusalem, nolite flere super me:
sed super vos ipsas fleve, & super
filios vestros.*

TOrnando aos passos amargozos cõ que sigo a meu Senhor, me parecerà, que virandose o Senhor para todos os devotos de tua Igreja (que dislo he figura Ierusalem) os começa a ensinar, & advertir, que não chorem só porque querem, senão por obrigação que era devida.

Considerarey, que bastão às vezes duas lagrimas, & qualquer devoção, com que sigamos ao Senhor, para q̃ viçe para nòs os olhos de misericordia, & nos ensine com as palavras, assim como com as obras. E nos advirta o melhor modo, cõ
que

que o podemos servir. Aqui veremos também como não falla com outros, mais q̃ com as filhas de Ierusalem, sendo que (como diz Caietano) muitas outras o acompanhavão, & lamentavão também. E a razão he, porque a turba, q̃ pedio q̃ o crucificassem, era indigna de fallarlhe Deos, & às mulheres de Galilèa não tocavão os ameaços, que Christo fez às do seu Povo, que havia de ser destruído pelas culpas que comeria. Isto finalmente vem a ser, que chorassem por seus peccados, porque parece que não quer o Senhor dar castigos, sem ensinar os meynos de achar sua misericordia, como agradecido àquellas lagrimas, que para o seu amor são perolas, se do fundo do amargoso do mar da penitencia se tirão das conchas do coração.

Serà o fruto desta hora chorar interior, & exteriormente por nossas culpas, & peccados, não lagrimas, que por compayxão tenhamos nos olhos juntamente a sua origem, & o seu fim, mas que nação do coração as raizes amargozas da contrição,

ção, & da penitencia, onde ellas tẽ a melhor fonte, & o amor o seu principio; pois por ellas se perdoou a Pedro, por ellas se não soverteo Ninive; por ellas foy Santa a Magdalena, & as mais conversoens das Almas começarão nella agua mysteriosa, onde se temperão as armas da Iustiza Divina, & se forjão os rayos de seu Divino Amor.

SEXTA.

ENtrando na Oração, me parecerà q̃ vejo o Senhor na mesma figura hir-nos continuando os avisos, quando nos faz ameaços, dizendo; que se nos Tribunaes da terra se fazem estas justizas no Innocente, que se farà no Peccador, quando no dia do Juizo apparecer no Tribunal da Divina Iustiza.

Aqui considerarey, que devo não ser como Caifás, a quem dizendo o Senhor, que assim o veria no dia do Juizo, não se persuadindo que contra elle o podia haver, pelas offensas que então se lhe representen-

sentavão feitas a Deos, rasgou os vestidos, & não o coração, mostrando q̃ lhe não passava a dor dos vestidos. Por isso se nos espedaçaram as entranhas, vendo a grande conta, que darão neste terrível dia aquelles que tam pouca fazem no mundo da muita que hão de dar em o Juizo, lançando os mais delles tão temerarios sobre o viver dos outros homens; & tal vez mais justificados. E aqui farey porque se me represente qual será o fogo do Inferno nos madeyros secos da culpa, se na planta verde da Graça se ateou abrazadamente o fogo da maldade humana. Verey tambem como este dia será tam horrendo, & terrível, o rosto benigno do Senhor, que temendo mais os condemnados a sua vista que os tormentos, pedirão aos montes que os cubrão, & aos outeyros que os escondão, sem que lhe valha então o medo, pois lhe não val agora o Juizo.

Será o fruto desta hora, a consideração do dia do Juizo, & daquelle affeito tremendo, com que sobre o Throno das

nuvês ha de apparecer o Senhor, por cuja causa todos os culpados do mundo faremos por esconder os olhos, & não lançar os olhos, nem juizos temerarios, nem meternos nas vidas dos outros, julgando-nos sempre a nós mesmos nos exames da consciencia, que devem ser a cada hora, & quando menos cada dia; & cada hora pòde chegar a derradeira; onde o nosso dia do Iuizo he o nosso ultimo dia, que não só podera ser o de à manhã, porém tambem o dia de hoje, daqui a pouco, logo, ou já, & não convem que vivamos em estado, em que nos pese de morrer.

N O A.

TOrnando a ver o meu Senhor na amargura do meu coração, & nos pastos da minha Alma; se me representará aquella Mulher devota, que com hũa toalha branca alimpou seu santissimo rosto, cuja figura lastimosa lhe ficou impressa na toalha.

Considerarey; que assim deve fazer a
mi-

minha memoria, chegandome muito ao Senhor, & limpandolhe seu fantissimo rosto com huma purissima intenção, onde me fique o seu retrato; envergonhandome muito, de que na lamina de huma Alma se não pinte tam vivamente, & que nem ainda de morta cor pinte como quer o coração; & entendendo que à falta de pureza, que na brancura se declara tudo o que neste debuxo faltar aos meus! sentidos, farey muito por lavar com lagrimas as manchas, que os afearem, esmerandose a consciencia em toda a limpeza de Espirito.

Será o fructo desta hora, o conhecer quam util me he a memoria da Payxão de Christo, pois he certo, que esta se não imprime lenão em almas muito puras, onde já fica o seu retrato, quando nem por sombras achamos em outro retrato bons pertos, & quando do rosto da culpa só nos parecem bem os longes.

VESPORAS.

L Evandome a memoria do meu Senhor a ver os passos, que dà na minha Alma, & vendo o hir tam magoado, os hombros feridos da Cruz, o corpo cahindo de fraco, os olhos mortos de tristeza, o cabello cheyo de sangue, a boca toda denegrida, a feição toda demudada, a respiração afogandose, os pès cortandose, & trocandose, me chegarey a elle com grande amor, & mágoa do meu coração, & lhe direy: Meu Criador, meu Deos, meu Bem, & meu Senhor, ponde aos meus hombros essa Cruz, descannay aqui nos meus braços, que tempo tendes para os passos, a que meus erros vos obrigão, sinta eu tambem o tormento, pois que foy minha a culpa. Reparti comigo essas dores, pois tam benigno, & amoroso me dais vossos merecimentos, não venha eu aqui só a vervos, venha tambem para livrarvos; não seja isto só a olhar, seja tambem a sentir; & parecermeha que me responde.

Fi-

Filho, todos os meus passos são para teu remedio, todos os teus devem ser para meu serviço, & ainda que te pareça que mo fazes em me deter, & ajudando-me, não te convem em que pare em remediarte, nem que tu pares em servirme; importa que te não detenhas, nem no teu bem, nem no teu mal; de passo has de hir por huma vida que se acaba a cada passo; & assim como os males do mundo se não devem temer, porque todos são transitorios, assim os bens se não devem estimar, pois não são permanentes. Não tens grãde amor à Cruz, se no meyo das amarguras queres a gloria de meus braços; as suavidades, & os gostos, que assim deseja o teu Espírito, são fraquezas do coração, que não atura os seus rigores; trata agora de padecer, que he o q̃ mais te importa, & não duvides tanto de ti, nem de mim, que imagines que te hey mister; cuida que me has mister a mim, & que esse amor com que me buscas, esse valor com que te sentes, he só aquillo que me eu meto por dentro de teu coração, faz e

por não desfallecer, porque ainda não chegaste a subir o que te falta para a morte. Vem, que então quero que me ajudes, & ao menos que não deimayes, pois não sobem a estar comigo, senão os que tem muy grande animo, huns coraçoes tamanhos, que não cabem em todo o mundo, que passem da Terra, & do Ceo, & em quem ao menos cayba tudo quanto eu desejo meter nelles, são os que eu sómente estimo, para depositar meus thesouros, & para ocupar meu amor; agora segueme, conhecendote por inutil, louvandome por misericordioso, amando-me por minha bondade, & pedindome o que te convem

Será o fruto desta hora, conhecer q̃ toda a vida he hum passo, & se o Senhor sem parar na Encarnação os deu do Ceo à Terra; no Nascimento do ventre ao Mundo; na Redempção do Horto à Cruz; na consumação da Cruz à morte, não devemos nós de parar detendo nas penas ao Senhor, & detendonos na consolação; antes preparar as consolaçoens para

para toda a guerra do Espirito, conhecendo em suas batalhas, q̃ todas se se vencem, nos dão coroas, que o Senhor não se comunica às Almas muy magnanimas.

COMPLETAS.

PArece-me ha, seguindo na Oração a meu Deos, que o vejo subir ao Monte Calvario, onde no ultimo passo não para para descansar, senão para mais padecer, pois tirandolhe a Cruz para o crucificar, arrancandolhe com a tunica a carne que se lhe pegará, não só com o sangue das feridas, com hum mar de suor de sangue; depois de a darem aos soldados, onde ao peor cahio em sorte, o mandarão deitar na Cruz, para nella lhe tirar a vida. Considerarey neste passo que succede aos perfeitos, a qué o Senhor subio a mayor grao da Oração, pois não havendo mais que subir, não parão para descansar, senão para mais padecer, nem chegão à cõtemplação, senão para mais sentir; sendo o menos que fazem entam
des-

despirse nam só de tudo o que levão do mundo, mas juntamente de sy mesmos, sentindo então a mayor Cruz, atè se lhe acabar a vida, como se vio nos Apostolos, & o testemunhão outros Santos.

Serà o fruto desta hora, não desejar chegar ao alto da Oração, & ao vltimo passo da perfeição pelo premio que se nos promete, senão por imitar melhor a Christo, desejando padecer por elle, & por todos os mãos do mundo, a troco de que a sua bôdade tenha misericordia delles, & veja em nòs, que o seguimos, desejando mais a gloria de seu nome, que a nossa Bemaventurança.

Summa.

MElhor que tudo isto será em hum vivo movimêto de amor de Deos, hir seguindo suas pizadas, & gastar todo o tempo fallandolhe com o coração, sem parar nas grandes amarguras que tem os passos deste Mundo, fazendo com grande fervor do Espírito, porque a Alma se não des-

desmaye até chegar com o Senhor ao Monte, figura do mais alto estado a que se chega nesta vida, pedindolhe, que assim como pela culpa de o crucificar foy Jerusaleem assolada, não ficando pedra sobre pedra, assim permita, que assolando eu, com os auxilios de sua misericordia, toda a Cidade de meus vicios, & o povo de minhas culpas, não fiquem dellas mais que as memorias para chorar, & as ruínas, não para as sentir, mas para edificar sobre todas o Templo santo da Oração, onde só morem as virtudes, & hum grande desejo de emenda.

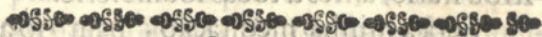
Quem não tiver mais que hũa hora, poderá, se quizer, ter a Oração seguinte.

C Vidarey, que levantandose a minha Alma do leyto da culpa, pelos passos da penitencia vay buscar o seu Esposo pelas ruas de sua memoria, & por toda a parte dos sentidos, que se tem feito Babilonia mais que terra de Ierusalem; & ouvindo as lagrimas, & os ays com que se

fe lamenta o meu amor, que vay pelas minhas entranhas, ruas para elle de amargura com a Cruz de meus peccados, voltando para ver se o figo, detendose para ver se o olho, & cahindo para ver se o alcanço, deixando, só por moverme, em suas pègadas o sangue, em seus eccos os meus avisos, & atè em hum lenço o seu retrato; o busco no Monte Calvário, aonde o acho pondoo na Cruz, & onde ainda as minhas offensas lhe estão tirando as vestiduras, ao mesmo passo em que se queixa, que assim lhe queira tirar a tunica, quem lhe não quer tirar os espinhos. Aqui vendoo banhado em sangue, cheio de màgoas, & de afrontas, & de ancias, tormentos, & afflicçoens, me parecerà, q̃ doendose a Alma do muito que o magoou a vontade de que o offendeu, & os sentidos do que o affligio, desfazendo os olhos em lagrimas, os sentidos em suspiros, o arrebatão aos meus braços, & livrãdoo das minhas culpas, que confundidas se apartão de mim, fazendolhe leyto do

co-

coração, o deita nelle a minha emêda entre os lançoës da castidade, correndo logo as cortinas ao segredo do meu amor, me ponho a seus pès com mil lagrimas, pedindolhe muitos perdoens, & prometendo eternamente de antes perder a vida, que a Fè, de antes querer a morte, q̃ a culpa, fazendo muito a toda a hora por ver se com o fogo do Espírito Santo se purificação minhas maculas, ou se com suas lavaredas se acende, & arde o meu Espírito.



SESTA FEYRA.

CRUCIFICADO.

MATINAS.

EM acordando a esta hora, entrarey no meu coração, que me parecerà Mon-

Monte Calvario, onde a minha Alma he Cruz, em que meus peccados crucificação a meu Senhor, pondolhe por pregos nas mãos toda a crueldade das más obras, & por cravos nos pès toda a detença nos mãos passos; dando he por vinho mirrado a corrupção de minhas palavras, que para o meu Senhor forão o peor fel, & vinagre. Aqui considerarey, que em quanto o crucificarão, lhe passarão muitas vezes com os pès por cima do rosto, & fazendo mil afrontas, & a nenhũa mostrou irarse, antes a todas sobmeterse.

Serà a minha meditação, nam só a paciencia do meu Senhor em tormentos tam insofriveis, mas aquella humildade admiravel com que debaixo dos pès dos homens, & dos homens mais vís, & baixos, pois erão verdugos, & algozes, sepoz o Principe dos Ceos, a Magestade Divina, & o Senhor universal do Múdo. Aqui cuidarey, que olhando para mim, & fallandome com o seu silencio, me diz ao entendimento: Filho, muito, muito à minha custa te ensino, mas se ainda nam

nom aca-

acabo contigo quanto quero, que muito he que faça quanto posso? E ainda que tam cruelmente me ates as mãos para te nam fazer beneficios, quando ellas estam mais prezas com este meu sangue, mais solto a teu remedio, & teu aviso. Olha, & adverte este espectaculo, que para os Anjos he assombro, para os Elementos pasmo, & para teus enganos rizo; aprende delle esta humildade, em que ves ao Senhor do Mundo, & a Divindade de Deos, nam só aos pês dos peccadores, mas pizada dos mais preverfos, feita desprezo das infamias, & zombaria das injurias. E serà bem que vendo isto, te prezes de soberanias, altivezas te desvançam, & honras, & aplausos te dêem gosto; tu que es sómente hum pò unido, huma vivente corrupçam, & hum pouco de lodo, animado; tu cujos antes foram nada, cujos agora são hum ponto, cujos depois ham de ser cinza? Tu em fim hum bichinho vil, te queres ensoberbecer, sem ver que todas as criaturas devem armar-se contra ti, por quantas vezes te atreveste contra o teu

teu proprio Criador? Hora, Filho do meu coração, tu não te queiras castigar, pois te procuro advertir, & menos te quero perder, pois vim ao mundo só a salvarte. Envergonhate de que no mundo, onde ha tantos melhores que tu, os queiras envergonhar, & a Deos, mostrando nessa vaidade, que es melhor que eu nesta virtude; pois parece que me reprehendes de que nam sey parecer Deos, & que queres emendar isto com ensinarme a Divindade: esta foy a primeira culpa, & a mayor de todas as outras, que em castigo de sua vangloria fez cahir os Anjos no Inferno; por querer erguerse a mayores com a minha Cadeira no Ceo. Nesta Cruz faço hoje a Cadeira para te ensinar as virtudes, se pretendes ser meu Discipulo. O A. B. C. he a humildade, & por isso he o fundamento de toda a sabedoria: se queres por Mestre a Lucifer, a soberba he o non plus ultra, donde nam poderàs passar mais que à tua condemnação, & aos castigos de minha ira.

Serà o fruto desta hora, conhecer,
que

que sem humildade ninguém edifica no Mundo, nem funda bñ para Deos a casa da Oração; & que deve ser verdadeira, & não de humas falsas humildades, que com rosto de reverencia dão muitas vezes costas a Deos, & vestidas de hipocresias, se vê que são refinada soberba, pois se servem de modestia em quanto as honra a cortesia, & descobrem o que são, logo que a contrariedade as prova.

LAUDES.

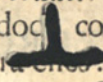
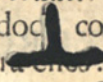
Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis.

TOrnando a pôr os olhos da Alma no meu Senhor posto na Cruz, considerarey a mansidão com que entregandose aos algozes, obedeceu aos Decretos de seu Eterno Pay, sem que no meyo dos tormentos se lhe visse hũa repugnancia, ou se lhe ouvisse hum queixume.

Serà a minha Meditação neste discurso, ver que obedecer, & queixar não se

disse a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Senhor, perdoay^{hi} estes, que me offendê, porque não sabem o que fazem. Oh piedade inexplicavel! oh bondade incomprehensivel! se para os que vos offendê, & affligem pedis perdão entre os tormêtos, que fareis com a penitencia, a quem postrado vos adora? Se os que obstinados vos aggravão, achão desculpa em vossa queixa. os que vos chorão compungidos, que acharão na vossa misericordia? Se desprezando vossos beneficios sois propicio com os seus ingratos, rogando vossas benignidades, que fereis com os agradecidos? Se com hūmas Almas de marmore, se com huns coraçoes de pedra tendes entranhas de Cordeiro, com hūa condição de cera, com huns olhos cheios de lagrimas que vŕarão as vossas branduras? Acabadas estas palavras, ou outras, que de outro modo se sabem dizer melhor com Espirito.

Serà a Meditação a ardentissima caridade q̃ o Senhor nos ensinou na Cruz, não só sofrendo, & amando seus inimigos,

gos, mas desculpando  com seu Pay, & pedindo perdão ~~para~~  enos. & sendo esta virtude o timbre com que se coroa o edificio espiritual, foi a primeira que exercitou o meu Senhor na Cruz, para mostrarnos, que quem se crucifica ao mundo, & o crucifica em sy, ha de ser aos vicios, & não às pessoas; porque de outro modo não levarà bem a Cruz, nem mostrarà que ao seu coração se derramou o fogo do Espirito Santo. Este he o modo com que o Senhor tinha dito, que traria a sy todo o mundo quando se exaltasse na Cruz, atrahindo, & atando a todos com a união da charidade: quem a tiver terà a Deos, & ao contrario nada terà de Deos, quem nada tiver de charidade; com esta se encobrem os delictos dos proximos, como Christo nos ensinou; & com esta devemos a toda a hora, os que somos servos de Deos, andar dizendo có as obras, & com o exemplo de Sam Paulo: Quem nos poderà apartar da charidade do Senhor.

Terc, A.

Cuidarey a esta hora, que vejo pen-
der da Cruz ao meu Senhor, tam-
nũ dos alivios dá alma, como dos abrigos
do corpo, sem que lhe deixassem seus
inimigos, nem aquelles leves reparos, cõ
que se perdoa à modestia, & se cobre a
honestidade.

Considerarey, que o Senhor não so-
freu o tormento de verse nũ, por restituir-
nos por este modo, ou deste modo ao
estado da innocencia, que perdendose cõ
a culpa, se envergonhou da desnudez, &
se cobrio com o vestido; mas porque
havendo de vello o mundo, a quem em
tudo foi exemplo, visse a pobreza nunca
vista, com que ao poremmo na Cruz, ao
levantaremno no ar não levava nada do
Mundo, nem queria nada da terra; para
ensinarnos, que então he a Cruz para os
Ceos escada, não só quando da terra
nos tira, mas quando nos tira tam pobres,
que não levamos mais thesouro que a
chari-

charidade, a pobreza, & os mais adornos das virtudes, que o Senhor nos mostrou na Cruz.

Sup Serà o fruto desta hora, desejar vivermos tam pobres na imitação de Christo, que depois de o seguirmos na Cruz, & de sahir do Mundo, não queiramos nada d'elle mais que a Cruz, vivendo nelle de maneira. que estando com os pès no ar para obedecer a Deos, pareça que dos braços da Cruz fazemos azas para voar com as penas dos Serafins, que tanto foram mais leves, quanto menos for o pezo que levamos das cousas da Terra. E nós, principalmente os Filhos de meu Padre Sam Francisco, devemos lembrarnos das festas da Alma, & do amor, com que encontrando elle a pobreza muito fermosa, ainda que em trajos despreziveis, lhe disia com todo o coração, abraçando a suavemente: Venha embora a minha senhora pobreza.

S E X T A .

Cuidarey entrando na Oração, que o meu Senhor crucificado na minha alma, não só me ensina com as obras, o que hey de fazer por seu amor na Paciencia, & mais virtudes, porèm também cõ as palavras.

Considerarey, que as palavras de Christo não só são de fruto que as de suas obras, antes são verdadeiro fruto da Arvore da Cruz, pois dellas nos faz colher a doutrina, de que nos havemos de aproveitar na tribulação, mostrando em tudo o que dizemos, que perdoamos aos inimigos, que desejamos meter no Paraíso a todos, que pedimos a Deos que nos nam desempare, nomeando por Pay só a Deos, que desejamos padecer por Deos, & que nos pomos nas suas mãos, q tomamos por Mãy a Virgem, & que ella nos queira por filhos, ou ao menos por escravos, & que cumprimos nossas palavras, consumandose nossas obras, com abay-

abayxar a cabeça tudo o que for sua vontade, que he final manifestação de lhe entregarmos o nosso Espírito.

Será o fruto desta hora (& será hum dos mais importantes) conhecer depois de crucificarmos ao mundo, que devem as nossas palavras dizer com as nossas vidas, & nascer das nossas obras palavras de edificação, & de espirito, mortificados sem as flores, & sem as folhas das elegancias jactanciosas, com que na pompa da eloquencia floresce a discrição humana, fugindo daquelles enfeites, de que fazem gala os juizos, cuja soberba, & ostentação poem no concerto, & no ruido toda a fadiga dos discursos; as palavras ham de ser castas, o modo humilde, as vozes brádas, sahidas do coração, que se forjem dentro no peito, & se temperem na prudencia, de maneira que sem estrondo, fação o tiro sem sentirse, penetrando dêtro nas Almas, & não ficando nos ouvidos; & sobre tudo palavras que digam com o que se faz, para que nam zombem de que não frizem com o que se diz.

O A.

A Qui consideraremos, que vendo padecer o Author da vida, o dia se vestio de noites, o Sol de trevas, o ar de espantos, a terra de medos, & o Ceo de assombros, abrindose as sepulturas, sahirão os mortos a côfessar estas maravilhas, quebrandose as pedras, reprehenderão a nossa dureza, rasgandose o Veo do Templo, se descobrirão os segredos da Divindade; & só os coraçoes humanos parece que se empedernirão, pois tam poucos houve que temessem a Deos, fazendo nelles tam pouco movimento hum tamanho terremoto.

Serà a Meditação desta hora, quam pouco havemos de querer luzir no mundo, onde se poz tão eclipsado, não só o Sol material, mas o mesmo Sol de justiça, a cuja vista devem quebrar-se coraçoes de pedra, pois se quebrão as pedras: o coração, mostrando que ellas tiverão a razão, que nos faltava, & nós a dureza que nellas
las

las se não via: a cuja morte se devem abrir as sepulturas de nossas consciências, para que resuscitando os mortos da culpa pela confissão dos peccados, não se esconda debaixo da terra o que ha de apparecer em juizo; a cujo horror deve tremer a terra do ser humano, & moverse este pò unido, pois nos penedos insensiveis, nas feras, nos montes, & Elementos fez hum movimento tam grande: a cujo exemplo rasgandose o Veo da modestia, que escóde em nós as virtudes, ha de descobrir santidade, que vista pòde dar espanto, & persuadir o mesmo exemplo.

Serà o frnto desta hora, sentir hum grande movimento de amor de Deos, a cujos terremotos caya tudo o que edificamos no Mundo, vestindo a Alma pela morte de seu Senhor aquelles lutos de tristeza com que arrastram os coraçoes o seu pezar, & a lua culpa, em cuja pena nos devemos envergonhar muito, de que as pedras sem sentimento, as luzes sem juizo, & os Elementos sem alma, dem mayores sinaes de amor, & mayores mostras

stras de pezar, que húa alma que tem vó-
tade, & hum juizo que tem discurso, &
que hum sentimento que tem rezão.

VESPORAS.

Considerarey, como estando o Se-
nhor na Cruz, a cabeça cheia de es-
pinhos, os olhos cheios de afrontas, lagri-
mas, & sangue, os ouvidos de blasfemias,
o rosto de salivas, & bofetadas, a boca de
fél, & vinagre, as barbas, & cabellos fan-
tíssimos de dezacatos, & desprezos, & a
garganta de cordas, & barçaos: os hom-
bros pizados da Cruz; estirados os ner-
vos; os ossos desconjuntados; as mãos
abertas, & feridas com tanta crueldade
nas quinas dos pregos, & no entalado dos
buracos; o corpo todo rasgado com cha-
gas, os joelhos com quedas; os pés de
parte a parte atravessados; as costas aber-
tas de golpes; & todo em fim hum mar
de sangue, morto, afeado, & denegrado;
não contente a maldade humana, lhe pas-
sou o peito com huma lança, querendo
passar

passar com morte além da morte. Porém mostrando o Senhor o quanto eram mayores as suas misericórdias que as nossas maiores maldades, donde havia de sahir hũ diluvio de castigos, sahio hum rio de piedades, & hum mar de Sacramentos, com cujo beneficio cobrou vista o cego, que o tinha ferido, não só nos olhos do corpo, mas nos do Espírito, de que se seguiu, que confessando sua culpa, & a bõdade de Deos, não só alli, mas por todo o mundo veyo fielmente a ser triumpho cõ a coroa de martyrio.

• Serà a Meditação desta hora, ver quam cegos somos todos os que offendemos ao Senhor, pois estando elle morto por nosso amor, & feito em pedaços por salvar-nos, sem ver o que fazemos sobre as offensas cometidas; quasi queremos mostrar-lhe que hão de sobrevir nossas offensas a suas misericórdias, exceder nossas maldades aos extremos da Redempção. Mas o Senhor, como Pay de immensa piedade, não consentindo esta cegueira, dandonos nos Sacramentos vista, dezen-

tranha a misericórdia do mesmo lugar, em que puder ferir a peitos a justiça, & vingandose de nós, ou em deixarnos mais ingratos com o excesso dos beneficios, ou em vernos convencidos com a multidão dos favores, só trate de nos reduzir, para que vejamos a quem chegamos a offender, ainda que para elle sejam lançadas, q̃ nos cheguemos a elle para o ferir sómente: por cuja causa podemos com o outro Santo chamar ditosa a culpa, que adquirio tal remedio.

Será o fruto desta hora, a frequencia do Sacramento da Eucharistia, confessando a cegueira de nossas culpas em muy doridas confissoens, & não chegando a elle para lhe ferir o coração às cegas, mas que muito às claras ponhamos a boca naquella fonte de aguas vivas, onde se lavão nossas culpas, & se recreão nossas Almas, para que com nova luz da graça, & novo espirito de Deos, possamos tambem no mundo dizer qual he o nosso Deos, pondo a vida por seu amor; pedindolhe ultimamente, que se os cegos, se

se aquelles q̃ o offendẽ tirão do seu peito
esta mina, nõs que ~~se~~ buscamos a
fonte da Graça, não alcancemos menos.

COMPLETAS.

C Vidarey, como Ioseph, & Nicodem-
mos, tirando as espinhas com que
estava o Senhor na Cruz, o descerão del-
la, & o puzerão nos braços da Virgem,
cujo coração depois de trespassado com a
lançada, que derão ao Senhor no peito, &
com a vista de tudo o que tinha padeci-
do, foi novamente ferido com a vista da-
quelles cravos, que lhe titarão cheios de
nervos, & de sangue, & com os golpes
das martelladas, que para tirallos lhe de-
ram, renovando a dor com a memoria das
que tambem lhe derão para o pregar na
Cruz.

Considerarey, que todas as vezes que
tiro de mim mãos pensamentos, que dei-
xo de fazer mãs obras, & de dar mãos
passos, tiro da Cruz o meu Senhor, & lhe
tiro os cravos, & os espinhos, pondo
nos

nos braços da minha alma, para onde, não fô da Cruz, mas ~~os~~ Ceos, parece que desce o Senhor por me agradecer este serviço, & toda a dor que tive de sua Payxam.

Será o fruto desta hora, húa grande dor de peccados, que tam cruelmente tratârão a meu Deos, entrando com grande ancia de coração por toda a ferida a ver as entranhas de seu amor, que parece que todas estas portas me abrio, para que entrassê no seu coração, dizendo por todas as bocas cõ que me fallão suas chagas, que mais quer que nellas eu me sepulte, & me esconda de sua ira, que nam que lhe dê sepultura no tumulo de pedra, ou em hum coração de marmore.

Summa.

M. Elhor ferà a toda a hora estar abraçando na Cruz ao meu Senhor, como a Magdalena, ou assistindolhe como a Virgem Santissima, & como S. Ioaõ com o coração de amor, mais que de discurs-

curso, sem largar já mais seus pés, salvo se for para lhe tirar os crâos. & espinhos, como a fima fica duto, estando sempre em hum continuo movimento da Alma, cõ que o abraçe o coração. E ao menos exercitemse nestes dias as virtudes, que na Cruz se aprendem, convem a saber, a Humildade, a Obediencia, a Charidade, a Pobreza, a Modestia, o Fervor, o Desejo dos Sacramentos, & hum perpetua Contrição. E quem contra isto não cometer nada neste dia, terá verdadeira Oração, pois para o exercicio destas virtudes, que se hão de praticar mais com as obras, que com as tenções, se considerão os Mysterios deste dia.

Quem não tiver mais que hum hora, poderá, se quizer, considerar, que a Alma he Nao, que lutando com as ondas dos vícios, & cõ o tẽporal do seculo, não pòde buscar o porto da salvação, por haver perdido o Norte da Graça, por ter o Ceo contra ty escuro, cuberto o mar do Mundo das sombras de suas cegueiras, entre cujos baixos, & riscos, a Carne he

G

Serèa,

Serêa, que nos atrahê, o nôssô amor próprio, a Rêmora que nos detem, os gostos enveja dos que nos enganão: & finalmente o Demonio, tormenta que nos contrasta. Porê m parecermeha, que quando as vellas da vaidade nos metão no fundo da culpa, quando os chuveiros dos castigos nos ameação com diluvios, & quando os perigos do mar nos soçobráo com naufragios, fazendo o meu Deos Piloto, & tomando o leme da Cruz, fazendo recolher as vellas, mandandome trabalhar nas furnas, & compassando toda a Nào, me trocou o medo em esperança, fazendo bonança a tormenta, o naufragio boa viagem, a noite dia, & a sombra luz, & pondome à vista da terra, de que me fez Memento homo, me fez tomar via direita pelo Mar Vermelho de seu sangue, por onde só promete que chegue cedo a salvamento, mas que possa na sua Casa gozar perpetua felicidade.

SAB.

SABBADO.

NO SEPVLCHRO.

MATINAS.

C Vidarey como Ioseph de Arimathia, Discipulo oculto do Senhor, depois de pedir o seu Corpo a Pilatos publicamente, & depois de o tirar da Cruz, o levou para o Sepulchro, & antes que o sepultasse, o ungio com preciosissimos unguentos, & o envolveu em hum lançol limpo.

Considerarey, que os que occultamente tem Oração, não tem o fervor do Espirito para publicamente buscar a Deos, senão depois de cuidar na sua morte, & Payxão, onde vendo que nos braços de sua Alma descem ao Senhor da

Cruz, para fazerlhe altar, ou sepulchro do coração, o traxem no seu peito, o enchem de suaves unguentos, & isto he o cheiro das virtudes, & suavidade da Oração, & o apertão ultimamente com lançol da castidade.

Serà o fruto desta hora, não se nos dar do que dirão os que não vieré a buscar a Deos com mayor fervor, vendose morto por nós, afrontado por nossa causa, por nosso amor crucificado. E em fim considerando que fomos o fim de suas obras, nos resolvemos a que todas as nossas o tenham por fim, fazendo muito não só por trazello na Alma como de passagê, mas por lhe dar muito de assento ao coração onde repouze, pois também por nos dar exemplo, por nos dar o Ceo, & a ty mesmo, sem querer de nós outra cousa, mostrou, que não teve onde reclinasse a cabeça no Mundo, aonde as feras tem suas covas, aonde as aves tem seus ninhos, & onde não quer mais de nós, q darmoslhe o peito por ninho, & o coração por cova, que para elle he leyto suavif-
vif-

víssimo, quando hũa grande castidade he lançado em que se deita, pois não ha virtude que mais chegada ande a Deos, nem mais necessaria para quem ha de tomar corpo de seu Eterno Filho.

LAUDES.

*Monumentum novum in quo nondum
quisquam positus erat.*

Cuidarey, como depois de ungirem ao Senhor com preciosos unguentos, & de o involyerem em hum lançol puro, o puzerão em hum sepulchro novo, onde ninguem se tinha enterrado.

Considerarey, que o sepulchro he altar do Sacramento, onde se encerra o Mysterio da Eucharistia, & mais principalmente figura de quem ha de chegar ao corpo do Senhor, para fazerlhe, altar do coração: & assim deve entender que o Senhor se não mete por dentro, senão em almas muito novas pela penitencia; que isto significão os golpes, com que a

G iij

pedra

pedra estava lavrada; ou onde outro a morte não puz ~~o~~ que isso vem a ser a novidade do Sepulchro, que se deu a Christo, onde outro se não havia posto. E isto será quem pela castidade o meter no seu coração, ou quem despindose do homem velho cõ novo espirito de Deos, para fazer huma nova vida, se lhe meta hũa Alma nova.

Será o fruto desta hora, o exercicio de comungar a Christo em Sacramento, ou em Espirito, entendendo que só então se meterà muy por dentro de nós, quando com o cheyro das virtudes, quando com a suavidade da Oração, cõ lançol de castidade ungido, & amortalhando em nós, o recebermos com hum tam novo Espirito, que nada do mundo tenha posto em nossa vontade, mais que hum grande desprezo do Mundo, hũa grande negação de nós mesmos, & huma grande resignação a quanto for vontade sua. Advertindo tambem, que não querendo o Senhor em vida ter onde reclinasse a cabeça, na morte (isto he no Sacramento) quiz

quize ter as pópas de hum sepulchro grande, não por se acomodar ao mundo nos Pyramides, & Maucolos, que celebrou a antiguidade por memoria das maravilhas humanas, mas porque tendo figura do Altar, onde está o Corpo de Christo, & memoria das maravilhas de Deos, nestas representações de morto lhe fizemos sempre obsequios, com as exequias da lembrança, pois estas erão as honras, que nós lhe podíamos fazer.

PRIMA.

Erat autem in loco ubi crucifixus est Iesus, hortus, & in horto monumentum novum.

Cuidarey, que não só o Horto foi o lugar onde começou a Payxão do Senhor, mas também onde o crucificarão, & onde ultimamente o sepultarão.

Será a Meditação desta hora, ver que a Oração figurada no Horto (como já

difficimos) he o lugar, & o caminho por onde o Senhor, a fim na vida, como na morte nos acompanharia, & por isso nós depois de começar nella à imitação de Christo, havemos de fazer muito por acabar a vida nella, & por sepultarmonos nella de maneira, que seja para Deos altar o que para nós sepulchro: & seja para o mundo exemplo o que para nós descanso; advertindo, que assim como no Horto havia flores, & frutos, mas todos só se acharão dentro no Horto: assim as grandes virtudes, & perfeições se achão todas na Oração; mas com hũa particularidade, que ella he como o primeiro movel, a cujo movimento andão as mais esferas, ou como a roda mayor do Relogio, que ainda que haja nelle muitas outras, nenbuma se move, sem que a mayor comece. E tam costumado estará o Senhor a nos dar este bom exemplo, que sobre o costume da vida, até na morte, & no sepulchro nos mostrou, q̃ não deve hũa Alma de Deos fahir nunca do bom costume da Oração.

Será o fruto desta hora, gostar de
ma-

maneira da Meditação, ou fazermonos a ella tanto, que possamos dizer com David, que amamos muito ao nosso Deos, pois todo o dia he meditação nossa; & nisto parece que se obriga a Deos de maneira, que tem por Horto o que he sepulchro, & por flores o que parecem sombras; a cuja sombra vivendo a Alma, deve não deixar passar os auxilios, & as Divinas inspiraçoens, que a cada hora da Oração neste Horto nos vem nascendo em suas flores, inspirando antes desejar com a Esposa alentar-se com estas flores, vivendo em sua fragancia, & fugindo do mão cheyro da culpa, correndonos de ser tam ingratos, que parece que o mesmo Deos anda chorando em nossas Almas, de ver que se perca Bethzaida, com o mesmo com que se salvàra Sidonia.

TER-

TERC, A.

In monumentum exciso.

C Vidarey, que o Senhor foi posto em hum Tumulo de pedra, & de huma só pedra.

Será a Meditação desta hora, entender, que para sermos huma só cousa no mundo, quer o Senhor que sejamos sempre huns, & cada qual huma cousa só. Huns sempre, porque na perseverança mostremos, que sempre somos huns, & quenada do mundo nos fez outros. São inimigos da divisaõ, que por não tella cõ ninguê, cõ todos pareçamos huns, & nòs o sejamos atè nos meter em húa cova, & tam sós, pois nos prezamos de huns, q atè de nòs nos apartamos, quando a companhia de nossas inclinaçoens nos faça não parecer sós huns, fazendo muito por despir o vestido do homem velho, que à semelhança do tempo queria andar ao costume do mundo; & trabalhando mais por

por vestir o coração de pedra, onde im-
movel ao bem, & ao mal, nem nos leve o
vento da vaidade, nem nos mudem as
ondas das tribulaçoens, para que esta pe-
dra que ha de ser Christo, seja de atrahir
a todos os meus sentidos, de tocar a todo
o bom exemplo, de fundamento às hu-
mildades, & de preço ao amor de Deos,
de quem como pedernal ferido, ou derra-
me fontes de lagrimas, com que se lavem
minhas culpas, ou verta chamas, & faís-
cas, com que me acenda em seu amor.

Será o fruto desta hora, huma total
deixação de mim mesmo, & huma tam
constante deixação, que vafandome to-
talmente do mundo, me encha de Deos,
com tanta perseverança, que sem tornar
a ser outro, & prezandome sempre de
hum, para Deos possa ser altar, & para
mim solidão, para o mundo dezerto, co-
nhecendo, que só assim poderey ser qual
Deos me quer, & que me ha de tirar de o
fer, quanto fugir de verme só, quanto me
fizer de estar comigo, quanto mais nas
companhias do mundo, pois o fer só ain-
da

da dentro de mim, he o que me está melhor a mim, ~~fazendo~~ muito por não ter de mim nada, mais que o nada que fui, & sou, & que serey, se estiver sem o meu Deos.

S E X T A.

C Vidarey, como o meu Senhor quiz que o sepultassem dentro em huma pedra, & para este fim moveo efficaçmente a seu Discipulo Ioseph.

Será a Meditação desta hora, que nos nam ha de desconfiar a dureza de coração, parecendonos, que nas sequidoens para Deos temos coração de pedra, pois por húa só hora, que na Payxão de Christo as pedras se quebrarão, por hum dia que no Dezerto com a vara de Moysés, figura da sua Cruz, se enterneçerão, deitando de sy fontes de agua, não só nas pedras nos deixa sua Ley escrita com sua mão, não só fez a pedra, pedra fundamental de sua Igreja, mas fazendose pedra angular, em que todos edificamos, buscou nas pedras seu abrigo, dellas la-

vrou o seu sepulchro, & destas fez a sua pedra de Ara, ~~para que assim~~ fossem as melhores pedreiras, que achassem nossas petições, quando nos parecesse que as pedras se levãtarião contra nós, para apedrejar aquella maldade, que tantas vezes as infamou, fazendoas a nossa culpa pedra de escandalo.

Serà o fruto desta hora; exercitando-nos nas seguidões com hũa grande constancia, conhecendo que a nossa dureza não nos faz mal quando conhecida, senão quando ignorada, & que se robustamente lavrarmos com a penitencia o aspero de nossa dureza, & o duro de nossa condição, pulindo este diamante bruto com os golpes da mágoa, lustrando com perseverança o tosco de nossa rudeza, pôdese dentro de nossas Almas, escreverà sua Ley, edificarà sua Igreja, procurará o sepulchro, fará a sua pedra de Ara, para que destas, & doutras, que elle mesmo arranca da terra, faça marcos para o seu Reyno, escadas para o seu Paço, & padroens para os seus titulos; tendo por cer-

certeza infallivel, que qualquer de nossos corações por mais de marmore que sejam, se for pedra de tocar a Christo, ao menor toque de sua graça ha de verter rios de pranto, com que se fecunde, & regue a terra seca de nossa Alma, passando os torrentes da Graça atè as entranhas da terra.

NOA.

Posuit eum in monumento, & advolvit lapidem ad ostium monumenti.

C Vidarey, como pondo Iosephe de Arimathia o Senhor no Sepulchro, o escondeo aos olhos do mundo.

Serà a minha Meditação, conhecer que quando mais serviços fizer a Deos, quando o sentir dentro de mim mais, hey de fazer muito por esconder do mundo o que tenho no coração, para que tendo posto hum pedra sobre minha devoção, ao parecer da gente, não possa algum ar de vaidade entrar dentro de meus silencios, & do segredo de minha Alma, fechando

chando com esta cautella a porta por onde póde a presunção, ou a soberba humana entrar a roubar-me o thesouro divino, que sempre se arrisca, se se poem patente à estrada, & ao menos se tira delle o coração, se se deixa aos olhos, ou se se lhe não guarda a boca.

Será o fruto desta hora, saber pôr pedra sobre o thesouro de meu coração, para que o não furte quem o vir, fazendo muito por esconder o que Deos me der a guardar cõ o mais que fiar de mim pois não quer que a ninguem digamos os, favores, que lhe devemos; & por mais movimentos que sintamos, convem desmentillos no gosto, no sossego, & serenidade, que o mais sobre ser dezafoço da natureza, & não sobegidão de graça, he final que vivemos dentro de nós por buscar fóra algum aplauso; porque os bons, & de grande animo sabem caber dentro de sy, & guardandose de sy mesmos, não poem a sua gloria na boca dos homens, mas nos segredos da consciencia, metendo debaixo da terra, & humildade, tudo o que

o que se nos vay pelos ares, se se levanta o
pô da terra.

VESPORAS.

VEstindo meus olhos de lágrimas
(que estas são o luto dos olhos) o
coração de tristeza (que este he o capuz
do coração) os sentidos de sentimento
(que este he o nojo dos sentidos) hey de
hir por dentro de minha Alma para o Se-
pulchro do Senhor; & fazendolhe com
a minha ancia o Enterro de meu alivio, a
celebrar com o meu pranto as Exequias
de meu amor, a repetir com a minha pe-
na os Officios de minha saudade, onde
assistindo interiormente a mágoa de mi-
nha lembrança, verey, que alli do meu
Senhor me não fica mais q̃ o Sepulchro,
pois a Alma foi para o Limbo, o Corpo
se escondeu na terra, a Tunica levãrão os
Soldados, & o Sangue lhe bebeo o odio,
a vida lhe tirou a Cruz, & a Cruz nos ti-
rou o escandalo.

Serà a minha Meditação, ver que
para

para estar com o meu Deos, ou para o poder ter comigo, ~~he necessario~~ meterme em huma cova, fazer casa da sepultura, & não só enterrar-me em vida, mas sepultar-me dentro em mim, como homem morto para o mundo, sem se me dar de parecer hum adro ao parecer do mundo, em quem não deve já pôr os olhos quem poz em Deos o seu sentido; porque se elle, metendose na terra de nossos corações, quiz assim estar no coração da terra, quer fahir tanto de sy, quem tem coração para deixallo, podendo meter no coração, quando hum bichinho vil da terra nos reprehende com a sua vida, pois para sepultarse em vida, lavra com ella a sepultura, & quando os Iustos nos avisaão, que do ser que tem nesta vida lhe não fica mais que o sepulchro.

Será o fruto desta hora, não só o recato exterior, com que cada qual só com ver-se com o seu silencio, & solidão, mas o recolhimento interior, com que enterandose em sy mesmo, & ainda escondendose de sy, falle sempre com o seu Se-

nhor, em qualquer parte onde se ache: ou considere pelo menos aquelles golpes, & feridas, com que lhe tiramos a vida; seguindo-se desse discurſo a dor das culpas, & peccados, pois morrernos o coração cõ o que se doe destas offensas, descobrirſe-nos desta nuvem negra, com que a tristeza no lo enluta, he o dõ que ha nos corações, & ſão os ſinaes mais ſentidos, que faz por elle noſſo amor, quando o pelar nos dobra na Alma.

COMPLETAS.

C Vidarey, como a Virgem Santiffima, depois de ſeguir o Senhor atè o Sepulchro, com Sam João, com a Magdalena, & as outras Marias, recolhendoſe ao ſeu cantinho, teve aquelle admiravel treſpaſſo, em que por eſpaço de tres dias, o ſeu viver foi ſentir, o ſeu dormir foi orar, o ſeu fallar forão ſuſpiros, o ſeu ſilencio, & a ſua bebida lagrimas.

Conſiderarey as grandes virtudes, q̃ traz conſigo o Jejum, quando ſe junta cõ
a Ora-

a Oração, pois não só se sente o q̃ se vive,
& se vigia o que se dorme, mas suspirase
o que se falla, soluçase o que se come, &
chorase o que se vê: acçoens que no sen-
tido mystico incluem virtudes mysterio-
sas para a perfeição de huma Alma, que
não segue estes exercicios, senão depois
que tendo a devoção, que se representa
nas Marias, a penitencia que se figura na
Magdalena, o amor que se significa em S.
Ioão, & a pureza que se entende na Vir-
gem, segue com todas o estado da mor-
tificação, q̃ se declara no Corpo de Chri-
sto, quando hia para o Sepulchro.

Será o fruto desta hora, a observancia
do Jejum, com mortificação, & Oração;
& este não só ha de ser o Jejum corporal
da Temperança contra a Gula, mas da
abstinencia contra os vicios no jejum es-
piritual; por isso jejuem os olhos, pois
por elles, como portas da Alma, nos en-
trou a morte, & a culpa: jejuem tambem
os ouvidos, pois em os dando á voz do
seculo, he Serêa que nos encanta: jejue
tambem a discrição, pois tudo o que lhe

cahe em ar, se lhe levanta em vento, de que se segue ~~o~~ mundo, que todo o mal do entendimento consiste em darlhe o ar, porque esta he a ordinaria enfermidade dos juizos: jejuem todos os sentidos, pois embebendose no gosto que os atrahe, o seu engano não adverte os bens e os males, com que se adoça seus venenos: jejuem em fim as Potencias, a Natureza, a Liberdade, pois nos banquetes da Fortuna, nas iguarias do appetite, & nas provas até do licito, não só a consciencia se arrisca, não só se estraga a virtude, mas ainda o vicio se bemquista.

Summa.

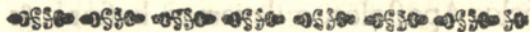
A Melhor Oração, que se poderá ter em este dia, he considerar a cada hora a virtude que se nos encomenda, exercitando-a pontualmente; convem a saber: A Matinas, a Castidade, ou ter a Deos por fim de tudo o que obramos. Nas Laudes, commungar ao Senhor em Sacramento, ou em espirito. Na prima, costu-

costumar o entendimêto Na terça, dê todo a tudo. Na Sexta, ter em Deos grande confiança. Na Noa, observar a cautella Nas Vêsporas, o recolhimento interior E finalmente nas Completas, o jejum espiritual, & juntamente corporal, & sermos Bemaventurados, pois assim chama o Rey Propheta a quem medita no Senhor, não só no dia, mas na noite. Esta fôrma, que he a melhor, se guarde em todas as Summas, fazendo muito juntamente por fazer de nosso coração hum sepulchro, em que todo o dia arda a cera de nosso coração em obsequio de nosso Deos. Quem não tiver mais que huma hora, faça, se quizer, a Oração seguinte.

Cuidarey, que o coração he pedra, onde vindo o meu Senhor passar a festa com minha Alma, a quem queria para Epôsa; ou abrigarse com o rigor do tempo, atè que as sombras se inclinassem; o acolhimento, que lhe fiz, foi tirarlhe a vida com minhas culpas, & peccados, não ficando parte em seu corpo, que eu não desunisse com feridas, & não dezata-

ra a crueldades; porèm vendo enterne-
cer com seu sangue, não só as piçarras
toscas, mas os marmores duros de meus
interiores, arrependido do que fiz, & ma-
goado do que olho, não podendo apar-
tallo ainda, depois da morte, dentro do
meu coração me parecerà que lhe ouço
dizer: Filho, deste coração, que me ne-
gaste para leyto, ao menos me faze tumu-
lo, & considera o que te quereria vivendo
em ti quem morto não pòde apartar-se.
Essa crueldade tua, q̃ para mim foi mor-
te, não pòde deixar de ser meu sepulchro,
pois ainda he essa; faz-me estas ultimas
honras, pois assim me trataste nas pri-
meiras vistas. Acabandolhe de ouvir isto
com grandes desejos de emenda, come-
çarão os golpes da penitencia a lavrar
este penhasco duro, atè que deixandose
cortar da mágoa, & amolecer do pranto,
faça a sepultura ao Senhor, donde metê-
do as minhas entranhas com grande pe-
na de minha alma, ella te meterà dentro
com elle, desejando sepultar-se em vida,
& meter os olhos consigo, para que sepul-
tados

tados nesta cova, & não só nas covas dos olhos, fação chorar as suas mininas, em cujas capellas fechadas, se não apagará o lume dos olhos, atè que se não apague a vista, & se chegue a noite da morte, sem fazer dentro cousa alguma, mais que chorar, & magoarme de ver qual puz a meu Deos, a meu Senhor, & a meu Esposo.



DOMINGO.

RESURREYC, AM DE

Christo.

MATINAS.

CVidarey, como a Magdalena com outras devotas Mulheres forão a manhã da Resurreycão ao Sepulchro, primeiro que os Apostolos, levando os aromas, que tinham preparado para o Senhor.

A Meditação desta hora será , não só quanto devemos madrugar para buscar a Deos, summo bem nō, mas conhecer quem tiver mayor fragilidade que isto se figura no secxo feminino; quem se vio nas tribulaçoens da culpa, ou nas aduersidades do seculo, que tudo isto se representa na noite, com mais pressa que os outros escolhidos de Deos, que se entende pelos Apostolos, o devemos buscar , & recorrer a elle com os aromas de hum santo desejo de lhe fazer algum serviço, não pondo por diante o medo do que nos pòde succeder, cuidando que ha quem impida ao Senhor, para que se não deixe achar de nōs, que isto se entende pelas guardas. Considerando tambem , que se a nossa fragilidade, figurada na primeira mulher do mundo, foi a primeira que se afastou de Deos pela culpa , agora pela luz da Graça, cō que se vão desfazendo as sombras do crepusculo de nossas duvidas, deve ser a principal, & primeira, que se desvelle por chegar a Deos.

Serà o fruto desta hora, exercitar-
monos

monos com grande desvello em buscar pela Oração a Deos, deixando por seu amor os abrigos da cama, & sossego do sono, que sempre suppoem perguiza, & mostra descuido em húa Alma, que sem pregar os olhos deve andar sonhando cõ o seu Deos, por não perder em hum fechar de olhos, hum bem que desaparece a olhos vistos. Porque quem na perguiza do leyto furta a Alma à satisfação, não furta ao corpo a malicia; & ao Senhor, que se queixa dos nossos descuidos do Agora, Para que, Que fará, do Logo, Para depois? Em fim parece que lhe dà pouco do seu amor, não correr quem anda muito de vagar.

LAVDES.

C Vidarey, como as Santas Mulheres acharão virada a pedra do Sepulchro.

Serà a Meditação desta hora, considerarmos as maravilhas que faz o Espirito do Senhor onde chega: pois logo sua Alma

Alma Santissima se revestio ao corpo no Sepulchro, obedecendo o pezo daquelle marmore durissimo, muy levemente se moveo, & totalmente se virou para nos mover a nós com o exemplo de que até huma alma de pedra com o pezo grande da culpa se vira de hum para outro estado, em lhe chegando aquelle Espirito; & ainda que sem isto podera o Senhor fahir do Sepulchro, parece o quiz assim, para mostrar ao Mundo, que onde elle está, sempre succedem maravilhas, & movimentos grandes, para que por elles o louvem, & conheção, que fô elle as obra. Se pois huma pedra se vira, logo que lhe chega o Espirito de Deos, que rezão tem hum coração humano, a quem tantas vezes em vão chegou o Espirito do Senhor, para não dar huma volta grande, obedecendo pelos ares, & publicando suas obras?

Será o fruto desta hora, não resistirmos ao Espirito do Senhor, & conhecermos, que aos seus impulsos feremos mais duros que as pedras, se com elle nos não

movermos, & de todo nos não virarmos, pois ainda que o pezo dos peccados não carrega muito a consciência, tudo com a pena, que disso podemos ter, se tivermos pezar para o sentir, ficará leve como huma penna, & desta se farão as azas, com que subamos em hum dia mais do que devemos em hum anno.

PRIMA.

C Vidarey, que como o Sol quando entra em alguma nuvem, que a deixa mais resplandecente, assim entrou a Alma de Christo no corpo, que estava no Sepulchro, deixando não só mais resplandecente que a neve, porém mais claro, & fermoso que o mesmo Sol; & sendo vista horrenda para as guardas, que lhe tinham feito, foi suavissima visão para os olhos da Virgem Mãe, a quem (como affirmão muitos Padres) appareceu primeiro que a todos, mostrandolhe não só a sua Gloria, mas a de todos, que trouxe do Limbo, & do Purgatorio. Onde he de crer,

crer, que todos os Santos lhe darião as graças de ser Medianeyra da Redempção, & da Gloria que gozavão na visão de Christo.

Aqui não só considerarey os abraços exteriores, que a Virgê daria ao Senhor, & os que d'elle receberia; mas hey de meditar interiormente na rezão que houve para este favor; pois parece que este se concedeu à Virgem, por haver tres dias, que em huma continua Oração estava vencendo os tormêtos, que lhe offendião a memoria, onde via a Imagem de Deos offendida, a Sinagoga condenada, afrontada a Misericordia, & exasperada a Infiça, alegre a culpa dos preverlos, froxa a fé dos Apostolos, Ierusalem ameaçada, & o mais do mundo perdido; & no meyo de tantas ondas (qual penha immovel contra os mares) com viva fé cria a verdade do Senhor, com certa esperança esperava na sua Redempção, com ardente caridade pedia perdão por todos, offerecendo o sacrificio de suas lagrimas, & angustias do seu jejum, dores, & magoas.

Ou

Ou poderei meditar na Ressurreição universal, de quem ~~este~~ foi exemplo, onde o Senhor para confusão, & medo dos que se entendem pela Senhora, pela Magdalena, & Apostolos, virà na carroça das nuvens com grande gloria, & magestade a triumphar dos maos, & dar triumpho aos bons, que vencendo as contrariedades do Mundo, da Natureza, ou do Demonio, firmes se conservão em seu amor, a pesar das tribulaçoens, das angustias, & dos tormentos.

• Serà o fruto desta hora, exercitarmonos na constancia, & igualdade, com que faltandonos as consolaçoens, & cobrando nòs as penas, sequidoês, & adversidades, nos não venção o animio, ainda q nos tirem o alento, que nos não tirem o Espirito, ainda que nos desmayem o animo; pois he certo, que quem firme se sustentar cõtra esta guerra da natureza, não • menos que nos braços de Deos se ha de ver ainda neste mundo; porque assim como à noite o dia, ao Inverno a Primavera, se seguem à tristeza os gostos, às tribulaçoens as felicidades.

TÉR.

T E R C, A.

Cuidarey, como o Senhor appare-
ceo à Magdalena, mas não lhe con-
fentio, que o tocasſe.

Serà a minha Meditação ver os ter-
mos com que o Senhor pagou à Magda-
lena as mágoas, & lagrimas, que cho-
rou, a mágoa com que ſentio ſua morte,
& o amor com que o buscou no Sepul-
chro. Mas ſobre tudo confiderarey, que
nem tudo iſto he baſtãte, que mereçamos
por iſto ter em noſſos braços a Deos, pre-
ſumindo de nòs que o podemos obrigar,
& que para elle aſſim o fazer, o havemos
nòs de tocar a elle, devendo ſó deſejar q̃
o Senhor nos toque a nòs, pois ſe nos
busca, he por ſua miſericordia, não por
noſſos merecimentos, & ſe muito o ama-
mos, he por influxu de ſua Graça, & não
por acção de total ſufficiência.

Serà o fruto deſta hora, a prudência
eſpiritual, com que nos havemos de hir à
mão no deſejo de mais favores, conten-
tandonos com o que Deos nos quer dar,
ſem querer, porque nos dà muito, gover-
nar

nar a sua vontade, ou a sua Omnipotencia, devendo nós ao contrario ternos por tam indignos de todo o auxilio, que nos dà, de toda a graça, em que nos poem, de todo o favor, em que nos ergue, que ao mesmo passo que nos vejamos subir por seus beneficios, façamos por nos abater no nosso conhecimento, pois isto nos não tira de levantarnos na sua Graça, antes então parece que só o obrigamos, quando, se nos dà favores, os gozamos com humildade; quando, se nos dà tentações, o louvamos com perseverança; & quando, se nos dà males, o bendizemos com paciencia, conformandonos com a sua vontade em seguirmos o caminho por onde nos leva, & não navegar com mais vellas, que as que pedem os sopros do Espirito Santo, & pequenez de nosso Navio, & o inchado das ondas do seculo, a quem convem atravessar cõ cautela, porque o temporal nos não sobrepõe, sem querer de hum folego, ou de huma sangradura chegar à Índia Espiritual, não nos contentando sem as

vifoens, & apparecimentos, que hão de fer mais que de defejos das Almas, que estão neste Mundo, pois mais vezes nos cega o Sol do meyo dia, que o que nasce, ou o que se poem: isto he o que mais nos arrisca o estado mais alto, em que subimos, que aquelle em que começamos humildes, ou acabamos mortificados.

SEXTA.

C Vidarey, como o Senhor se fez en-contradiffo com os Apostolos, que hião para Emaüs, mostrandose em traje de peregrino: como fingio que hia para mais longe, para que lhes rogassẽ que ficasse com elles; como comendo com elles o conhecerão no partir do pão, abrindoselhe os olhos da Alma: Como logo lhes desapareceo: como depois lhes tornou a apparecer, dandolhes paz.

Será a Meditação desta hora, ver como o Senhor se não aparta dos que vê tristes por sua causa, & como vendoos tibios, & froxos, se chega a elles para os con-

confortar. Considerarey, que esta froxi-
dão he quem nos cega os olhos à rezam;
porque atè o Senhor anda em nossa com-
panhia, & tenhamos por est-ãgeiro: por
cuja causa fingindo as suas contranhas de
misericordia, que nos quer deixar (que
estes são os fingimentos) nos dà a enten-
der, que se quer pôr muito longe de nós,
por se mostrar tam frio na presença com-
nosco, como nós entremos no Espirito;
sendo tanto ao contrario, que só faz isto
a fim de que o roguemos, & lhe peça-
mos, que nos não dezempare; pois he cer-
to, que em elle querendo hir, vem sobre
nós a noite das adversidades, mostrando
qualquer demonstração de amor, para
que não se aparte de nós, persuadindonos
a que comamos, isto he, que nos chegue-
mos ao Sacramento. E buscandoo, elle
abre os olhos d'Alma, & distribue entre
os seus escolhidos o Pão Sacramentado,
com a virtude do qual se aparta de nós o
impedimento, com que os olhos do Espi-
rito o desconhecem. E conhecemos, que
para tudo o que convem saber de Deos,
I só

só elle nos abre os olhos, & logo nos desaparece para exercitarnos a Fè, ou mostrarnos os dotes dos Bemaventurados na agilidade, & sutileza. E depois tornou a apparecer, dando paz a seus Discipulos; para enfiarlhes quanto amava a paz; & que só os que fossem pacificos, seriam Discipulos, & seriam Bemaventurados.

Será o fruto desta hora, o grande fervor que inflame nossas Almas, & as nossas froxidoens, para que não desconhecamos os favores, que Deos nos faz, arriscandonos com elles a que o Senhor nos deixe. Ou huma continua petiçam de que nos não dezempare. Ou huma grande fé có que o vejamos com o Espirito, pois só o vê resuscitado quẽ medita na sua Gloria. Ou grande desejo de paz interior, que he a cousa que Deos mais ama; pois ao nascer publicou paz aos homens, em quanto viveo a deu a toda a casa, onde entrou; & quando morreu, fez paz entre o Ceo, & a terra, fazendonos amigos de Deos, de quem eramos inimigos.

NO A.

Cuidarey, como o Senhor appareceu terceira vez aos Discipulos nas prayas do Mar de Tibiriades, onde elles toda a noite não poderaõ tomar peixe algum; mas em fazendo elles o que o Senhor lhes ensinou, que foi lançar as redes para a mão direita, foi tanto o peixe que tirarão, que encherão os barcos, & as redes.

Aqui considerarey, que neste Mar se figurava o Múdo, & nos peixes os homês, nas redes a Prègação, nos Discipulos os Prègadores; os quaes trabalhando, isto he, o tempo errado de sua presunção, na parte da mão esquerda, isto he, entre os réprohos, & preceitos, ou nos erros de sua Igreja, não poderão colher nenhum fruto de suas vaãs fadigas, mas pondo os olhos em Deos, que das prayas da Eternidade os ensina com seus avisos; & os avisa com seus exemplos, metendo as redes da Prègação, confiados em a palavra

de Deos, para a mão direita, isto he, o caminho da verdade, ou as Almas dos escolhidos, ou o exemplo com que prégão, não só enchêram as redes, & com ellas as esperanças, mas todo o Navio da Igreja de muitos, & muy grandes Santos, que troxerão da Igreja para o Ceo, que isto he, do Navio para a praya, aonde o Senhor os esperava, para se recrear com elles nos banquetes da Eterna Gloria.

Serà o fruto desta hora, exercitarnos na recta intençam, com que devemos dirigir a Deos nossas obras, & nam alguma nescia vaidade, com que no mar do Mundo nam colhamos mais que vento nas redes de nossas esperanças; acabando de entender, que o não fazermos muito fruto, nasce de nam inclinarmos para boa parte as nossas obras, onde, como falta Deos, tudo nos falta, porque tudo he noite que nos cega, & erro que nos engana; até que desenganados disto, logo q ponhamos os olhos em Deos, obedecendo a seus mandados, & guiandonos por seus conselhos, conheçamos a vista de seus

seus influxus, & por experiencia de seus beneficios, que com os servos sem proveito, que com elle fazemos tudo, & sem elle nam obramos nada.

V E S P O R A S.

Cuidarey, como o Senhor levádo ao Monte Olivete, os Discipulos, a Magdalena, & sua Mãe Santissima, depois de despedirse de todos com suavissimos abraços, pondo os pés sobre hũa pedra, onde ficàram impressas suas pègadas, subio aos Ceos, q̃ abrindose cheyos de luz, & claridade, cõ admiravel triumpho, com ionôras consonancias, com suavissimas melodias, o recebêram sobre o Throno das nuvens, & sobre os Choros dos Serafins, entre exercitos de Anjos, & de Espiritos Bemaventurados, que o cercarão, & levàrão por toda a parte, enchêdo o ar de alegria, o Ceo de festa, a terra de maravilha, atè que sendo recebido, nos braços do Eterno Padre, se sentou à sua mão direita, onde repartindo tambem

os assentos eternos pelos Santos, que levou consigo, forão gloriosamente occupadas muitas daquellas cadeiras, que perdèram por ingratos, & soberbos os Espiritos condenados.

Aqui me parecerà, que achandome com a Virgem Santissima, & cõ os Apostolos, estou com elles absorto, & arrebatado, contemplando a grande Gloria de Deos, a grande Bemaventurança daquelles Espiritos, a fermosura da Patria Celestial, a claridade, o resplendor, que nenhuma noite escurece, & que o dia eterno alumea, onde hindo fême pelos ares o Espirito, & o coração em seguimento do meu Deos, gastarey a hora, enlevandome naquelle Oceano de glorias, naquelle pègo de delicias, naquelle mar de Bemaventuranças.

Serà o fruto desta hora, exercitar-me o mais do tempo naquelle pafmo Celestial, naquella admiração suavissima, que ande como embebido na contêplaçam da Gloria, na superior Ierusalem, feito Cidadão dos Ceos, pela conversão do Espirito, q

toda

toda deve ser nos Ceos; se he que o buscamos como Patria, termos ao Mundo por Dezerto, & a Deos por Pay, & aos Anjos por amigos; sabendo, que nam só he favor do Espirito Santo o cuidar na Gloia, mas final grande de Predestinado, principio de Contemplativo, & prova de andar na presença de Deos: & esquecido do Mundo.

COMPLETAS.

C Vidarey, como estando no Cenaculo os Discipulos, có a Virgem Santissima, preparados já de muitos dias na Oração, & no Jejum, & tam unidos de amor de proximos, pois todos no mesmo lugar cabião com igualdade, & sem preferencias, nam querendo a Virgem myor lugar, por ser Mãe de Deos, nem Sm Pedro, por ser cabeça dos Apostolos, nem o Evangelista, por ser Vando do Senhor, nem San-Tiago, por ser seu Parente, mas antes fazendo se todos bom lugar, com que pela união nenhum queria

130 *Servando*
ter mais que o mesmo: Desceo sobre el-
les o Espirito Santo, derramando e em
linguas de fogo sobre suas cabeças. Com
cujos Divinos incendios, cheios de cele-
stial sciencia, & de chamas Espirituaes,
pelo annunciar suas maravilhas, a enin ar
sua Fè, & a communicar os thesouros do
Ceo, desejando que por toda a terra se
ateassem as Celestes chamas.

Aqui meditarey, como só no Ceia-
culo, figura do Altar do Sacramento, pa-
rece que recebem o Divino Espirito San-
to, os que com ardentes suspiros, & com
Oraçam pura o esperaram; exercitanto-
se nam só no amor de Deos com a le-
çam da mente, mas na charidade do pro-
ximo, & no amor da fraternidade, con-
que todos cabião em hum lugar, & me-
stravam só huma fé, huma esperança, e
huns espiritos, sem se lhe dar das auth-
ridades do Seculo, & das perferencias
do Mundo; onde por nam perdermos a
superioridade, & preferirmos a todos, vi-
mos a perder tudo o que Deos nos dà pe-
lo desprezo, perdendo tambem a todos,
quer

quem dezeitimamos pela soberania, por
cuja causa parece mentira, & he engano
tudo que nós temos por servos de Deos,
por contradizermos com as obras, o que
affirmamus com as palavras, que são ar,
devendo ser fogo, que he figura do amor
de Deos, por quem devemos obrar tudo,
amando em Deos a todos, por Deos, &
para Deos; pois só entam receberemos
aquelle fogo do Divino Espirito, cõ que
correndo pelo Mundo a acender o ge-
nero humano, nem o Sol nos possa offen-
der, nem a neve esfriar, nem os mares im-
pedir, nem as angustias, nem os gostos,
nem as honras, nem as injurias, nem a
morte, nem a vida, que isto vem a signi-
ficar dar o Senhor o seu Espirito em lin-
guas de fogo, & nam polo nas bocas dos
Apostolos, senam sobre suas cabeças; mo-
strando, que o amor de Deos nam havia
de estar na boca, onde só ha palavras, mas
na cabeça, onde o Entendimento falla, a
Vontade obra, & a Memoria conserva.

Serà o fruto desta hora, aquella chave
com que se fecha, & guarda em duas
pa-

palavras pontualmente a Ley de Deos, isto he, o amor de Deos, & do Proximo; para qué não havemos de querer menos, que para nós, amando a todos como a nós mesmos, & a Deos sobre tudo, fazendo neste modo por não receber em vazio o Espirito do Senhor, por ter entendimêto na cabeça, & não em a lingua, pôdo na cabeça seus beneficios; & dêtro nalma seu Espirito, có q̃ não só se escreva sua Ley em novos corações, mas fazêdo escrevella no livro de todo o Universo có rubricas de sangue, com chamas de fogo, & movimento d'Alma, naquelles impulsos vehementes, com que a sua vontade seja o nosso gosto, a sua Gloria o nosso fim.

Summa.

O Melhor de tudo será, todo o dia, ou ao menos toda a hora, conforme o exercicio de cada hum, exercitar o desvello, com que o devemos servir, a conformidade com que sem resistencia nos devemos entregar nas suas mãos, a cóstacia có q̃ nos havemos de pôr a todas as tribu-

tribulaçoens, na prudencia com que nros
havemos de medir, e com a que elle quer
na Fè que devemos guardar-lhe, & na paz
que devemos ter na intenção com que o
obrigamos, na contemplaçam com que
ainda he Ceo no amor do proximo, & de
Deos, que ainda em sy he Gloria.

Se não tiver mais que huma hora,
cuidarey, que minha Alma he Ceo, onde
a vontade he Serafim, que se occupa em
amar a Deos; o Entendimento Cheru-
bim, que nelle se està a admirando; a Me-
moria Throno, que sempre lhe està assi-
stindo; os Sentidos Anjos, que sempre
lhe estão ministrando; as entranhas, & o
coração, Santos, que sempre o estão lou-
vando, & considerando a pureza, com q
os Anjos estão no Ceo, a fermosura do
Ceo, a Gloria da Bemaventurança, onde
os Celestes Espiritos se estão revendo no
meu Deos; Vendo que elle me fez Ceo
este dia, em que quiz vir estar comigo,
farey por viver como se o fora, por ser-
villo como se fora Anjo, por amallo co-
mo Serafim, por assistir lhe como Thro-
no,

no, por louvãllo como Chérubim, ane-
do todo o dia passando dentro de mim
mesmo naquella altissima presença, ef-
forçandome a toda a hora para fazer o q̃
diz Sam Paulo: Sendo a nossa conversa-
ção toda no Ceo; em Deos, & em sua
Mây Santissima, em os Anjos com os Sã-
tos entre aquelles jardins suavissimos, na-
quelles suavissimos, & celestiaes Paços,
onde o Senhor do Mundo assiste, onde
toda a Gloria se acha, & onde dentro de
nós mesmos podemos ter os Ceos aber-
tos, se fechando nós para o Mundo os o-
lhos da Fè, & olharmos com a vista da
Alma aquella luz, & claridade incompa-
ravel, & infinita, se imitando aos Ceos
nossas Almas, nem tem por dentro desta
luz nuvens de erros, que os encubram,
manchas de culpas, que os afeem, som-
bras de offensa, que os eclipse.

r

FIM DA SEMANA.*Quem*

Quem não poder ter Oração, faça ao menos por guardar a Viriude, que a cada hora se encemenda.

Segunda feyra. O Senhor no Herto.

Matinas. Conhecimento de nossa vocação, ou amor da solidão.

Laudes. Memoria de nossas culpas.

Prima. Vigilancia para não cahir.

Terça. Fortaleza para não desfamar.

Sexta. Resignação na vontade de Deos.

Noa. Esparança nas tribulaçoens.

Vesporas. Amor de Deos por sua Bondade.

Completas. Odio aos vicios por sua maldade.

Terça feyra. O Senhor atado à Coluna.

Matinas. A Honestidade.

Laudes. Brandura de coração.

Prima. Dezengano da vaidade humana.

Terça. Cuidado da honra de Deos.

Sexta. Perpetua memoria de Deos.

Noa. Temor de Deos.

Vesporas. Amor à Oração.

Completas. Fervor na Oração.

Quar-

Quarta feyra. O Ecce Homo.

Matinas. A mortificação.

Laudes. Saber examinar a Cruz, se he
boa, se má.

Prima. A Perseverança.

Terça. Lagrimas d'Alma, & do Corpo.

Sexta. Memoria do Iuizo.

Noa. Memoria da Payxão.

Vesporas. Memoria da Morte.

Completas. Desejo da Perfeição.

*Quinta feyra. O Senhor com a Cruz
às costas.*

Matinas. O Desejo da Cruz.

Laudes. Mudança da Vida.

Prima. Mansidão do Espirito.

Terça. Agradecimento a Deos.

Sexta. Desprezo do Mundo.

Noa. Considerar em Deos.

Vesporas. Valor Espiritual.

Completas. Accusação de nós mesmos.

Sesta feyra. O Senhor crucificado.

r Matinas. A Humildade.

Laudes. A Obediencia.

Prima. A Charidade.

Terça. A altissima Pobreza.

Sex-

• Sexta. A modestia nas palavras.

Noa. Movimento de Amor.

Vesporas. Desejos dos Sacramentos.

Completas. Contrição.

Sabbado. O Senhor no Sepulchro.

Matinas. A Castidade.

Laudes. Communhão Real, ou em Espi-
rito.

Prima. Amor de Deos.

Terça. Deixação de nós mesmos.

Sexta. Confiança em Deos.

Noa. Cautella contra o Demonio.

Vesporas. Recolhimento interior.

Completas. Jejum do Espirito, & do
corpo.

Domingo. O Senhor Resuscitado.

Matinas. O desvello no Amor de Deos.

Laudes. Não resistir a Deos.

Prima. Constancia nas adversidades do
Espirito.

Terça. Prudencia Espiritual.

Sexta. A paz do Espirito.

Noa. A recta intenção.

Vesporas. A contemplação da Gloria.

Completas. Fogo do Amor de Deos, &
do Proximo.

Quem

Quem disto se não agradar, pòde, se quizer, ter estoutra Meditação.

A Segunda feyra. Meditarà no Senhor como Amigo; & bastarà, que no seu coração ande dizendo todo o dia, & toda a hora, ou qualquer tempo: *Meu Deos, & meu Amigo.* Se tiver tempo de cuidar, cuide quam amigo foi nosso, pois chegou a pôr por nós a vida; pois nos falla no coração, como hum amigo a seu amigo: pois se fez humano por nós, & se poz por nós em huma Cruz, nam perdoando aos Anjos mãos; pois nos convida aos Ceos, & nos veyo a livrar do Inferno; & se dà a sy mesmo no Sacramento. E tantas outras cousas mais, que ensinarà melhor o Espirito.

A Terça feyra. Se meditarà no Senhor, como Hospede de nossas Almas; onde parece que quer morar mais que nos mesmos Ceos, sendo a Casa, em que o recebemos, tam vil, tam pobre, humilde, & baixa, que faz pasmarnos, na bondade cõ
que

que se move a estar comnosco em huma
cavana de palhinhas, & cheia de lodo, &
de immundicias; indigna de sua presen-
ça. Quem não quer meditar nisto; basta-
rà, que no seu coração ande dizendo a to-
da a hora: *Hospede de meu coração, enri-
queceyme esta casinha, pois sois Senhor de
todo o Mundo.* E se tiver tempo, cuide co-
mo foi nosso Hospede na Encarnação, no
Presépio, no Templo, na Cruz, no
Sepulchro, & no Sacramento: & o mais
que ensinar o Espírito.

A quarta feyra. Se meditarà no Se-
nhor como Rey; & bastará, que a toda a
hora se lhe repita dentro n'Alma: *Meu
Rey, meu Deos, & meu Senhor, fazeyme
merces a minha Alma, pois sois meu Rey,
& meu bem todo.* Se houver tempo de
côfiderar, veremos como reynou na Cruz,
pois o seu Throno foi a Cruz, o seu Rey-
no a mortificação, sem a qual ninguem
subirá a verse nos Reynos dos Cels, pe-
çamoslhe aqui muitas vezes, que venha
a nós o seu Reyno, & que nos faça amar
a Cruz, para que sempre reyne em nós,
-ed K &

& se faça a sua vontade.

A quinta feyra. Se meditarà no Senhor como Esposo; & bastará, que a todo o tempo lhe ande dizendo o coração: *Meu Deos, Esposo de minha Alma, trazey-me sêpre atrás de vòs, ou meteyvos dentro de mim, & dayme aquellas vestiduras, cõ q as Esposas vos recebem.* Se houver tempo de meditar, cuidarà de quantos modos se desposa o Senhor com nosco na Natureza, & na Graça, no Espirito, & nos Sacramentos. Cuidarseha quãto importa nam se extinguirem as alampadas, nem sermos como as Virgens loucas, mas ver quanto nos aproveita ser como a Esposa dos Cantarês, que o buscava por toda a parte, & lhe perguntava amorosa, onde passava ao meyo dia.

A sexta feyra. Se meditarà no Senhor como Mestre, que desde a Cruz nos ensina, quam nũs das cousas deste mundo, & quam fora hão de estar da terra os que da Cruz fazem escada para subir ao Ceo; & aprender a sua doutrina, & seguir a sua vontade. Quem nam puder considerar,
ba-

¹⁶bastará que lhe diga na Alma: *Meu Deos, meu Mestre, & meu Bem todo, se vòs me quizerdes fazer vòsso verdadeyro Discipulo, he certo q' só vòs podeis.* Se tiver Meditação, considere como sempre foi nosso Mestre, & nosso Exemplo, na pobreza com que nasceo, na verdade com que ensinou, na charidade que mostrou, nas virtudes que exercitou, & na obediencia com que morreu.

Ao Sabbado. Se meditará no Senhor como Pay; & bastará que a toda a hora lhe ande dizêdo o nosso Espirito: *Meu Deos, meu Pay meu Bem todo, não seja escravo do Demonio, quem vòs fizestes vòsso Filho.* Se houver tempo, meditar-se ha com a memoria nos Ceos, que elle nos diz, que he a nossa herança, & fazermos por não perder o morgado da Gloria pelos bens falsos da terra, por não morar no mundo cõ os lentidos, pois temos nos Ceos ao nosso Pay, pois a nossa Patria he o Ceo, & nosso desterro este mundo.

Ao Domingo. Se meditará em Deos como Senhor, que podendo só com os An-

jos, com os Santos, & Serafins servir
ainda neste mundo, se quer servir com
peccadores tam vis, & baixos pela culpa.
Se nam tiver tépo, ou nam o houver para
cuidar, bastará que sempre se diga: *Meu
Deos, meu Bem, & meu Senhor, indigno
sou eu de servirvos, pois os que vos servê
são Santos, mas se vós quizerdes, meu
Deos, só vós me podeis fazer hum muito
grande servo vosso.* Se puder considerar,
meditaremos a Grandeza, o Imperio, a
Magestade, & os mais supremos attributos
de hum Deos, que he Senhor universal,
nam só da Terra, mas dos Ceos, dos Elementos,
& criaturas, & de tudo o mais
que ha no Mundo; & admirandonos sempre
nelle, estando suspenso, & parados
veremos que favor nos faz em se querer
servir de nós.

F I M.

E fo-

E sobre tudo, encomendo muito, que em qualquer destes exercicios, figura, ou representação, oremos pelo Padre Nosso, pois (como ensina o mesmo Christo, o meu Padre Sam Francisco, Santa Theresa, Santa Coleta, & outros muitos Santos, & Me-
stres desta Espiritual Sciencia) tudo se acha no Padre Nosso, & tudo por elle se alcança, ainda que este se não reza, na forma que aqui se escreve, colhaõse delle as perfeiçoens com que se deve rezar; que este he o fim a que se ordena toda esta copia de escriptura deste Papel, de que o Padre Nosso será melhor, se se obrar como se diz.



[illegible]

este limas





VOZES

DO CÉU,

E

MORES DA TERRA.

em cinco Discursos:

Pelo Veneravel Padre'

ANTONIO DAS CHAGAS

— — — — —

VOZ DO CÉU I.

*Et natus de muliere, brevi vivens
tēpore, repletur multis miserijs. Iob. 14.*

TREMOR I. DA TERRA.

O Homem nascido da fragilidade
(dizia Iob) vivendo breve tempo,

K iiij

fe

se enche de muitas misérias; como nasce, como flor se murcha, como sombra apparece, & desaparece como sombra; quer sempre ser o mesmo, & nunca está em o mesmo estado: Gêrase em podridão, nasce em peccado, vive em miséria, morre em angustia; desde o começar a nascer ao acabar, tudo são misérias na vida, tudo são mudanças no Homem: tudo são misérias na vida, porque o ventre he trevas, o berço prantos, a mininiça ignorancia, a mocidade engano, a adolescencia vicio, a madura idade ambição, & a velhice enfermidade: Tudo são mudanças no Homem, porque hoje moço, à manhãa velho, agora alegre, depois triste, já são, já enfermo; hum dia irado, outro dia sofrido; hum tempo ditozo, outro mal afortunado; hora arrependido, hora peccador; nunca para em hum estado; Leda em fim de tantas mudanças; Sol q̃ tantas vezes se eclipsa, Estrella q̃ tantas vezes erra; Mar que tantas vezes se muda, Protheo que tantas vezes toma forma; todo o Mundo junto o não tem.

He bre todas estas miserias, se gastou mal o tempo da vida, que Deos lhe deu para tratar da salvação, tem morte para cada hora, juizo final para logo, Mundo para nunca mais, Inferno para sempre.

He gerado o Homem em podridão, para que desde as mantilhas do ventre aprenda a ter hum nojo de sy mesmo, hã desengano dos outros, & hum disfabôr, & desprezo de tudo aquillo que estima a vã profanidade: porque se o melhor extremo da vida humana he hum asco da consideração, & da mesma natureza, que serà, & que serà àquelle extremo ultimo desta evidente corrupção, que se resolve em cinzas mortaes, & em guzanos vivos? Se pois assim começam os homens da melhor geração; se o Grande, o Principe, o Monarcha não tem melhores principios que estes, porque estes são a materia, & fundamento do ser humano; que ~~na tam~~ nesciamête desvanecido, que faça caso de huma vida, cujos principios são desenganos de conservar-se, pois são começos de corromper-se? Nasce em peccado o

Homem, para que vendose escravo da culpa, que herdou com a natureza, abata a devoção daquella soberba, que quer ter jurisdição sobre as outras escravas, como se nascera em graça, & sayba que nasce cativo, & fogueito à cousa mais vil, & abominavel que pôde haver no Mundo, q̃ isto he o Peccado, tam odioso a Deos, tam pescimo, & detestavel, como quem não foi criatura de Deos, mas feitura dos peyores homens. E convem, que saybão isto os melhores homens do Mundo, para que considerem, que não podem ter dominio sobre os outros homens, se primeiro se não fogueitarem ao imperio recto da rezão, & resgatandose juntamente pela Graça de todas as outras escravidões, em que os meteu o vicio, quando vſou da rezão que devia, amanhecendolhe com a luz do Ceo, se ficou às escuras cō as sombras da terra. Vive em miseria o Homem, porque nada tem no discurso da vida, que não seja huma perpetua miseria, ou huma necessidade continua; o que se tem por regallo, o que se julga bizzarria, o que

O Ihe parece deleite, & o que se estima por riqueza, são grâdes misérias da vida, & grandes necessidades do Homem. Para sustentar a vida, he necessario comer, & beber, por bizzarria o vestir, por deleite o dormir, por felicidade o negociar neste, ou naquelle estado; sem advertir o Homem, que todos estes seus bens são necessidades, & misérias; pois vemos que a natureza faminta, sequeiosa, nua, affligida, & trabalhada, pede ao Homem, como por esmola, o sustento, o vestido, o sono, & a diligencia, com que se tem cuidado della. É desta advertencia nasce a mayor miseria de todas, que he chegar a ignorancia humana a ter, & amar por summa felicidade a sua mesma miseria, sem ver que o comer foi a occasiam do peccado, o vestir insignia da penitencia, o dormir figura da morte, & o negociar castigo da culpa. Que miseria pois pôde haver mayor, que chegar o esquecimento da profana vaidade a fazer negocio do castigo de culpas, delicia da figura da morte, galla, & ostentação das insignias da

da penitencia, regallo, & gosto da offeiza do peccado.

Devia o comer, & beber ser sómente para sustento, & não para regallo; devia ser o vestir, & o calçar, não para enfeitar-nos, mas só para cobrirnos: devia ser o dormir para descanso, & não para deleite: devia ser o negociar para o necessario, & não para o superfluo. Devia ser menos o negociar, porque se he para mais que o que basta para passar a vida, he ambição, & não providencia. Devia ser menos o dormir, porque sendo demasiado, he vicio, & não necessidade. Devia ser outro o vestir, porque sendo o que se vfa, he vaidade, & não modestia, Devia ser menos o comer, & beber, porque sendo mais do necessario, he gula, & não temperança. Se o comer he muito, não só he estrago das virtudes, mas também da vida, se o vestir he yão, não só he queixa da modestia, mas da natureza; se o dormir he demasiado, não só he nocivo à salvação, mas também à saúde. Se o negociar he superfluo, não só he arriscado para a consciencia,

mas para a pessoa. Eis aqui como tudo é miséria, & digno de lastima; ainda assim nesta miséria vive o homem tam esquecido da Eterna Vida, como se vivèra já Bemaventurado.

Finalmente morre em angustia, porque o cercão de toda a parte na hora da morte todas as misérias que teve, todos os peccados que fez, & todos os males q̃ tem, & todas as cousas que vê. Se olha para o Ceo, vê o bem de que andou fugindo, toda a vida: se olha para a Terra, vê a sua sepultura: se olha para o fogo, vê o seu castigo, ou no Inferno, ou no Purgatorio. A mesma vida o deixa, despedindose num suspiro; a morte o asalta, arrancandolhe a alma pouco a pouco; o ar o afoga, tomandolhe a respiração: o Ceo o atemoriza, hindolhe negando a luz; a terra o quer comer, abrindolhe a cova; o Inferno o quer engulir, m̃tendoo nas entranhas: & sobre tudo isto vê a Deos irado, cheio de justiça, & não de misericordia: o Demonio accusador, & já não amigo: os Anjos testemunhas, mais que

que advogados: os Santos expectador
mais que padrinhos, faz huma ~~dis~~ hon-
cia triste, horrenda, & temerosa, que he
outro genero de morte muito mais terri-
vel.

Morre em fim miseravelmente o Ho-
mem, & se dalli não vay condenado para
os Infernos, ainda tem castigo no Purga-
torio; se foi condenado, não tem reme-
dio, vay padecer para sempre fogo per-
duravel, penas eternas, confusão infini-
ta, & eternidades escuras, de pranto sem
termo, de tormentos sem cabo, de desesi-
peração sem fim: & que sabendo isto o
Homem, que tem juizo, haja de gastar a
vida na vaidade, & não no desengano;
haja de amar a miseria da vida, & não a
felicidade da alma: haja de buscar a per-
dição, & não o remedio: haja de fugir da
penitencia, & não da abstinção! Oh mise-
ria! Oh desventura mayor que todas as da
vida! Tal he a cegueira mundana, q̃ não
ha cousa que aos Homens pareça mais
contraria para a sua vida, que o tratar da
salvação; he necessario, que se enfadem,

&

se aborrecção da vida, & que a Alma se lhe chegue de amarguras, para que se cheguem a Deos, & lhe peção misericordia: & cuidão, que fallão contra sy, se fallão em salvarse, ainda que estejam vivendo na mayor miseria de todo o mundo.

Eu fallarey contra mim (dizia Iob no meyo de suas miserias) & fallando na amargura de minha Alma, direy a Deos, que não queira condenarme? *Dimittam adversus me eloquium meum, loquar in amaritudine animæ meæ, dicam Deo, noli me condemnare.* Notaveis palavras, por certo! Se Iob falla por sy sómente a Deos, que mais lhe havia de pedir, que a salvação, dizendolhe, que o não condenasse: logo como diz, que fallava contra sy? Se as primeiras palavras, que diz depois de fazer este proposito, são, que Deos o não codene? Oh mortaes! Andava Iob aborrecido da vida, desejava a acabar a vida, e destruilla, como diz Santo Thomas; se pois para a destruir havia de suppor algum contrario seu, que cousa havia Iob de desejar, senão a salvação: *Noli me cõ-*
dem-

demnare. Se não ha cousa que pareça mais
contraria a esta miseravel vida, trata-
tar da salvação, pedindo a Deos miseri-
cordia. Não tratais, mortaes, da salva-
ção, não fazeis penitencia, porque nam
aborreceis a vida. Onde se deixa ver, que
em quanto gostaes da vida, & das suas
miserias, a perdição he a vossa gloria, a
salvação o vosso aborrecimento. Eis aqui
a ultima das miserias, a que chega a ce-
gueira dos vossos vicios, para que no
Juizo de Deos sejais condenados, & re-
provados por toda a Eternidade, se
com tempo não fizeres peni-
tencia das vossas culpas.

(:?:)

VOZ

VOZ DO CEO II.

Quid est Homo, & quæ est gloria illius?
Ecclef. 18.

TREMOR II.

QUe cousa he o Homem? pergunta o Ecclesiastico: que tem o homem de Ieu, para que se persuada a que he alguma cousa. O Homem mortal (diz o mesmo Salamão) he humo empolla de agua; porque assim como a empolla não he mais que humo inchação, & já que se vê nas ondas apenas aparente quando desvanecida; assim o Homem peccador, com humo pouca de vaidade, que he o ar, que lhe entra, mal representa o leve engano de suas apparencias, quando desfaz a fragil pompa de sua obstinação aerea, ou sua presunção caduca. He como o vaso

L

de

de barro, ou seja velho, ou novo. ~~o~~ perigo tem de quebrar em chegando a cahir. Assim o Homem, ou seja moço, ou velho, igualmente pòde morrer. E ainda em qualquer mal, he como a Estrella do Mar; porque assim como estas ao parecer são Estrellas, não sendo na qualidade mais que humas sombras, & reflexos das Estrellas do Ceo; assim o Homem, se he justo, he hum sombra, & hum semelhança de Deos, nada por sy proprio, & nada pela culpa, pois por ella a sombra se vay, & a semelhança de Deos se perde, ainda que a imagem fique.

He como sombra o Homem, porque assim como a sombra que vay fugindo, vay desaparecendo, sem deyxar algum final de sy; assim o Homem, que vay vivendo, vay acabando, sem deixar algum vestigio daquella vida; apenas nos representa em leve vagado de sombra, quando morre como de accidente em breve efimera de nada. He como a escuma do Mar, que se ergue viciosamente sobre as suas aguas, & qualquer onda a derruba, & des-

~~o~~ ~~Seneca~~. He hum bocejo da terra, que sobe vapôr para morrer em fumos de hũ fumo, que o ar espalha, huma folha que o vento leva; fogo que se converte em cinza, que se desfaz em pò, porque se muda em todo o lodo, que se torna em terra. E que sendo isto, & muito peor que isto o Homem mortal, & miseravel, & fogeito a mayores misérias, & desventuras por seus peccados, haja de terse em grande conta, vivendo em culpa: & haja de fazer muito caso de quem he, não vivendo em graça. O justo não se sabe resolver, se he digno de odio, se de amor, & ensoberbecese o pò, & cinza, sendo o termo ultimo da vida, & da abominação.

Ah Senhor! (dizia a Deos David) trazey as gentes a juizo, & saybão que são Homens: *Constitu Legislatorem super eos, sciant gētes quoniam homines sunt.* Porèm se os peccadores de nenhuma outra cousa se jactão tanto, como de serem Homens, como he necessario, que venha sobre elles hum dia do Juizo, para que se conheção? Não fora melhor dizer o Pro-

feta: conheção os humanos, que se
dras na dureza, brutos no apetite, arvores
na elevação; pois abominava nelles a so-
berba, a obstinação, & a demasia? O
mortaes, excellentemente disse David.
Definio Iob que cousa era o Homem, &
disse, que era huma pouca de podridão:
Homo putredo. Queria David, que os Ho-
mens conhecessem que erão, huma po-
dridão que vive, huma immundicia que
se doura, huma corrupção que se preza.
Se os Homões se tiverão por Arvores, ain-
da que os condenàra a sua elevação, po-
dèra enganállos, & darem algum fruto.
Se se conhecèrão por Feras, quando os
malquistàra a fereza, a brutualidade os
desculpàra. Se se consideràraõ Pedras, a
duração os confiàra, ainda que a dureza
os reprehendèra. Pois porque nem a du-
reza os cõfie, nem a brutualidade os des-
culpe, nem dârem algum fruto os engane;
saibão, que são podridão, & não pedras;
conheção que são immundicia, & nam
brutos; vejão que são corrupção, & não
arvores. E conheção finalmente os mor-
taes,

que não são gente, pois são Homens, por que sendo Homens, são huma podridão corrupta, huma immundicia nojentta, & huma corrupção asquerosa, que foi nada ha pouco tempo, que está sendo pouco mais de nada, que será cousa nenhuma. Hontem hum favor do possível, hoje hum perigo do futuro, & à manhã hum medo do presente: hum pôde ser antes que fossem, hum não serão agora que estão: sendo hum forão acabando de ser; & se são mais alguma cousa, nada são mais qua hum lodo que vive, huma lama que lustra, huma terra que anda, hũa vaidade que corre, huma mentira que falla, hum engano que dura, & hũa presunção que mente.

De que pois vos gloriais, Homens miseraveis? Que cuidais que sois? Quem presumis que fereis? pois sabey, & acabay de crer, que em todo o Mundo não pode haver cousa mais vil, quãto ao ser terreno, q̃ esse ser que tendes, & de q̃ tão vos prezais. Toda essa fabrica vivente, toda essa

apparencia fermosa, toda essa ostentação robusta, & toda essa pompa deívanecida, he cousa tam vil, tam baixa, & miseravel; que nem depois da morte pôde ser peor, nem mais vil, do que he mayor gloria, na mayor presunção, & na mayor felicidade da vida.

Peccou Adam, & querendo Deos tirarlhe da cabeça aquelles fumos vãos, de que a sua vangloria fez vagados para o derrubar na culpa, querendo pôrlhe por terra aquella vaidade nescia, & desvanecida, com que andava com presunçoens de Divino, disse-lhe hum dia: Homem miseravel, lembra-te que es pó, & que em pô te has de tornar. Mas se Deos quer abater os brios a Adam, se o quer confundir, & humilhar com a vileza do que ha de ser, por castigo da culpa; se o quer atemorizar com a memoria da morte, figurada no pó, & cinza, que ameaço lhe faz, que medo lhe mete, dizendolhe, que ha de ser na morte o mesmo que está sendo em vida? *Pu'vis es, & in pulverem reverteris.* Não era meyo mais efficaz para

confundillo, & para estremecello, dizer-lhe, que se lembrasse, que cedo seria pó, & cinza, ainda que de presente era Homem? Não mortaes: se Deos dislera só ao Homem, que havia de ser pó, & que o não era já, deralhe hum desengano para tempo futuro, mas não lhe tirara a vaidade do seu engano presente. Via Deos, que do engano presente nascia todo o mal do Homem, pois com nenhuma cousa se engana tanto, como com o que era; & para que visse quanto se enganava com a sua ignorancia, ou com a sua vaidade, não só lhe disse, que havia de ser pó, quando o castigasse a morte, disselhe, que isso mesmo estava sendo, quando o enganava a vida. Mas se Deos fez o Homem do pó da terra, se o Homem vivendo he pó, que castigo lhe dà Deos em o desfazer em pó? Se na morte o desfaz, se na morte o castiga, como o não desfaz, diminuindolhe o ser; como o não castiga, fazendoo mais vil? Oh mortaes! não achou Deos nenhuma cousa peor, em q̃ podesse desfazer ao Homem, que aquel-

la melma de que o fez, não teve outra
mais vil, com que o castigar, que
deu tornar a ser aquillo que era; por isso
não podia pôr-lhe mayor afrôta no rosto,
que dizer-lhe, que ainda havia de ser o
mesmo que estava sendo.

Fez Deos ao Homem do pô da ter-
ra, como lê o Hebreu: *De pulvere*: fello
de hum vilíssimo, como diz Chrysosto-
mo; & vilíssimo de hum superlativo, que
affirma daquillo, que he vil o mais que
pode ser; pois não só he vil, mas sobre
mais que vil este pô, como materia pri-
ma, de que Deos formou o Homem; da
materia prima, diz Santo Augustinho, que
he o ser mais vil que se pode considerar.
Se pois o Homem não podia ser peor
cousa, nem mais vil do que era, q̃ mayor
castigo podia dar-lhe Deos, que fazello
ser o que tinha sido, quando acabasse de
ser o que estava sendo.

Dezenganay vos mortaes, que nada
podeis ser peor, nada podeis ser que seja
mais vil, que esse mesmo de que tanto vos
prezais; pois até parece que quãdo Deos

vos

vos quer aniquilar, parece tambem que
vos pòde ennobrecer, mas nem peio-
rarvos. Fez Deos da luz o dia, do Ceo
as Estrellas, do Mar os Peixes, da Agua
as Aves, da Terra os bichos, & animaes,
& as plantas; mas ao Homem de hum pò-
vilissimo, que ou nos cega, ou nos fuja,
tam baixo, & tam miseravel, que foge-
tandose a tudo o que fazem delle, sempre
anda cheio de immundicias, & de perse-
guiçoens: se se levanta o vento, o leva
pelos ares, & depois o derruba; se se não
move, todos o atropellão Isto sois Ho-
mens miseraveis; & disto fez Deos o pri-
meiro Homem, para que ven doise mais
vil por este principio que todas as outras
criaturas, buscasse no seu conhecimento
o seu desengano, & achasse na sua vileza
a sua humildade. Não só nisto, mas em
outros muitos doens fez mais caso a na-
tureza das hervas, das plantas, das
aves, & das feras, que dos humanos, pois
os brutos os excedem na força, as feras na
faude, os Cervos na vida, os Lincees na
vista, os Abutres no cheiro, as Aves na
li-

ligeireza, as Flores na fermosura, as Avores na pompa, & as Hervãs nas virtudes, & em outras infinitas cousas, que fôra hum nunca acabar começar a dizellas. Por isso queria Deos, que o Homem se conhecesse pela cousa mais vil que havia no Mundo, para que não se attribuindo a sy os favores do Ceo, vendo que lhe não era devido nenhum respeito, antes tendo-se por indigno das merces de Deos, assentasse sobre esta humildade aquelle beneficio, com que antes de peccar o fez senhor de tudo, & aquella misericordia cõ que o veyo a ver depois de haver peccado.

Mas não cuidão os Homens, que são pò, cuidão que são Deoses: aquelle engano, que o Demonio fez a Adam no Paraíso, faz no mundo todos os dias aos outros homens, como cuidão muito de sy, nada cuidão na morte, nada cuidão em Deos, nada cuidão na morte, porque vivem, como se não houvera morte; nada cuidão em Deos, porque vivem como se não houvera Deos; ainda que a morte

os defengana todos os dias, ainda que Deos os avisa todas as horas, como nam olhão para o pò, que he memoria da morte, como não olhão para o sepulchro, que he o espelho da vida; o pò ainda que lhe dè nos olhos, deixaos mais cegos; o sepulchro, ainda que lho ponhão à vista, fica a perder de vista. Oh se os Homens olhàrão algum dia para o pò da morte? Se os Homens fizerão algum dia espelho do sepulchro! que depressa se esquecèrão do que parecem! q se finalmente conhecèrão bem o que erão, não se terião por Homens, quando muito parecerlhes-hia, que erão huns bichos vís da terra, & húa pouca de podridão.

Senhor (dizia a Deos David) eu não fou Homem, fou hum bicho da terra, huma afronta dos Homens, & hum escarneo do Povo: *Ego sum vermis, & non homo, & c.* Porém se David era hum dos mayores Reys da terra, o may or Homem dos seus tempos, o gabo dos outros Homens, a valentia do Mundo, & a occupação da Fama; como já bicho, & não Homem,

mem, como escarneo, & não gabo, como
 afronta, & não credito? Oh ~~miseráveis!~~
 Chegou David às considerações da mor-
 te, como elle logo diz, por meyo do pò,
 & cinza: *In pulverem mortis deduxisti*
me. Chegou ao Sepulchro, como explica
 Iansenio: *Idest proximus sum sepulchro:*
 fez memorial do pò, & cinza; fez espelho
 do sepulchro, & como vio nelle, que to-
 do o parecer de Homens, & toda a afei-
 ção de Homens, se havia de mudar em
 guzanos, & bichos fedorentos, já não he
 o que parecia, já parece só o que he: *Ego*
sum vermis, & non homo Porque consi-
 derandose pela morte feito em pò, &
 cinza, pelo pò, & cinza na sepultura via,
 que nella não ficava do Homem outra
 cousa, mais que aquillo que nasce da po-
 dridão; & isto são bichos, & guzanos, co-
 mo dizia Iób: *Homo putredo, & filius ho-*
minis vermis.

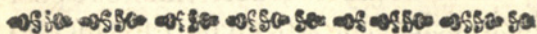
Isto vê quem olha para o seu sepul-
 chro, porèm ainda vê mais quem olha
 para Deos: quem faz espelho do seu se-
 pulchro, temse por hum bicho da terra,
 jul-

junta-se pó, & cinza, conhece, que he po-
 dridão, mas quem tem a Deos por espe-
 lho, ainda vê mais, porque vê que he na-
 da. E a rezão he, porque olhando para
 Deos, vê-se a sy, & vê q̃ he cousa nenhũa.
 He Deos como hum espelho para os que
 andamos nesta vida de peregrinos, segun-
 do disse Sam Paulo, & neste espelho só
 nos havíamos de ver, & rever todos os
 momentos. Vio-se a elle David, que tra-
 zia sempre os olhos em Deos: *Oculi mei
 semper ad Dominum*. E logo vio que era
 nada, como elle mesmo disse: *Et substā-
 tia mea tamquam nihilum ante te*. Se-
 nhor, nada sou diante de vós. Porém se
 David via, & se revia em Deos, como ven-
 do tão, via que era nada? Ora olhay: quẽ
 olha para o espelho, vê-se; quem o nam
 olha, não se vê. Vê-se quem o olha, por-
 que em olhando para Deos, vê a sua ima-
 gem, & vê, que sendo a Imagem de Deos,
 nada lhe fica mais que aquelle puro nada
 sobre quem se poz esta imagem; por isso
 conhece que he nada. Quem não olha
 para o seu espelho, que he Deos, não se

pode ver a sy, & daqui nasce, que como acha tantos doens de Deos em sy, ~~nem~~ ^{não} saber de quem são, nem donde lhe vierão, desconhece a Deos, delvanecese a sy, cuida que tudo he seu, dissipao como proprio, atè que na ultima hora o paga como alheio.

Se pois, peccadores, hum Homent justo como David, quanto ao ser mortal, & caduco, se tem por hum guzano olhando para o sepulchro; & quanto ao ser immortal, tem para sy que he nada, olhando para Deos. Em que conta se devem ter aquelles peccadores, que sendo por sy nada, pela culpa são huns sepulchros vivos de humas almas mortas? Se quereis conhecer quem sois, quanto ao ser terreno, olhay para o sepulchro: se quereis ver o que sois quanto ao ser mortal, olhay para Deos, vede que de não olhar para Deos nasce o caso que fazeis de vós: vede, que de não ver o sepulchro, nasce o caso que fazeis da vida. A vida sem memoria da morte, he huma morte d'alma: vós sem memoria de Deos, sois hum inferno

no da vida; da morte d'alma facilmente se caminha para a morte da vida: do inferno da vida facilmente se vay para o inferno d'alma. A morte da vida pòde fer cada hora, a morte d'alma ha de fer para sempre. Se pois não tendes mais q' huma vida, nem mais que huma alma, como não receais huma morte, que se apresla na culpa, como não temeis hum Inferno, que na culpa se ganha? Oh miseria da vida! Oh perdição d'alma! Oh ignorancia do nada! Oh soberba do pò, & cinza!



VOZ DO CEO III.

Homo, sicut fenum dies ejus, tanquam flos agri sic efflorescit. Psal. 102.

TREMOR III.

Compára David com o feno a vida do Homem, que isto são os seus dias,

dias, para que vendo os Homens na fra-
brica, & fragilidade do feno a fragili-
dade da sua vida, achem o dezengano de
sua vaidade no mesmo fogeito, onde a sua
vaidade achava o seu engano. E daqui
passem a considerar, que se os desenga-
nã aquellas mesmas cousas, que os costu-
mão desvanecer, que farã aquellas, que
os devem desenganar, humilhar, & ad-
vertir? Engana aos Homens, & desvane-
ceos a flor de sua idade, & a verdura de
seus annos, dandolhe a presumir, q̃ quem
começa a florecer, muito tẽ para durar, q̃
quem começa a reverdecer, muito tẽ para
luzir: desenganaos depressa o seu mesmo
engano; pois na vida do feno, que rever-
dece, na duração da flor, que mais pom-
posa nasce, vem os homens a vida, q̃ tam
depressa acaba, vem a pompa, & a idade,
quam pouco espaço dura: para que sou-
berdes isto os Homens, mandou Deos ao
Profeta Izaías, que chamasse ao seu Po-
vo, & perguntandolhe o Profeta, que ha-
via de clamar? Vay (lhe respondeo o
Senhor) & chama aos Homens, que se
não

não enganem, porque toda a carne he feno, e toda a sua gloria como flor do campo, recouse o feno, cahio a flor, & acabouse a gloria num breve instante; porque o mesmo Espírito do Senhor, q̃ num affopro lhe inspirou a vida tábé lha tirou noutro affopro, & foi a causa, não fazerem os Homens aquillo para q̃ Deos os fez.

Eis aqui o que são os Homens mais prezados de quem são, & os mayores Homens do Mundo, hum feno vilissimo, que das hervas nasce, na terra cresce, no ar floresce, & pelos ares morre. Eis aqui o que he a vida dos Homens, húa flor tam fragil, que o frio a seca, o Sol a murcha, o vento a arrebatá, os brutos a pizão, & os bichos a comem, sem que lhe valhão o privilegio da fermosura, a authoridade da pompa, & a verdura da fragancia, para que o tempo lhe perdoe, o vento a respeite, & o Sol a não castigue. Chamão os Homens flor da idade à Primavera da vida, & com rezão lhe chamão flor, porque toda a duração dos annos desta vida caduca, toda a repetição das Primaveras

M

da

da mais florida idade, não só tem a fragilidade de flor no mais tenro da idade, mas apenas tem a idade de huma flor na maior duração da vida.

Fallando Iob na vida do Homem, disse que erão breves os seus dias; dizendo David os dias da vida humana, comparaos ao feno, & com a sua flor: porém se a vida da flor he tam breve, & a do feno tam caduca, que ainda não dura hum breve dia: Se a idade de húa flor não chega a fazer hum dia, como dizia San-Tiago, com que rezão se contão os dias da vida do Homem pelos instantes de húa flor, que morre quando nasce o Sol? *Exortus est Sol cum ardore, &c.* Oh mortaes! todos os annos da vida do Homem se cõtaõ por hum só dia; porque não valé mais de hum só dia os mais compridos, & os melhores annos da vida do Homẽ. Hoje sou de cento & vinte annos (dizia Moysés ao seu Povo, despedindose d'elle) não posso passar daqui: *Centum viginti annorum sum hodie, non possum ultra ingredi, & ingredi.* Mas se os cento & vin-

Vinte annos são passados, se o hoje não diz mais de hum dia, se hum dia não inclui cento & vinte annos, como Moysés fallando pelo tempo presente do verbo *Sum*, diz que em aquelle dia era de cento & vinte annos? A rezão he, que o tempo da vida não se conta pelo que se tem senão pelo que se vive: o mais que no Mundo se vive he hum só dia, como dizia Quintiliano: *Tota vita hominis unus est dies*. O mais tarde que no Mundo se morre, he cada dia, como dizia São Paulo: *Quotidie morior*. Se pois Moysés tinha feitos os annos da vida, por onde havia de contar todos os seus annos, mais que por hum só dia: *Hodie*.

Não tendes, oh mortaes! mais que hum dia de vida em todos os vossos annos, ainda que tenhais muitos annos; a parte que tendes de vida, he brevissima, todo o outro espaço, que se passa ~~he~~ tempo, que se conta, não tempo q se vive, nem vida que se tem porque não passa do dia de hoje o mayor espaço do tempo, & a mayor duração da vida. Esta he a rezão

porque faz mais quem faz hum dia, que quem faz muitos annos; passaõ os annos, mas ficavos final dos annos, ficavos a idade, ficavos a ruina, ficavos o numero; a idade para final do que passou por vòs; a ruina para memoria dos danos que vos fez, o numero para memoria da conta que fazeis delles. Passaõ os dias, & nada vos fica delles, mais que a certeza de que passarão, & desaparecerão como flor do feno, como sombra do sonho. Em fim podeis fazer annos, só dias não podeis fazer: & a rezão he, porque a mais perfeita idade que pòde haver na vida, o dia q̃ começa, nesse mesmo dia acaba, no mesmo dia em que nasce, nesse mesmo dia morre.

Averiguando Genebrardo o dia da morte de Moysés, sobre as suas palavras a sima ditas, diz assim: *Particula hodie declarat Moysen septimo die Adar fuisse natum, & eodem fuisse mortuum.* A particula, *Hodie*, declara, que Moysés ao septimo dia de Fevereiro nascêra, & nesse mesmo dia morrera. Se pois Moysés tinha

na vivido tantos dias, que fizerão os
seus, nas cento & vinte annos perfeitos
como diz Genebrardo, que no mesmo,
dia em que nasceo, nesse mesmo acabou?
Esse he (oh mortaes!) o mysterio, po-
derse dizer dos cento & vinte annos, que
começarão, & acabarão no mesmo dia.
Servir hū só dia não sômête, para se cõtar
por elle a mais longa idade, mas tambem
para se affirmar delle, que sendo o pri-
meiro dia da vida, fora o ultimo da mor-
te.

Tanto no ultimo dia se poem a vida lo-
go que começa, tam presente està quan-
do acaba ao que começou, que parece
que toca de fim a fim: os mais apartados
extremos da nossa mortalidade, os polos
mais contrarios, as metas mais distantes,
& os termos mais oppostos, q̃ ha na mor-
te, & na vida. Se pois de Moylês, que vi-
veo cento & vinte annos, se diz, que nas-
ceo, & morreo no mesmo dia, que val
mais que hum só dia o mayor computo
dos dias, & o mayor numero dos annos?
Se a mais perfeita idade, no mesmo dia

em que começa, nelle mesmo acaba, porque não acabão de defenganar os mortaes, de que a vida he feno, & a sua gloria flor do feno? Viveo Moysés cento & vinte annos, & parece que não viveo mais que meyo dia, pois no mesmo dia nasceo, & no mesmo dia acabou; foi este dia, dia de sua vida, & dia de sua morte, sendo tão piqueno dia, q̃ era de Fevereiro.

Parece que de bom concerto, levando cada qual seu quinhão, havia de sahir a morte com ametade, se com outro tanto sahisse a vida: porém que muito he isto, se assim como a Escritura chamou dias ao tempo da vida: *Dies hominis*: também chamou dias ao tempo da morte: *Ecce propriè sunt dies mortis*. O tempo da morte, não he mais que aquelle instante breve, em que se divide a alma do corpo, & ainda assim té nome de dias na Escritura, onde tudo tem mysterio, & nada he superfluo. Que muito he logo, que também se chamem dias hum instante q̃ a vida dura, não sendo mais que hum breve instante? Não dura (oh mortaes!)

a vida mais que hum breve instante, porque não dura mais que hum agora. E nũto he a vida do Homem semelhante ao feno, que hum só instante dura. Do feno diz Iansenio, que subitamẽte morre: do mesmo diz Belarmino, que ao primeiro rayo do Sol, como que se lhe cahira hum rayo, cahe amorticado, & que por isso não duvidarão alguns de o comparar ao Homem.

Tam fragil he a vida dos mortaes, que bẽ cõsiderada, assim como a vida da flor, q̃ não he mais q̃ de hũ momẽto, assim a vida dos Homens não he mais q̃ hũ ponto; porque não he mais que hum só agora. Là o dizia Iob, fallando com Deos no meyo de suas misérias (que só nellas nos lembramos de Deos) & dizialhe assim: *Cunãtis diebus, quibus nunc milito, expecto, donec veniat immutatio mea.* Senhor, toda esta vida com que agora peejo, vou esperando minha resurreiãõ: assim se expõem Santo Thomas: *Quasi dicat, totã vitã milito.* Se pois Iob peleja toda a vida, como se declara por hum agora? Se

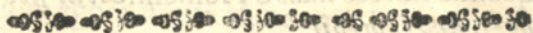
hum só agora contende, como diz, que anda em guerra toda a sua vida. Oh mortaes! & como havia de declarar Tob a brevidade da vida, senão chamandolhe hum agora *Nunc*. Com que havia de sustentar a sua esperança, *Expecto*, senão com o alivio, & consideração, de que não era mais que hum agora todos os dias da vida: *Cunctis diebus*.

Nem o Homem, nem a flor tem mais que hum só agora dentro das clausulas de hum dia! O q̃ vivestes pela manhã, já lá vay; o que haveis de viver à tarde se lá chegardes, inda não chegou; o mesmo que estais vivendo tãbem se vay passando: & nem os antes, nem os depois podeis contar de vida; porque huns se forão, & não vos deixarão nada, mais que a faudade de passados, ou a mágoa de perdidos: outros ainda não vierão, nem vos dão nada, mais que huma ansia de presente, & huma esperança de futuro: só os agoras, que em quanto eu o digo tãbem se passaõ, tendes successivamente cada momento, mas com tamanha fuga.

cidade, que em vos chegando, se vão, & em os sentindo vos fogem, & em os vendo, vos deixão. Em fim, he flor a vida quando floresce mais o Homem: *Sicut flos agri, sic efflorescit.*

Porém reparay, que o não comparou David com a flor dos jardins, se não com a flor do campo; & a razão he, porque a flor dos jardins sobre a caricia do rego, sobre o mimo do resguardo com que tratão della, ainda depois de cortada, que he o mesmo que morta, trazemna nas palmas, & pomna sobre a cabeça em final de estimação. A flor do campo, por fermosa que seja, por ostentosa que nasça, ninguém faz caso della, antes emaquella breve vida com que amanhece, alli mesmo onde cresce, & lustra com mayor pompa, alli a cortão, & enxovalhão, & a metem por baixo dos pés, como por desprezo. Eis aqui & que he em commum a vida do Homem, hum feno que seca, & hum a flor que se murcha. E ainda assim he tal a cegueira humana, que tendo o mayor desengano na sua

sua mesma vida, he engano que não se acaba, perigo que se estima, & esquecimento que dura.



VOZ DO CEO IV.

In imagine pertransit Homo, Pſal 38.

TREMOR IV.

PAssada a vida pelos mortaes, como a imagem pelo espelho, que sem deixar nelle algum vestigio da figura que representava, desaparece, & passa como sombra, ou como sonho, que nem por sonhos, nem por sombras segunda vez nos apparece. He imagem hum bosquejo vazio, & hum representação fantastica, sem nenhuma outra entidade, que ser hū arremedo do que nos finge, hum fingimento do que nos mostra, & huns longes do que nos retrata. E assim como a sombra

era na parede tem apparencias da pessoa de quem he sombra, & tomada às mãos, he nada: assim como a imagem no espelho, parece que se vê, & he engano, & affiguração; assim a vida no Homem he apparencia que lustra, mas pouco mais de nada, he visão alegre, mas cousa de riso, que nasce representação, dura fingimento, & acaba mentira.

Isto deu a entender David quando disse, q̃ os mortaes passavão em imagem, como se dissera, que o Homem era huma imagem, húa figura q̃ passa, & húa sombra que anda; ou como cousa imaginaria, que não tem ser algum mais que aquelle que lhe fingem as nossas fantesias. Finalmente à maneira de huma sombra vã, que he figura daquillo que representa, mas não a mesma cousa. Passa o Homem apressadamente na figura desta vida, que he sombra da Vida Eterna, correndo sem parar, até chegar à morte. Corre, & não se sente, voa, & não se enxerga, desaparece, & não se cuida. Como correio da posta que não delança: como rio inclinado ao mar,

mar, que nunca sossega: como pedra que desce' ao centro, & só nelle pára: como Nao, que não sente o curso, com que se engolfa pelos mares: como ave, que em breve espaço vence as distancias, que voa: como setta, que num momento se junta aos pontos, a que tira: tam arrebatado voa, tam furdamente passa, tam velozmente corre, que parece hum vo-o da morte a mesma duração da vida: o mesmo he começar a ser, que correr logo a acabar; os dias que a vão crescendo, a vão diminuindo: & aquillo mais se consome, que mais tempo vay durando.

Por isto dizia Sam Gregorio, que a nossa mesma vida era cada dia hum passar da vida; porque em quanto no curso da vida presente se passava da mininice à mocidade, da mocidade à velhice, da velhice à morte, a mesma vida com os seus proprios augmêtos se precipitava na sua declinação, & se chegava ao seu fim. Vay a vida sempre a correr, porque o seu hir devagar (diz Rufino) he hir cada momento correndo para a morte, & o seu
passar

passar depressa, acabar a vida: he hum
morre por momentos como dizia Quin-
taliano, & por muy escasos momentos.
E como he sombra a vida, tam fraca cou-
sa he, que tendo as condiçoens da som-
bra, qualquer outra a derruba. Vay sem-
pre descahindo a vida para a morte, quan-
to vão declinando as sombras para o Oc-
cidente: olhareis para a sombra do dia,
& parecervosha, que he hum grande
couza pois occupa os montes, estendese
pelos valles, desce pelos outeiros, assom-
bra o mar, & cobre o mais da terra: chega
a sombra da noite, derrubaa, & a faz lo-
go desaparecer, sem ficar rastro, ou final
do que tinha sido: Assim amanhece no
mundo a sombra da vida humana, vay
crescendo ao nosso parecer, & dominan-
do todo o Mundo, chega a sombra da
morte, & derrubandoa num mar de tre-
vas, não deixa final algum daquella ap-
parencia vãa, com que os mortaes se en-
ganão, só deixa aquelles riscos, ou bor-
roens, com que a morte se debuxa.

Mas quando a vida não fosse som-
bra,

bra, mas fosse Sol; quando a vida não fosse folha, mas fosse flor; quando a vida não fosse reflexo, mas fosse Estrella, em q ficarião os mortaes de melhor condição? Olhay para o Sol, mortaes, & vede que rico de resplandores em berço de ouro amanhece; porem vede que desluzido là sobre a tarde se sepulta aquelle grande lusimento, que dourava as nuvens, lustrava os mares, alegrava a terra, & authorizava o Ceo. Como vos não faz grande espanto ver que não dura hum breve dia? Assim a Estrella mais lustrosa, apenas resplandece, quando se eclipsa; assim a flor mais magestosa, mal se abre, quando se seca.

Se pois isto succede às flores, que sam joyas da Primavera; se isto acontece às Estrellas, que são diamantes do Ceo; se disto não escapa o Sol, que he Principe das luzes, que duração mayor espera, qué se foi Sol, não vive hum dia; quem se foi flor, dura hũa tarde? quem se he Estrella, brilha hũa hora? O Sol cada dia corre a ver o seu sepulchro, nem os ardores do
Meio

Meyo dia, nem o verſe no ſeu auge, nem o fazer ſombra a tudo, o pode obrigar a que ſe detenha, ſem que ſe incline ao ſeu Occaſo; elle meſmo ſe corta os lutos para a ſua Eça, fazendo crescer as ſombras para o ſeu tumulto. As Eſtrellas, vendo q̃ hão de cahir no dia do Juizo, tambem cahem todas as manhãas no ſeu deſengano: ſe nas cegueiras da noite oſtentão luſimentos, oh que depreſſa ao chorar da Aurora eſcondem os reſplandores! O meſmo he riſe a manhãa de as ver reſplâ-
decer com luzes alheias, q̃ correrẽſe ellas de ſua luzente vaidade, & deſaparece-
rem da viſta. A flor em quanto vive, alli meſmo onde nasce tambem ſe enterra, ſe para o Ceo moſtra a caduca pompa de ſua fragilidade verde, como quem a confeſſa na terra, enterra ao meſmo tempo as preſunçocns de ſua gentileza vãa, como quem a deſengana: quem a aparta da terra onde eſtã enterrada, tiralhe a vida, diminuelhe a duração, & enxovalhalhe a gentileza: quem a deixa eſtar com as raizes da humidade na ſua ſepultura ſem
a tirar

a tirar dalli, lhe dilata a vida, lhe poupa a gentileza, lhe augmenta a duração.

Eis aqui o que havia de fazer a vida dos mortaes, já que como flor quer viver, como Estrella alumiar, como Sol luzir; mas de o não fazer assim, se deixa ver, que a flor serve melhor a Deos, pois cada dia se desengana: q̃ a Estrella serve melhor a Deos, pois cada dia se esconde; q̃ o Sol serve melhor a Deos, pois cada dia se sepulta. Conhecey pois, mortaes, a vossa fragilidade, vede quaõ brevemente se passa o tẽpo da vida; mas vede que não basta considerallo, se desta consideração não colherdes o dezengano por fruto.

Daquelles peccadores, que forão aos Infernos, conta a Sabedoria, que considerando as misérias da vida, dizião deste modo: De nada nascemos, daqui a pouco seremos como se não fomos; a nossa respiração he hũ pouco de fumo, as nossas palavras hũma faísca, que nos move o coração, & apagada esta, seremos pò, & cinza; derramar-se-ha o espirito como leve ar, & passa a nossa vida como vestigio da

da nuvem, & se dezatará como nevoa afugentada dos rayos do Sol, & de seu calor aggravada: o nosso nome se sepultará no esquecimento dos tempos, & ninguém terá lembrança das nossas obras: o tempo da nossa vida será como passagem de sombra, não tornaremos ao mundo, depois da nossa morte, porque tem termos perscriptos a nossa mortalidade, & do outro mundo ninguém torna para este.

Podêra dizer mais (oh Peccadores!) hum Prêgador Evangelico, que tratara de grangear almas para Deos, prêgando desenganos da vida? Parece, que não differa mais. Pois isto dizião no mundo os q̃ forão ao Inferno. Porém porque forão ao Inferno os que dizião isto? Sabeis porque? Porque destas cousas, de que haviam tirar o desengano por fruto com a emenda da pessoa, tirava a sua ignorancia por consequencia a relaxação da vida. Oh mortaes! não ha mayor final para serdes ignorantes, & de hirdes aos Infernos, que depois de conhecerdes as misérias da vida, queredes que tenham per-

manêcia para vossos vícios aquellas mesmas cousas, que são huma continua mudança para o vosso desengano.

Havendo acabado de considerar estes Peccadores as misérias da vida, diz o Texto Santo, que disserão huns para os outros: Visto ser isto assim, aproveitemonos do mundo, levemonos boa vida, não se nos passe a flor do tempo: *Venite ergo, & fruamur bonis, non prætereant nos flos temporis.* Mas se a flor he a mesma fragilidade, para q̃ sendo figura do Homem o desengane: *Sicut flos agri.* Se o tempo he huma perpetua mudança, que ora em muletas coxeia, ora em azas voa, para que d'elle ninguem fie. Se como dizião estes mesmos homens, as flores se haviam de murchar: *Coronemus nos rosis antequam marcescant.* Se como elles mesmos affirmavão, o seu tempo se hia passando, era hũa passagem de sombra, que não tem propria sustancia: *Transitus umbræ tempus nostrum.* Como querem agora, que a sombra não passe, que o tempo não voe, que a flor se não murche? Oh mor-

mortaes! erão nescios, erão ignorantes, como elles mesmos côfessárão depois de estar no Inferno: *Nos insensati viã Domini ignoravimus*. Sendo pois ignorâtes, & havendose de condenar, que final havião de dar de sy na vida, senão querer que permanecesse para seus vicios, o mesmo que era huma continua mudança pera seu desengano: dezenganavaos o tempo voando, a flor perecendo, & a sombra fugindo. Mostravalhe a flor, que nascêra só para não durar: Mostravalhe o tempo, que não tinha azas mais que para desaparecer: Mostrava'he a sombra, que não tinha apparencias, mais que para se transpôr: & estas mesmas cousas, que havião estremecerlhe a vaidade, com o advertimento lhe emmudecião mais o appetite para a relaxação. Tam longe estavão de cahir na rezão, que ao mesmo tempo que conhecião isto, queria a sua ignorancia que a sombra fosse permanente, que o tempo se fizesse eternidade, que a flor se tornasse perpetua: *Non prætereat nos flos temporis*.

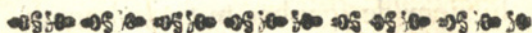
Que mayor ignorancia podia haver,
que esperar permanencias da flor, do tem-
po que passa, se as não podião esperar da
flor do campo que fica? Que mayor ma-
licia, que querer que parasse o tēpo, que
os desenganava voando, para que elles
entretanto por todos os seus vicios fossem
correndo? E em fim que mayor prever-
sidade, que fazer insentivo de seu distra-
himento todas aquellas cousas, que erão
hum despertador para a sua emenda? Vin-
de (dizião elles) & não fique flor no mû-
do, campo, ou prado, na terra fruto, nos
mares peixe, nos ventos ave, que não sir-
va de deleite à nossa lascivia, & não re-
conheça as jurisdicoens da nossa libera-
de: *Venite ergo, & nullũ gratum sit, quod
nõ pertranseat luxuria nostra.* Parecevos
q̃ era bom fim, para q̃ querião que o tēpo
fizesse impossiveis? a flor maravilhas, o
tēpo milagres? Parecevos, que era boa a
consequencia daquellas premissas? Pois
nenhuma outra cousa tirarão daquelle
conhecimento, nem de ver que a vida era
flor, o tempo sombra, & os homens terra,
mais

mais que a relaxação da vida, & o estrago da consciência, o pouco temor, & devacidação total de seus vícios, até que num ponto descêrão aos Infernos, como dizia Iob: *Ducunt in bonis omnes dies suos, in prosperitate peragunt, & in puncto ad inferna descendunt.* Santo Thomàs na exposição deste lugar diz, que este Inferno se ha de entender pela morte. Que mysterio terá, que a morte dos perversos se declare pelo Inferno? Oh mortaes! nenhú outro mysterio tem, que ser hum Inferno a morte dos Peccadores; num ponto morrem, num ponto vão para os Infernos, porque nelles he huma mesma causa o chegarem a morrer, que chegarem a se condenar, chegar às portas da morte, que chegar às portas do Inferno, perder a vida, que perder a alma; perder o mundo, que perder o Ceo; sair da vida, que entrar no carcere.

Oh mortaes! não deve ser o estado dos homens quanta ha de ser a vida, senão qual deve ser a morte; não se ha de olhar para a quantidade dos annos, senão

para a qual idade das virtudes: afaz vida tem quem por pouco que viva, vive para a rezão: pouco vive qué por muito que viva, vive para o apetite: o numero dos annos he mais huma cifra, que não val nada em lhe tirando a unidade do amor de Deos, que he todo o seu fundamento. Se pois sois imagem de Deos, que isto importa a rezão, como diz Santo Thomàs; se sombras suas sois, que isto importa aquella semelhança, a que o Senhor vos fez, como nem por sombras quereis ter semelhanças com Deos, de qué sois imagens. Ha de ser possível, que a sombra de huma arvore ha de andar ao redor della, a sombra do Sol o ha de seguir, as sombras dos montes não os hão de deixar, só a sombra de Deos, se o Homem, que he sombra de Deos, pois he imagem sua, ha de deixar a Deos, não ha de seguir a Christo, nem ha de andar ao redor delle, & isto sendo Deos Arvore da Vida, Sol da Graça, & Monte de Glorias? Oh lastima! oh desventura! A sombra se se parece com aquillo de que he sombra, a
mes-

mesma cousa parece: o homem se se parece com Deos, de quem he imagem, parece o mesmo Deos. Se pois perder esta figura, & esta semelhança, que ha de parecer o Homem? Serà bruto, parecerà Demonio, & hirà para as eternas sombras com os Anjos das trevas, onde pagará num para sempre de penas, o haver desprezado a Deos por hum tudo nada de culpa.



VOZ DO CEO V.

Homo nascitur ad laborem, & avis ad volatum. Iob. 5.

TREMOR V.

Nasce o Homem para o trabalho, como a ave para o vo-o: ou seja cõ as mãos, ou seja com o entendimento, em quanto estiver sobre a terra ha de traba-

lhar o Homem : trabalha chorando em nascendo, porque não pôde servindo, ou considerando ; tam pobre ficou a natureza humana depois da culpa, que quem não ganha o sustento com o suor do seu rosto, ou do juizo, parece que não chega a alcançallo, sem merecello com as lagrimas, que são suor do coração. Esta penção da culpa obrigou ao mayor, & ao primeiro Homem do mundo a roçar espinhas, & abrolhos, feito trabalhador vil, & homem de ganhar miseravelmente. Aquelle mesmo Homem, que sendo criado para o fim sobrenatural da Gloria, teve a Deos por Pay, os Anjos por Amigos, o Paraíso por Palacio, o Mundo por Imperio, & por Vassallos seus todas as outras Creaturas. E não parando aqui a sua miséria, quiz Deos mostrarlhe, que elle só havia de trabalhar na terra, de que nasceo o Senhor. Nenhuma outra creatura, salvo se atrahida pela industria, ou arrastrada da violencia se submetesse à fogueição, & à necessidade. E a rezão he; porque na mesma desobediência, com que
o Ho.

o Homem perdeu os frutos da Graça, rebellandose ao seu Creador, facudirão a creaturas todas o jugo interior da obediência, com que servião ao Homem. Mostroulhe a Providencia, que a Ave não fia, o Peixe não semèa, a Fera agreste não lavra, as Arvores não trabalham, & as Flores não cultivão: & que ainda assim tem para a vida o necessario, & às vezes o sobejo, sem rasgar a terra com o arado, ferir os campos com a enxada, cruzar os mares, descompôr os rios, nem descobrir aquelles segredos da terra, onde o ouro, & a prata, & as outras classes de metaes metidos como num sepulchro, parece que pedem ao Homem, que os não desenterrem, pois a pezar de todas as riquezas que pòdem darlhe as minas, tambem o hão de enterrar dentro de pouco tempo, onde não lhe pòde valer o ouro, para que se não converta em bichos, & em podridão

Voando em fim a Ave pela Região dos ventos, nadando o Peixe pelas ondas, vagando as Feras pelos campos, parece que

que como à finte da vaidade humana, ou dandolhe doutrina muda, se lhe mostram que não nascêrão para outra cousa, que para viver descansadamente. Cantando, recreandose, & apascentandose ao mesmo tempo que o Homem chora, que se afflige, & que sente a falta do que aos animaes não falta, do que às Aves sobeja, do que aos Peixes enfastia; & quando estas querem recolherse, & abrigarse dos desabrigos da noite, sem haver erguido edificio, se sollicitarẽ algum reparo para o sossego, & menos para o sono, achão nas lapas do mar alcobas, nas covas dos montes leitos, nos ramos das arvores camas, ou de campo, ou de vento, onde a planta, que lhe offereceo toldos para passar a calma, lhe arma pavilhão verde para lhe dar abrigos, onde as covas, que para o nascimento lhe offerecêrão berço, para o descanso lhe dão alvergue: onde as lapas, que para os riscos lhe offerecêrão refugio, para a quietação lhe dão encoito: & onde finalmente a Providencia superior, sendo ministra do agasalho, lhe té pre-

prevenido o repouso.

Naturalmente vive a Toupeira nas entranhas da terra, & alli lhe leva o Ceo seu alimento; vive no seu cazullo o guzaninho vil, & sobre vestir-se de sedas, là o sustenta a Providencia: vivem os outros bichos immundos sem se bolirem de hum lugar, & ahi onde os poz a natureza lhe acode com o necessario a Divina Bôdade. A herva mais humilde, a planta mais vil, a folha mais esteril, a flor mais melindrosa, o ramo mais sobrelevado, sem fazerem diligencia alguma para sustentar aquella vida vegetativa, recebem das entranhas da terra o succo que lhe basta. De todos o Ceo, & a Terra té cuidado, com todos se desentranha suavemente, só ao Homem não acode com a mesma prôptidão, sem q primeiro lhe custe a fadiga, a vergonha, ou a diligência.

Nisto, & em tudo mais quanto à porção terrena, quiz Deos mostrar aos Homens humanos, que erão muito mais miseraveis que as outras criaturas: pois nascendo as Feras do campo, nam só vesti-

cia

das, mas armadas, as Aves do Ceo adornadas de plumas, os Peixes do mar cubertos de escamas, as plantas da terra enfeitadas de folhas, as Estrellas do Firmamento cheias de resplandores, íó o Homem appareceo nù nos Orientes da vida, como mendigando, & pedindo a todos q̃ o cobrisse, & abrigasse, até, q̃ pudesse buscar cõ q̃ se cobrisse. Mostrouse a natureza mais liberal cõ as hervas agrestes q̃ cõ os humanos: mayores ventagões lhe deu neste privilegio, do que deu nam sómente aos Homens de mayor esfera, mas ainda aos de superior Gerarchia

Olhay o Lirio do campo (dizia Christo) & vede se Salamão na sua mayor gloria se pòde vestir como elle; nam trabalha, nem fia para vestir-se, & veste tanto melhor que o mayor Rey da terra; quanto he melhor (como dizia Santo Hilario) a verdade que a mentira? Em fim vestio Deos fermosamente as Flores, robustamente as Arvores, alegremente os Campos, para que podendo fazer mayor gala de sua natureza, que os mayores homens

mens, lhe lembrassẽm a necessidade com que nascia, aquelles mesmos a quem a ignorancia, ou a fortuna fingio mais izentos da miseria, ou da necessidade: todos em fim sem trabalhar tem o que hão mister; só o Homem não tem o que ha mister, senão trabalhando com o animo, ou com a pessoa: & a rezão he, porque nenhũa creatura offendeo a Deos mais que o Homem; antes fazem todas melhor que o Homem aquillo para que Deos as fez. A todas fez Deos para que o louvassem, & isto fazem a todo tempo todas as criaturas, excepto as racionaes. Estão sempre louvando a Deos todas as criaturas, porque todas a todo tempo são hum espectaculo fermoso, & hũa confissãõ louvavel, ainda que muda, das obras do seu Criador; pois nellas, como em vestigio da Divina Grandeza, como em copia do seu immenso Original, como em espelho, ainda que escuro, daquella Claridade eterna, como em lamina, bem que tosca, da Divina fermosura, parece que quando se nos manifestão por obras de Deos,

Deos, nos convidão à admiração de suas maravilhas, se olhandoas com a consideração, com que se devem contemplar, faremos estender o discurso, & o entendimento, por quanto a terra mostra, por quanto o mar descobre, por quanto o ar ostenta, por quanto o Ceo debuxa.

Isto fazem as criaturas mais rudes, aquellas que com almas de terra, & com espiritos de vento bruscamente nascem, bruscamente sentem, & vegetando vivem: por isso não trabalham por castigo, como faz o Homem, porque não trabalha qué louva a Deos. Não fazem outro tanto os Homens, porque trabalhando pela vaidade, não pela virtude, fogem daquelle jugo, com que se descança, por buscar aquelle descanso, em que se afadiga. Donde se vê, que faltando o Homem em seguir o fim para que foi criado, que he louvar, & amar a Deos, menos ama a Deos, que huma planta, que hum bruto, & que huma pedra; pois qualquer destas naturalmente não falta ao seu ultimo fim, & por isto nem trabalha

Yha o Homem, nem trabalha como deve; nam delcança, porque nam louva a Deos, nam trabalha como deve, porque não serve a Deos: serve aos Idolos de sua vaidade, de sua inclinação, trabalha por offender a Deos, mais que os bons para amar a Deos. Cançase por descançar na culpa, como se fora na Gloria: desvelase pela sua perdição, mais que os justos pela sua salvação; & poem mayor cuidado em se hir aos Infernos; que os outros ao Ceo.

Oh miseria! oh desaventura! digna de chorarse com lagrimas de sangue, digna de escreverse com letras de ferro, digna de chamar-se com folegos de bronze! Basta peccadores, que se não ha de hir hum Homem aos Infernos, sem que lhe custe o suor do rosto, o sangue do braço, a canceira do corpo, & a afflicção do animo, & o dinheiro da bolsa? Ha de ser possivel, que por Soes, & por chuvas, por calmas, & por frios, por ventos, & por neves ha de hum Homem andar buscando a sua perdição, & ha de ser necessario
para

para chegar hum Homem a ser condemnado, que ponha niffo todo o feo estudo, todo o feo sentido, todo o feo trabalho, & toda a fua fadiga, & que fobre tudo ifto fe não contente o Démonio, fe lhe não compreis o Inferno com o voffo dinheiro; & fe fobre tudo ifto não fazeis muito cafo, & muita vaidade da voffa condenação, na eftimação que fazeis da culpa, no gofto com que vos fenhoriais na maldade; tantos paíffos em fim para vos condenar; tanto trabalho para vos perder, tam pouco para vos falvar; tantas fadigas pelos bens caducos, & tranfitorios, que vos levão ao eterno carcere, & vos arraftão para a morte eterna! Tanto defcuido, & tanto efquecimento dos bens eternos, & permanentes, que vos atrahem, & levão fuavemente para a eterna Gloria, para a eterna vida!

Oh mortaes, vede o que fazeis, vede por quem trabalhais? Vede que fe trabalhades pelos bens do Ceo, tereis brevemente mais do que quereis: Vede, que fe vos cançardes toda a vida pelos bens

seu trabalho? Oh peccadores! não havia alli Deos, como diz o Texto: *Mane autē factō fletit Iesus in littoro*. Tudo erão sombras, figura da culpa; esclareceu a manhã, symbolo da Graça, então appareceu Deos, então se lançarão as redes para a mão direita, & só entam se fizeram bons lanços, pois se encheu a barca da Igreja dos seus escolhidos.

Desenganaivos mortaes, que ainda que sejais Discipulos de Christo, ainda que sejais Varoens perfeitos, ainda que tenhais as melhores redes da sciencia, & da eloquencia humana, ainda que trabalheis toda a vida, se vos cançardes pela gloria temporal, & nam pela eterna, se se não vir que està Deos onde trabalhais, se não tomardes seus conselhos, deitando as redes para a mão direita, tudo vos ha de fahir esquerdo, nada haveis de colher, nada haveis de aproveitar: os peixes coarà a malha, por mais meuda que seja, quanto mais finas forem, mais depressa as quebrarà, pois valem mais, por mais fortes, ainda que grosseiras, que por fi-

nas sendo fracas. E em fim de vossa vã
fadiga nam colhereis mais que vento nas
redes, frio na vida, afflicçam no animo,
& agua de tribulaçam na barca, atè que
Deos vos amaneça.

F I M.





FAISCAS

D O

AMOR DIVINO,

Vertidas de hum Pedernal humano.

Offerecidas a hum Crucifixo,

Pelo Veneravel Padre

FR. ANTONIO DAS CHAGAS,

Missionario Apostolico, da Ordem de
Sam Francilco.

Dedicatoria a Christo Crucificado.

A Quem? Aquem senão a vòs (meu
Deos) se hão de vitar, & offerecer
estes pedaços da minha alma, q' cõ a luz da

O iij

vossa

vossa Graça achei perdidos pelo mundo?
A quem, se não a vós estas cinzas do meu
coração, q̃ tiradas do Fogo Eterno sobre
esse Altar da vossa Cruz, do meu coração
saõ holocaustos, do meu engano, saõ momē-
tos? A vós sómente (meu Senhor) q̃ sois
todas as minhas cousas: como tornão do
mar os rios, se reduzem estas minhas la-
grimas, q̃ filhas saõ desse Oceano. Este
he o trabalho matutino, q̃ na concha do
vosso peito se torna em perolas preciosas;
estes os ultimos despojos, com que das ba-
talhas do mudo trago as insignias da vi-
tória para Tropheo das vossas Aras:
Estas as Taboas do naufragio, q̃ escapa-
das do mar do seculo para a memoria do mi-
lagre, no vosso Tépto depêduro. Esta he a
Casa da Oração, onde esse auxilio me deu
Alma, onde a minha Alma se fez Ceo,
onde hũa morte se fez vida (pequena paga
meu Senhor) hũa Faísca por hũ Ceo, hũa
lagrima por hũa vida, hũ só gemido por
hũa Alma. Bem sei (meu Deos, & meu
Senhor) serà noutra mayor culpa os su-
mos deste holocausto, & desta offerta a
ni-

ninharia, porem que victimas se esperam
de hum coração tam pobre, q̃ sendo o mū-
do tudo nada, nam teve mais que ser do
mundo: Mas se a vossa misericordia me
fez de vòs tam bem aceito, q̃ muito he q̃
eu já presuma, que os meus nada's sam bẽ
vistos? Nam o bair vòs os sacrificios, se-
nam a tençam, que se offerece, & nesta
ninguem bem mais que eu, pois tenho a
vòs comigo. Hoje nam só vossas pieda-
des han de ser quem ha de aceitar estes
trocos da minha dor, q̃ d'os cadaveres da
culpa por ser triũphos, são destrogos: Mas
tamhem quẽ ha de rever estes raios da
minha penna, que com a tin'ã de meus o-
lhos escreueram as minhas culpas no pa-
pel de meu coração? Revejaõ pois vossas
piedades este papel, que de joelhos consagro
hoje a vossos pès, ponhase nelle a vossa
emenda, donde se tirem os meus erros, pa-
ra q̃ nelles me não cegue, & me veja sem-
pre nella. Primicias são de hũa vontade,
q̃ nunca pode verse livre, senão depois
que a tendes preza, que reviver onde mor-
re, para se morrer onde se vive. Se ain-

da parecem flores os prantos desta minha
pena, quem duvida, que dos Altares saõ
as primeiras boninas? Nê eu (meu Deos)
tenho outros cravos, que pôr hoje em vos-
sas mãos: se por duras estas rezõens pare-
cem mais que pedras, eu já hoje nam pos-
suo outras para joyas de vosso peito. E se
por ondas precipitadas, eu já não tenho
outras correntes, que deite agora a vossos
pès. E se eu podera fazer tanto, que vos
podera fazer sempre de cada Estrella do
Ceo mundos, de cada onção da terra ma-
res, de cada areya do mar Cios, & de to-
dos multiplicados, vos fizera tãbê (meu
Deos) das pedrinhas dos montes Aras.
dos troncos dos bosques Templos, dos ra-
mos das arvores Coros, das folhas das
plantas braços, dos atomos do ar coraço-
ens, dos argueiros da terra olhos, das ber-
vinhas do campo almas, & das flores do
prado vidas. Se vestindome de todas jun-
tas podera voar a esses Ceos, & là cõ to-
dos os seus Espiritos todo me cobrira de
azas, todo me fizera Thronos num sêpre
abraço d'alma, nam houvera dia, nem ho-
ra,

ra, que com todos vos não amara, nem vivera momento, ou atomo, q̃ os nam occupara com vosco; nem estivera instante, ou ponto, que com vosco me não unira. Façam pois vossas benignidades (meu Deos, & Senhor) que se edifiquem em minha Alma os muros de Ierusalem; cayão da antiga Babilonia aquellas torres presumidas, de quem foi a baze o mesmo vento, & fundamento a mesma areya. Prostrados sam os Colossos, já derrubadas as Estatuas, & em fim os Idolos cahidos com as armas do desengano, com os castigos da rezaõ, com os golpes do escarmento, Feri agora (meu Senhor) & rasgai, meu Deos, & meu Bê todo, com as armas de vossa Cruz, ou com o fuzil do vosso Amor, as entranhas deste penedo tam rebelde, & empedernido a tantos vossos merecimentos; pois nam sómente dos meus olhos poderão assim nascer rios, mas tãbem do meu coração correr hũa mar de lavaredas. Tomay posse de humra Alma vossa, pois nessa Cruz tendes o titulo; nem consentais (meu Deos, & Redemptor) que deixe hoje o meu engano o

direito

direito da vossa Graça pelo avesso da minha culpa; a justiça do vosso Sangue pela trapassa deste mundo. Não quero eu melhor Cômenda, que verme com o vosso Habito; & nem para tomallo hoje a peito tirarey outras inquiriçoens, mais que as memorias dos meus peccados; nem farey melhores provanças, que as experiencias dos meus vicios. Aqui postrado a vossos pès, nos incendios do vosso Amor peço que arda este Papel, não peço que mo defendais, rogo vos sim, que mo emendeis. E se por meu, parecer mal, sejais bemdito Iesus, que assim fareis hoje, que o mundo se não engane mais comigo; se sentirem do que ha nelle, louvado sejais (meu Senhor) & conheçam todos, que sendo eu o mesmo erro, consentida vossa Bondade, q em mim se louvem vossas obras. Louvem-vos todas as Criaturas, & eu por toda a Eternidade.

GOLPE I.

*Desolatione desolata est omnis terra;
quia nullus est, qui recogitet corde. Ier. 12.*

LAGRIMA I.

TOdo o mundo se perde por falta de
confideração; assim o chora o Es-
pirito Santo pela boca de Ieremias, que
depois que as chamas forão lagrimas, que
muito que as linguas fossem olhos? E
necessário foi, que como linguas decla-
rassem o que choravão, pois já não vião
com os olhos, que sentissem o que di-
zião, Chorava o Espirito Santo, chora-
va também o Profeta, ver que os cami-
nhos de Sião se tinham feito matts bra-
vos, & chios só de agrestes sylvas, eram
solidoes, & desertos, sem haver quem os
habitasse, né quizesse já passar por elles,
quan-

quando a Terra de Babilonia toda ferra,
& penedos, despenhadeiros, & aspere-
zas a todos se fazia estrada, hindo por el-
la togo o Mundo. Por isso era necessario,
que o pranto não só fosse mágoas, mas
que fosse tambem rezoens, por ver se qué
lhe dava os ouvidos, lhe poria melhor os
olhos. Esta foi tambem a razão porque
David no Psalmo 98. quando chorava,
não pedia a Deos os seus olhos, só lhe
queria seus ouvidos. *Exaudi orationem,*
meam, auribus percipe verba oris mei.
Tão trocados andão os objectos de todos
os sentidos humanos, que parecia conue-
niencia equivocarem-se os officios, pois
quem lhe dava os ouvidos, lhe punha
melhor os olhos: mas não he esta ainda
a rezão: he porque o mundo andava ce-
go, & não tinha olhos para ver, quanto
mais para chorar. Estes olhos nas Escri-
turas se entendem pelo entendimento; o
mesmo David no lo affirma, dizendo em
muitos dos seus Psalmos: Consideray có
vossos olhos. E o nosso Lyra no lo ex-
plica, dizendo, quem são estes olhos:

Oculi

Oculi interiores animæ, vox eorum gemitus, & oratio. Estes são os seus discursos, são suas vozes os gemidos, sua eloquência a oração, Como pois ao Povo de Deos faltava este entendimento, & vivia sem considerar, andava cego, às escuras, sem atinar o seu caminho, sem ver os seus despenhadeiros, a Cidade de Deos se fez ermos, as vias de Sion desertos, & o mundo todo Babilonia. Oh se os homens considerarão, que forão nada ha pouco tempo, & que estão sendo pouco mais de nada, & que hão de fer cousa nenhuma! Se virão com algum cuidado, que aquillo, que foi, já não he, & que o que ha de fer, ainda não chegou, & que o que está sendo, vay passando; hontem menos que huma sombra, hoje sómente hum pó unido, & à manhã cinza, & corrupçam. Quê da rezão do seu juizo não faria olhos ao discurso? Quem das trevas do seu engano, não sahiria à luz da verdade? Quem das Remoras da sua culpa, não faria as azas da emenda? Virà o juizo, & a razão, que o que na vida himos crescendo, he

he o que vay diminuindo; que os seus bens se vão acabando, tudo o que duram em hir sendo: & assim nos himos confundindo, quanto mais tempo himos durando. Cada instante de nossa vida fora hū memorial para a morte, lembrandonos os que já passarão; cada lembrança da morte hum despertador para a vida, mostrando-nos quantas se perdérão. Conhecerá a mesma vaidade, que não ficando do nosso tempo mais que a memoria de haver sido, ou a mágoa de haver passado, naquillo mesmo que duramos, a cada ponto perecemos: *Per exigua festinantis di ei momenta preamurimur.* Tam veloz, & tam arrebatado he o curso da humana vida, que não havendo mais que hum passo desde o berço à sepultura, pôde servir-nos de tropeço hum pê mal posto a cada passo, não havendo mais que hum só follego entre o Inferno, & entre o Mundo: o mesmo ar que nos alenta, nos pôde tirar a respiração. Passará em fim esta vida, como vestigio de nuvem, ou qual nevoa que se desfaz; dezatar-se-nos ha o Espirito, como

torna o porto todo riscos; para a praya da Eternidade os encaminha o Norte d'Alma, & elles nas ondas dos peccados para o Inferno vão apique. Hum só vislumbre da Fortuna, que como vidro resplandece, os cega, até quando se quebra; hum resplendor do luzimento, que como vella se consome, ou como exalação se gasta, mais os ascende, do que os alumia: hum adulação do aplauso, que como ar se desvanece, com os encher de vento, os incha: humas delicias mentirosas, que como pirolas se dourão, com lhe amargar, as idolatrão; humas honras imaginadas, que só tem dezar de fantezias, com fer chimeras, as aprovão: & humas venturas fabulosas, que ameação como Cometas, até com a vida se comprão. Oh Homens vaões, que vos engana? Gente cega, que vos obriga? Quem vos arroja, & vos despenha, vos leva, & vos atrahê? Por ventura são as riquezas? Isto deu a terra a huma mina. São acaso as grandes pompas? Isto deu o vento a húa nuvem. He por ventura o ter mais vida? Isto deu

P

a hum

a hum tronco a montanha He acaso a valentia? Isso deu o monte a huma Fera. He a altura do grande eslado? Isso deu o vento a hũa grimpã. Por dita são as fermosuras? Isso deu o campo a huma flor. Que vos enlouquece, o deitar plumas? Isso deu a natureza a huma Ave. Que vos ufana, o vestir sedas? Isso deu o bosque a hum guzano. Que vos persuade, o comer mais? Isso concede o tempo a hũ bruto, Como pois chega a ser possível, q̃ seja a vossa idolatria a vossa ambição, vossa cegueira, aquillo de que gosta hum bruto, aquillo em que se cria hum bicho, isso com que não escapa hũa Ave, aquillo que não preza hũa flor, esoutro em que não dura huma grimpã; o mais com que foge huma Fera, & tudo o mais que em fim pouco estima o tronco, a Nuvem, a Mina? Se as riquezas todas são terra, se as pompas são hum pouco de ar, a vida pouco mais que folha; a valentia acção de Feras; a mayor altura, mudança; a belleza, filha das hervas; as plumas, sempre leviandade; as sedas, tumulto de bichos;

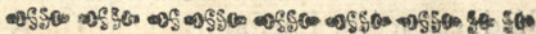
& o comer gosto dos brutos? Para que
quereis parecer minas, se assim sois pe-
dras de escandalo? Porque fazeis por
serdes nuvens, se isso he cousa que leva o
vento? Porque folgais de serdes Feras,
se isso he fugir de ser humanos? Porque
estimaes o viver como Arvores, se se cor-
tão as que não dão fruto? Porque deze-
jais parecer Grimpas, se a cada instante o
ar as muda? Porque morreis por viver
Flores, se cada dia hum Sol as seca? Por-
que vos prezais andar como Aves, se são
pennas seus enfeites? Porque trataes de
ser Guzanos, se os seus vestidos são mor-
talhas? Porque gostais de serdes brutos,
se isso he negardes que sois homens? Oh
venenos idolatrados! Oh fabulas sempre
bem quistas! Que facilmente vos deixà-
ra, quem vossa origem descobrira? Que
a'egrementes vos pizara, quem por d'etro
vos conheçera? Mas que se ha de fazer
hoje, a quem podendo ser maravilha por
privilegio da rezão, se faz aggravo de
desatinos por condição da vaidade, ou
abuso da natureza.

se perdem no porto, depois de atravessarem os mares. Nada succede no mundo, que não seja hum grito perpetuo, com q̃ Deos Nosso Senhor avisa, & falla, que não seja hum despertador mudo, cõ que o Senhor nos desperta, nos estremece, & nos acorda. As Aves, que acordão cantando, nos ensinão a louvar a Deos: as Fontes que correm ao centro, o como havemos de buscallo, as luzes que nos livram das sombras, o que faz a Graça nas culpas: a noite que entristece a terra, o como deixa o vicio huma alma: os males que vemos no mundo, nòs mostrão a sua miseria; as felicidades, & gostos, nos figurão os bens do Ceo; as vidas dos maos com os seus fins, nos fazê afastar dos seus passos; a morte dos bons com a sua gloria, nos faz seguir o seu exemplo. Nos dias tempestuosos, se representa o fim do mundo. Com as noites tristes, & escuras se nos retrata o Inferno. Tudo parece nos ensina, & tudo tambem nos reprehende, pois ainda em nòs não aprendemos o que experimentamos. E nada e n

fim pôde bastar, para que nos saibamos mover: prezos pelos laços enganosos, & & nos nós cegos repetidos de tão varias profanidades dormimos no leito da culpa, como se não houvera morte. Estamos na casa do vicio, como senão houvesse Inferno, & vivemos com o Demonio, como se não houvera Deos. Onde està aquella differença, que nos distingue dos brutos? Onde mora aquella rezão, q̃ nos iguala com os Anjos? E onde a vida dos Christãos, que nos chega a fazer Deoses? Não se despedaça a continencia com os golpes de seus delitos? Não se esmorece o mundo com a sua vista abominavel? Não foge o sangue a hum peccador com sua vida aborrecivel? Como nos não admiramos, de que muitos por se perder, fação mais do que nós por salvar-nos? Que sirvão tantos ao Demonio com mais extremos, que nós a Deos! Se Deos fora o interessado, & nós os independentes; se elle nos pedira algum mal nosso, & não nos offerecèra o Céu, parece q̃ tiverão desculpa as froxidocens do nosso en-

engano Mas ainda assim não tiverão, porque elle sempre fora amavel, & mais que tudo apetecivel. Pedimoslhe hōras, dānos creditos; pedimoslhe males, dānos bens; queremos gostos, faznos mimos; buscamos nada, dānos tudo; & nada dīsto ha de bastar para o buscar, para o querer, para o servir, para o amar! Por ventura nos nos fazemos? Nōs nos sustentamos, & animamos? Obras sãō de suas mãos, empregos de sua bondade, & perdão da sua justiça. Qual he dīsto a satisfação, & qual o agradecimento? Reduzir tudo ao nōsso engano, & prevertello em sua offensa! Por ventura para os vícios, & torpezas cuidaremos nos criou, quando elle tem mão nos nōsso castigos? Cuidaremos, que se descuida por hūa hora, por hum instante, que he o que dura a mayor vida, nos expomos cada ponto aos danos da eterna morte, por hum ponto em que lhe fazemos eternidades de desprezos? Serā bem, que o percamos, & cayamos na sua ira por toda a mesmā Eternidade? Quem nos diz, que não ferā

hoje, daqui a pouco, ou logo agora, se não concorrer com o que vivemos? Que nos dà o com que duramos; pois por hũ pensamento leve, que mais afflige, do que recrea, por huma só palavra ociosa, que logo o ar, & vento a leva, por hum acto que peccamos, o que hum breve instante apenas dura: He rezão que se offenda a hũ Deos? He acerto que se perca o Ceo? He bem que se agrade ao Demonio? Como não olhamos, & vemos, que fugindolhe, nos confundimos, & aggravando-o, nos offendemos, que peccando, o crucificamos. Que mal nos fez, se nos criou? Que nos offende, se nos ama? Em q̃ nos aggrava, se nos sofre? Como pois por ser servos de Satanàs, nos negamos de Filhos de Deos? Como nos armamos cõtra elle, seguindo as bandeiras do Demonio! Como em fim só por servir a este, queremos que Deos nos sirva a nós! Oh doudice sempre precipitada! Oh deza-tino nunca chorado! Oh perdição precipitada! Oh cegueira do entendimento! Oh obstinação da malicia!



GOLPE IV.

Derelinquat impius viã suam, & reuertatur ad Dominum, quoniam multus est ad ignoscendum. Isai. 55.

LAGRIMA IV.

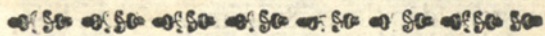
SE o mal nalce de não cuidar, o considerar he o remedio: *Meditey os dias antigos, contempley os dias eternos* dizia o Profeta David, por isso em outra parte: *Ascendeuseme o coração*; porque a meditação toda he fogo. Cuidem pois os homens o que he o mundo, & o que são os homens; o mundo inimigo de Deos, os homens inimigos de sy, deixem as vias da perdição, tornemse os homêes a Deos, que he a sua vida; viremse, porque tudo està num virar; fação alguma cousa os homens, & não queirão que Deos faça tudo.

tudo. Todos os passos ,& fadigas, que ha de custar este Thefouro, dentro de sy mesmos se dão; caminhando pelo entendimento, & trocando pela vontade; para que o prado crie flores, para a terra produzir minas, he necessario com o Sol cõ-correr a terra, & o prado. Não goza as riquezas da India, quem não navega o Oceano; nem ganha as palmas do Triũfo, quem foge aos golpes do conflicto. Não se cubrão sempre os Nãoqueros, com os sobcapas dos Nãopossos; porque he vestiras desculpas do mesmo tra-ge da malicia. Não guardemos para a manhã, o que ainda he tarde, sendo hoje; porque como são os nossos Logos da natureza dos Depois, quasi sempre nos passa o tempo nos passatempos do outro dia, Não seja sempre nas tençoens do Mundo tudo porpòr desenganos, & tudo não cumprir promessas: tudo estes Logos de futuro, & tudo huns nuncas de presente, pois vemos que para serem estes Nũcas da condição daquelles Sempres, Ainda he sempre em nós, o Daqui a pouco sem-

sempre he Nunca. O resistir a Deos cada dia, enganar a Deos cada hora, que castigos, que desemparos não terã da ira de Deos? Se por vermos, que nos dà avisos, damos confiança aos peccados; se por usar de misericordias tomão licença as nossas culpas: se pois o Já, he tarde, quem não dirà, que o Amanhãa vem longe? Não são misericordias, que se dilatão offendidas, já são especies de castigos que outros mais crueis ameação. Não sei como ha quem se deite a dormir com o seu peccado, sem se acordar do seu perigo! Oh convertamonos a Deos muito de todo o coração: seja Deos nos nossos coraçoes o definitivo dos venenos, com que morremos pela culpa. Preciso he, que em nós se funde o que Deos mesmo edifica, & elle he quem levanta a fabrica, fazendonos sahir da terra, nós somos quẽ poem o fundamento, humilhandonos a suas obras. Ninguem cuide tanto de sy, que imagine que Deos o ha de mister, q̃ para a mallo nos criou; que fazemos, que o não amamos, fugindo de quanto o of-
fen-

230 *Parças*
fendemos? O primeiro passo para o Ceo,
não he outro que o primeiro passo, com
que nos afastamos do mundo; porque
afastar das criaturas, he o mesmo que che-
gar a Deos, escada podem elles ser para
subir ao que elle he, quanto mais se todo
o mundo metermos debaixo, mais perto
de Deos ficaremos. Por estes degraus nos
sobea a luz a ver o Sol no Meio dia; por
estes quando se desce, se cerca a noite dē-
trō na alma. Levese a rastos a vontade a
ver o que diz a memoria; peite a rezão
o entendimento, para que converta a vō-
tade; não pareça que anda vadio entre os
humanos o discurso: nem seja a praça pa-
ra hum cego a Monarchia do alvedrio;
não se queixe a Misericordia, de que nos
deixe então a Graça, nem se irrite mais a
justiça de que do perdão cresceu a culpa.

GOL.



GOLPE V.

Milvius in Cælo cognovit tempus suum: turtur, & hirūeo, & ciconia custodierunt tempus adventus sui: populus autem meus non cognovit iudicium Domini. Ierem. 8.

LAGRIMA V.

AS Aves, as criaturas mais leves, as que não tem rezão, & juízo, sabem aproveitar-se do tempo, conhecendo o que elle pede; muitas vezes fugindo ao mar, onde tenham seu sustento, buscão nas prayas seu abrigo, onde anteveem as tempestades. Os Homens, a quem Deos entregou o imperio das criaturas; a qué deu mais a conhecer o discurso do tempo, como se não tiverão rezão, como se não tiverão discurso, todo o tépo querê dar ao seculo, & nenhũ à Eternidade. Os câpos
ver-

nhicimento proprio, & Deos.

III.

A Morte em toda a parte pòde succeder, em todas as occasiões tem occasião, em todo o lugar pòde ser, em toda a parte tem porta aberta, comendo, rezando, passeando, estando quedo, chorando, rindo; em casa, na rua, na Igreja, na cama, na mesa, &c. Assim em toda a parte se pòde amar a Deos, em todo o lugar, em todas as occasiões, & acçoens, excepto nas de peccado. E ainda que não seja mais, digamos em toda a parte interiormente: *Meu Deos, do meu coração, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, em vòs creio, em vòs espero, a vòs adoro, & amo sobre todas as cousas.*

IV.

He, que todo o nosso bem pende de huma boa Morte: Assim todo o nosso bé pende de termos Amor a hum Deos infinitamente bom.

V.

He, que tudo o que não he bom para a hora da Morte, não he bom para a Alma.

• Assim

Afsim tambem não he para a Alma, o que não he para amar a Deos.

VI.

He, que a morte he amargosa para os mãos, & doce para os bons: Afsim o Amor de Deos he amargoso para os appetites, & doce para a razão, & affectos que nam são mãos.

VII.

E muito principal he, que quem morre, já não pòde tratar dos bens desta vida, se não dos eternos, se morre bem: Afsim quem quer bem a Deos, não trata dos bês desta vida, só se lembra dos eternos.

VIII.

He, que a Morte mata só por matar, não tira intereffe nenhum de que morrão o Papa, o Principe, a Donzella, o Grande, o Piqueno: Afsim o Amor de Deos ha de fêr por amallo, sem intereffe desta vida, charidade perfeita, & nũ de tudo o que não he Deos.

IX.

He, que o Homem nasce para morrer: Afsim tambem o Homem nasce para amar a Deos.

He,

X.

He, que para haver boa morte, he necessario boa vida: Assim para ter bom amor a Deos, he necessario viver bem, exercitando se em todas as virtudes, que forem possiveis.

XI.

He, que a Morte boa he alivio de todos os trabalhos: Assim o Amor a Deos de todos deve ser alivio.

XII.

He, que na Morte se acabão brevemente as penas: Assim todas as nossas, em havendo Amor, brevemente se acabão.

XIII.

He, que a muito se atreve, qué se atreve à morte; por isto são louvados os Martyres: Assim a muito se atreve, quem se oferece ao Amor, & se entrega a elle, ha de romper por tudo, & as difficuldades, & impossiveis lhe hão de parecer faceis.

XIV.

He, que a Morte descobre os enganos do Mundo; Assim o Amor de Deos descobre a falsidade dos enganos do seculo.

Mui-

XV.

Muito para notar he, que diz o Espirito Santo, que quem se lembrar da Morte, não peccará mais: *Memorate Novissima tua, & in aeternum non peccabis*: Assim quem se lembrar do Amor de Deos, não ha de peccar.

XVI.

He, que a morte muda os fcegeitos; quem antes era homem delicado, com a Morte se muda em cadaver; ainda que o pizem, & esbofeteem, não sente o q̃ lhe fazem: Assim o Amor muda as criaturas, de modo que como mortas não sentem o que sentião, antes quem antes de amara Deos não se achava capaz de jejum, de penitencia, &c. em amando a Deos he outro, já não sente, ama, & am a ao mào trato, &c. por isto a Iustificacão se chama Conversão, que he mudar em outro.

XVII.

He, que a Morte não tem mais q̃ hum contrario, que he a Vida: Assim o Amor de Deos, não tem mais que hum inimigo, que he o Peccado, que he o seu destrui-

struidor; todos os mais inimigos Carne, Mundo, & Demonio, em tanto são inimigos d'Alma, em quanto occasião de peccados, mas vencidos todos elles, ferãr para crescer o Amor.

XVIII.

De hum morto não sahem mais que guzanos, que lhe roem as entranhas: Assim de huma Alma enamorada de Deos sahe o bicho guzano da Consciencia, que a roe com a memoria, & contrição das passadas culpas, com a dor dos descuidos presentes, que a eltão sempre mordendo, & atazanando.

XIX.

A morte deixa huma Alma só acompanhada de suas obras, & em presença de Deos: Assim o Amor deixa huma Alma só, dizendo que não quer mais que a Deos, vestindose para isso de suas boas obras.

XX.

He, que hum morto logo dà cheiro de sy em quanto o não enterrão: Assim que ama a Deos, logo cheira a seu Amor, & não o pôde encobrir até se meter numa cova.

He,

XXI.

He, que a Morte he ley que se poza todos, não se livra della nenhum: *Statutum est hominibus semel mori*: Os Reys, os Principes, os Nobres, os Plebèos, enfermos, nescios, & sabios estão fogeitos às Leys da Morte: Assim tambem estão todos fogeitos às Leys do Amor, & devem amar todos a meu Senhor Iesv Christo.

XXII.

He, que quando chega a Morte, todos fazem grandes propositos de nunca mais peccar: Assim quando chega o Amor, devemos fazer hum firmo proposito de nunca mais offender a Deos, que para sempre seja louvado, servido, estimado de todos, querido, & obedecido, pelos seculos dos seculos. Amen.



SIN AES DO

PERFEITO AMOR DE DEOS.

I.

P Rimeiro final do Amor de Deos: He cuidar sempre no que se ama, & quãta he a lembrança, & memoria, tanto he o Amor, como diz Santo Agustinho: *Mensura Amoris, memoria est.* Senão cuidamos muito em Deos, não o amamos muito, & he impossivel, que folguemos de meter em o coração, o q̃ não trazemos no sentido; se Deos he o nosso Amor, elle he o nosso cuidado; a força com que o Amor entra por dentro d'Alma, não permite, q̃ esteja ociosa a memoria.

II.

He gostarmos de fallar em Deos amiudo, vem-le o coração à boca; he o Amor

Amor como o azeite, que logo revê por fóra; por fóra ha de dar sinaes do que está dentro, como o Sol na nuve, & na cheminê o fogo.

III.

Se folgamos de ouvir fallar de Deos, não ha quem não se alegre, gabandolhe, ou fallandolhe no que ama; hum suave sobressalto causa nas Almas, que tem entregue o seu coração a meu Senhor Iesv Christo: Deos he setta, em se bolindo na setta, de que hum está atravessado, logo dà final de que a sente.

IV.

Se os desejos de Deos se poem por obra: A arvore que não dà fruto, mà arvore: Nao que vem da India vazia, triste Nao: Iardim que não tem huma flor, mà Iardim: Alma que deseja fazer por Deos grandes cousas, & não faz nada, miseravel Alma.

V.

Se visita a miudo os Templos dedicados a Deos: se he Religiosa, veja se visita muitas vezes o Santissimo Sacramento,

R

ain-

ainda que seja com hum Padre Nosso, & hum Ave Maria, & se amã o Coro, & os santos exercicios, & se reza com reverencia, & devoção o Officio Divino.

VI.

Se dà esmolas aos necessitados por charidade, & não por vangloria; se cõ suas Oraçoens, disciplinas, bom exemplo, & bons conselhos ajuda os proximos.

VII.

Se se não agasta com os trabalhos, & sofre com paciencia, & alegria as necessidades, doenças, afrontas, & misérias, que Deos permite para nossa prova; porque ao ouro de nossas Almas nesta fornalha se tire o que tem de terra, & as fezes, que impedem a união Divina.

VIII.

Se fazemos com gosto tudo o que nos manda Deos em sua Ley, & temos de obrigação segundo nossos estados.

IX.

Se arrefece em nós o Amor, que antes tínhamos ao Mundo; porque se este não esfria, he final que o Amor de Deos nam
fe

se acende, não ha tal Amor, não se pode servir a dous Senhores, nem com huns meismos passos caminhar para o Norte, & para o Sul. Quando o Amor de Deos começa, he final certo, que o do Mundo acaba: a alvura na parede deita fóra a negregura; se a negregura do Amor do Mundo reyna, ainda não ha brandura.

X.

Se honra, & estima os servos de Deos, & gostolamente os ouve, serve, consulta, & obedece, em especial aos Pays Espirituaes; ou se aborrece atar o Espírito, ou a Vontade, à obediencia. Quem quizer aproveitar em breve, tenha Pay Espiritual, & governe-se por elle.

XI.

Se folga de dar-se ao retiro, & ao silencio, para que estando só retirado do Mundo, converse, & falle com Deos: quem se não retira de criaturas, & de deleites, & de peccados, não chega à união com Deos.

XII.

Se tem Oração continua, & se em tudo o que faz dezeja contentar a Deos, &

faz por não fahir de sua presença, em que deve andar por amor, & por memoria continua, conservando para isto a pureza de intenção, & de consciencia, chegando-se a miudo à Sagrada Communhão.

XIII.

Se folgamos, & nos alegramos, de que todos amem, louvem, queirão, estimem, & obedeção a Deos.

XIV.

Se fazemos quanto em nós he por estender por muitas Almas o Amor de meu Senhor Iesv Christo; cançandonos o possível porque seja estimado, santificado, & louvado na terra: que reyne em todas as Almas; & que em quantas podemos, se destrua o Reyno do peccado, & o Imperio do Demonio, de que devemos ser publicos, & capitaes inimigos, por gloria, & honra de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.



EXERCICIO

DE MORTIFICAC,AM PARA
toda a Semana.

A Segunda feira.

Mortificar os sentidos dos olhos, não olhando de advertencia para criatura alguma, fazendo muito porque esta exterior compostura do rosto, & vista, seja memorial da interior modestia, & recolhimento da Alma na presença Divina, andando em fé de que está na presença de Deos, sem se pôr a examinar, como he Deos, que figura tem se está em pè, se assentado, de que cor, ou de que feiçam, ou onde morava, antes que fizesse o Mundo; & outras cousas como estas. O que he immenso, como se pôde medir? O que he infinito, como se pôde alcançar? O

R iij

que

que he incomprehenſivel, como ſe pôde comprehender? Baſta conhecerſe a Deos debaixo da rezão do Boniſſimo, Sapien- tiſſimo, Fermoſiſſimo, Clementiſſimo, Liberaliſimo, Pay, Amigo, Eſpoſo de noſſas Almas, Rey de todo o Univerſo. Sò quando eſtiver em parte que poſſa o- lhar para o Ceo, pôde erguer os olhos, porque como dizia S. Thereſa: Olhar ao Ceo, faz recolher os ſentidos. E ſe olha- mos para o Ceo (como dizia Santo Igna- cio) vil couſa nos parece a Terra. Eſte dia ſe tomarã trinta & tres golpes de diſciplina, à honra dos trinta & tres annos de meu Senhor Ieſu Chriſto, na união do q̃ padeceu na Coluna. E examine à noite, como guardou eſte ſentido: & reze aos olhos de Chriſto hum Padre noſſo, & hu- ma Ave Maria, em ſatisfação dos defeitos que niſto teve, & em acção de graças. E aſſim farà todos os dias à noite, conforme a mortificação. E viſitarà o Santiſſimo Sacramento huma vez.

Terça feira.

Mortificarà os ouvidos, principalmen-

te em fugir das conversações perigosas, dezejando ouvir interiormente as inspiraçoens Divinas. Este dia, se tiver faude, traga cilicio duas horas. E se poder, visite o Santíssimo Sacramento, ainda q̃ não seja mais que com hum Padre Nosso, & húa Ave Maria.

Quarta feira.

Mortifique o sentido do gosto, jejuando de ordinario, & fazendo alguma mortificação no sustento, & totalmente pelo que for regallo ande cuidando nos gostos do Ceo, & nas Celestes doçuras da Mesa Divina. Discipline-se à noite por espaço de hum Miserere. Visite duas vezes o Santíssimo Sacramento, na forma asima dita.

Quinta feira.

Mortifique o sentido do Olfato, fugindo de todas as cousas de cheiro, & por algum espaço, buscando algum tormento deste sentido: quando não tenha em que se mortificar, exercite-se este dia em actos de humildade, & penitencia, fazendo por não cheirarlhe mal nenhuma palavra, nem afronta que lhe façam. Faça

vinte & quatro actos do Amor de Deos, dizendo: *Meu Deos, da minha Alma da minha vida, & do meu coração, antes morrer, que peccar, antes no Inferno em graça, que no Ceo em culpa.*

Sexta feira.

Mortifique o sentido do Tacto, pondo pela manhaã cilicio até o jantar, se tiver faude; à noite disciplina por espaço de hum Miserere. Não se toque, nem se coce de advertencia. Não se veja ao espelho, nem parte alguma sua. Iejue, se puder, a pão, & agua; & visite tres vezes o Santissimo Sacramento, fazendo por ter dor de seus peccados; faça por andar cuidando este dia nas dores de meu Senhor Iesv Christo Crucificado.

Sabbado.

Faça por guardar silencio todo o dia, buscando lugares sós, & solitarios, onde esteja só, em presença, ou memoria de Deos; & não falle de advertencia, mais que responder o que se lhe pergunta: visite as vezes que puder o Santissimo Sacramento. E tome se residencia este dia,

como

como guardou os sentidos toda a Semana: reze huma AveMaria, & huma Salve Rainha a Nossa Senhora.

Domingo.

Mortifique a memoria de tudo o que lhe vier a ella, dizendo: *Sois vòs Deos meu, pois nada mais que Deos.* E faça q̃ nem no entendimento, nem na vontade entre, nem se detenha cousa, que não seja Deos, ou cousa de Deos; empregando estes espirituaes sentidos em sua lembrança todo aquelle dia, em actos de Fè, Esperança, & Charidade. Visite cinco vezes o Santíssimo Sacramento. E se for dia de Communhão, & se quizer trocar o exercicio deste dia com o do Sabbado, pòde fazello; & ao Sabbado faça o deste dia. E em nenhum se deite, sem cuidar como o meteràm na cova, & na conta, que ha de dar a Deos. E feito Acto de Contrição, & de Amor, deite-se. & a primeira couza que disser em acordando, seja: *Louvado seja Deos.* E offereçalhe logo à sua Gloria, & Honra, as obras que fizer naquelle dia, & as de toda a vida.



EXERCICIO BREVE

PARA A SANTA ORAC,AM.

A Oração consta de cinco partes, Preparação, Lição, Meditação, Petição, & Acção de graças.

Posto de giolhos, diante de algũa Imagem devota, ou onde quer que for, benzafe, & beije o chão, & faça este Acto de Contrição.

Meu Senhor Iesv Christo, Deos, & Homem verdadeiro, Criador, & Redemptor meu Pequei, fiz mal, cahi como peccador. Por serdes infinitamente Bom, me pesa de todo o coração haver vos offendido, proponho firmemente com vossa Graça, emendar minha vida. E espero em vossa Misericordia, que por vossa Morte, & Paixão me perdoeis minhas culpas. Se-

nhor,

nhor, antes morrer, que peccar. Misericordia, Misericordia, Misericordia.

Feito isto, se tiver tempo, lugar, & livro, lea alguma cousa do que ha de meditar; & se quizer entrar na devoção das Chagas de meu Senhor Iesv Christo, sirva para composição de lugar: Representar hum Deserto solitario, em o qual em cinco Penhas ingremes estão cinco Ermidas deshabitadas, sem haver pessoa que nellas viva, & que a Alma, tendo tenção de viver solitaria (isto he apartadas das criaturas) se faz habitadora deste Deserto, & escolhe por moradas estas Ermidas, & q se determina a viver nellas, hum dia em cada huma.

Deserto, quer dizer cousa só, & desemparrada: O Deserto he meu Senhor Iesv Christo, que não ha quem queira morar nelle, & assim está desemparrado do Mundo.

As Ermidas são suas Divinas Chagas; estão em Penhas ingremes, porque parece cousa difficultosa viver metida a Alma nestas Chagas Santissimas: & por isto

isto estão como deshabitadas. Tanto que a Alma considerar isto, dirá de todo o coração: *Meu Senhor, de hoje em diante me resolvo a viver com vosco, apartado por vosso Amor de todas as criaturas. Escolho para morada de minha Alma este Deserto, & por casa vossas Santissimas Chagas. Eis me aqui meu Deus, se me quereis, aqui quero estar toda a vida.*

Tomando isto para Meditação, fará primeiro a Oraçam seguinte, todas as vezes que entrar a orar.

Meu Senhor Iesv Christo, que sem eu o merecer, me tiraste do nada que antes era; & depois por vossa Bondade imensa me fizestes fahir do pègo do Mundo, do lago de minhas culpas, dos abismos da minha vaidade, & soberba, do mar sem fundo de meus vicios, & do profundo Inferno de meus peccados. Peçovos (meu Senhor) que assim como sem o merecer, me livrastes da perdição, & de todos estes males; assim agora sem que eu o mereça, me não deixeis cahir nelles, & fazei com que todas as minhas obras,

penfa

penfamentos, & palavras, fe dirijão a vof-
ſa mayor gloria, & honra puramente;
porque vòs ſois digno de ſer ſummamen-
te amado, louvado, & obedecido: & por-
que aſim quereis que eu o queira, & o fa-
ça, & por todos os ſempre dos ſempres.
Amen.

Feita eſta Oração, feche os olhos, &
representeſe neste Deſerto, iſto he dentro
de Chriſto; & tome huma Chaga para ca-
da dia. Nella medite quem he aquelle
Deſerto, iſto he quem he Deos, immenſo,
infinito, eterno, incomprehenſivel, que
padeceu. Confidere os tormentos, & a-
gonias do Horto, da Coluna, ou da Co-
roação de Espinhos, ou da Rua da Amar-
gura, ou do Calvario; ou principalmente
a dor que padeceria naquella Chaga, em
que ſe mete a Alma.

E ſe for na do Lado; confidere o
Amor, com que aquelle coração Divino
ſe expoz a todo o tormento, & que ainda
depois de morte deu agua, para nos la-
varmos, & ſangue para nos redimir. Fa-
ça por eſtar abraçando aquelle amorofiſ-
ſimo

fimo coração; considere com que paciência, com que charidade, com que desejo de nossa salvação padeceu.

E medite principalmente por quem, por nós Peccadores, & por hum de nós; pois dizem os Doutores Sagrados, que se hum só houvera no Mundo, viera a padecer só por elle; & conforme a tenção do Espirito Santo, gaste nisto meya hora, ou o tempo que puder.

Acabada a Meditação, pedirá a Nosso Senhor, o mais necessario para sua salvação, & para sua Alma; a Graça, as virtudes, a perseverança, & os bens Espirituaes, ou temporaes, necessarios para a vida, ou para a salvação, & bens de seus proximos, & pelas Almas do Purgatorio.

Ultimamente dará graças a Deos deste superior beneficio, que d'elle recebeo; porque o ter Oração, he dom particular do Espirito Santo, & final de Predestinado. Desejará meterse em todas as Criaturas do Ceo, & da Terra; para que com todas o louve, & ame; desejando fazer hum amor do que lhe tem todas para
mais

mais ardentemente amar, & servir a Deos. Desejará meterse em Deos Pay, para amar com seu amor a Deos Filho; & em Deos Filho, para amar com seu amor a Deos Pay; & em Deos Espirito Santo, para se unir melhor com elles.

Feito isto, fará muito por conservar todo o dia a memoria de Deos, & naquella Chaga em que andar, como se estivera nella metido, alli coma, beba, durma, falle, hore, estude, & faça quanto fizer, isto he, com lembrança sua; & o que nam fizera, andara, ou dislera à vista de Christo, não faça, nem o falle, nem o cuide; & tudo por gloria, & honra, & amor de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.

ORA.



ORACAM

PARA ALCANCAR ARDENTEMENTE o Amor de Deos.

M Eu Deos, ou vòs me quereis, ou me não quereis; se me não quereis, hey de queixarme de vòs (meu Deos) aos Ceos; & à terra, pois me criastes para me engeitar. E se me quereis, meu Deos, eis me aqui, na vossa Casa estou, fazei de mim o que quizerdes. Quando pois (meu Deos) quando ha de ser isto (meu Senhor) que me queira o vosso Amor; & que com o vosso Amor me estale o coração? Quando (meu Iesvs) ha de ser o dia? Quando (meu Deos) aquella hora, que com ardentes desejos, & entranhaveis suspiros, & com abraçados fervores se ha de acender a minha alma,

ma, & abraçar a minha vontade em vosso Divino Amor? Quando (meu Deos) quando, Senhor, quando, meu Iesvs, com abrazada sede das eternas doçuras, & da vida Eterna, & Celeste, hão de andar as minhas ancias em lagrimas, & gemidos por effes ares, gritando ao Ceo, & fugindo à Terra? Seja, meu Deos, seja, meu Senhor, seja, meu Iesvs, seja isto hoje, & nam à manhã; seja agora, meu Iesvs, & nam daqui a pouco; seja logo, meu Deos, & não ao depois; seja já, meu Senhor, & nam logo. Aqui me tendes, meu Senhor, & meu Iesvs, nam seja mais tarde isto; rompase este penedo em fontes de lagrimas por vosso amor, & por minhas culpas. Desfaçaõse meus olhos em pranto, meu coração em suspiros, minhas entranhas em doridas mãgoas por meus peccados, & acezo todo em meu Deos, em chamas de Elpírito, & em celestes lavaredas, acabe já de consumir, & abraçar esta arvore sem fruto, esta terra toda espinhos, & esta Alma de penhasco para vos, meu Deos, sempre dura, & para o Mun-

S

do

do tam branda; para os vicios tam viva,
& para vossa Graça tam morta. Oh meu
Deos, & meu Senhor, se em mim houve-
ra, meu Iesvs, toda aquella reverencia,
com que vos servem, & louvão todos os
Anjos do Ceo, & Iustos da Terra, essa
fora, meu Deos, a minha gloria! E se eu
só vos pudèra ter tanto amor como oa Se-
rafins do Ceo, essa fora a minha delicia.
E se vos pudèra receber com outra tanta
pureza como a Virgem Maria vossa Mãe,
essa fora a minha ventura. Se pudèra
estenderme por todas as criaturas do Mû-
do, & amarvos juntamente em cada hũa,
como todas juntas vos amão, essa fora a
minha alegria. Se pudèra amarvos, meu
Deos, que fossè ao Ceo, & roubasse o q
quizeisse, a todos deixaria a Gloria, mas
o Amor não lho deixaria, porque todo
me pareceria pouco para vos amar. E se
de todos os coraçoes do Mundo, pudè-
ra fazer hum só, só a vòs, meu Deos, &
Senhor, o dèra. E se de cada arèa do
mar, & de cada Estrella do Ceo, & de ca-
da flor da terra, & de cada letra dos livros,
& de

& de cada pena das aves, & de cada pello das feras, & de cada fio das roupas, & de cada cabelo das gentes, pudèra fazer mil Mundos de Almas, mil mares de condiçoens, mil Ceos de vidas, & mil Reynos de Espiritos; & em cada hum destes multiplicados outros tantos, como eu dezejo em cada hum: todos, meu Deos, volos dèra, & todos tivera por poucos, para vos louvar, & amar, & não paràra nisto hum só ponto. Se fora Deos, como vós sois, vos adoràra por meu Deos, & andàra fazendo Ceos, & Almas, criando vidas, & espiritos, erguendo Templos & levantando Altares, em q, meu Iesvs, fosseis adorado, & servido. Se fora o que vós sois deixàra de o ser, porque vós o fosseis; contentandome, meu Deos, com que algũa hora, vendome a vossos Divinos pès, puzesseis em mim vossos Santissimos Olhos, com algum final de amor, & boa vontade. Meu Deos, meu Senhor, meu Iesvs, & meu Esposo, por tantas rezoens digno de ser amado, querido, & desejado; Gloria minha, Delicia minha, Amor meu, & Eter-

no Bel, meu, & meu Jesvs de minha Alma, já que não posso fazer isto, deseje eu sempre isto, & façasse finalmente sempre vossa Divina Vontade em esta vilíssima, torpíssima, & indigníssima criatura vossa, como for mais honra, & gloria, & mayor louvor vosso, por todos os sempre dos sempre. Amen Iesvs.

F I M.

De unos Christo, Senhor nosso, o modo, & forma de orar, quando nos ensinou o Padre Nosso: E por isso encomendo segunda vez, como fica dito a fol. 149. que o nosso continuo exercicio seja o meditar, & orar por esta admiravel, & excellente Oração; porque nella se encerrão as principaes cousas, que podemos pdeir a Deos. E para que cada hum de nós medite, & ore com acerto, & proveyto de sua Alma, o poderá fazer na forma seguinte; ou conforme seu Espirito melhor lhe ensinar, & o dispor.



A ADMIRAVEL ORAC,AM
DO
PADRE NOSSO,
MEDITADA, E ILLVSTRADA

Pelo Veneravel Padre
Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,
Da Ordem Seraphica, & Missionario
Apostolico.

Padre Nosso.

Q E antes de eu ler; & Antes dos se-
culos huma Eternidade me ama-
stes; pois nam sendo eu cousa alguma,
mais que huma cousa a vòs possivel, ab
eterno me estaveis vendo, para me estar
sempre obrigando. Criastes a machina

S iij

do

do **Murro**, o Ceo para a Patria dos homens, para peregrinaçam a Terra: onde pondome de antemão tantos grandes Entendimentos, que me servissem para guia; para Exemplo tantas virtudes; tantos bês para obrigaçam; & tantos males para aviso, sem interesse algum vosso, sem merecimento algum meu me tirastes dos abismos do nada, donde podereis tirar outras tantas criaturas possiveis à vossa Omnipotencia, que muito melhor vos servirão. Ou podendome fazer hum tronco bruto, hum bruto, hum barbaro, hum Herege, hum Mouro, hum Turco, ou hum Demonio, me fizestes à vossa imagem, me criastes na vossa Igreja, regenerado no Bautismo, redemido com vosso Sangue.

A penas comecei a ter vida, quando podendo vòs tirarma, por ver quam mal havia de empregalla, ma conservastes com o Ceo, & a Terra, dandome Anjos, que me guardassem, homens, que me favorecessem, & elementos, que me servissem. E correndo eu delde a mininice às mais
cegas

cegas profanidades, gastando mais da mocidade em precipícios, & segueiras; pondo (como se não houvera Deos, Inferno, Ceo, Juizo, & Morte) a honra aos estragos do Mundo, a vida aos riscos da morte, & a alma aos perigos do Inferno.

Por vossa bondade, meu Deos, meu Rey, meu Pay, & meu Senhor, tantas vezes me haveis livrado das afrontas, & dos castigos, que outros com menos razam experimentã: dos perigos, infortunios, & da morte, que outros sentem com menos causa: & dos infernos, que eternamente outros chorão com menos culpa, & chorarã; não contente vossa piedade com tantos supremos beneficios, quando os nòs cegos do deleite eram laços da liberdade: quando detido destas Remoras dava à vaidade o cuidado: quando arrastado deste affecto se dava aos enganos o discurso, entam mostrastes, vòs, em mim, que me quereis para vòs.

Oh Deos immenso, & soberano, oh Pay, amigo, & Senhor meu, que sendo

eu, que ~~o~~ *Impre* fui, que he o peor que posso ser, quizestes vos, que ainda no Mundo mostrasse, que era cousa vossa! Esquecido, meu Criador, de mil offensas, que vos fiz, chegou a vossa misericordia a tocarme da vossa Graça, chamandome à vossa casa com aquelle amor, que me tendes. Sois todo o meu amor, sois hoje toda a minha gloria. E mostrando-me sempre em tudo, que ereis todas as minhas cousas, sois hoje o Mestre, que me ensina, sois a Verdade, que me guia, sois o Pay, que me perdoa.

Ensinou-me a vossa piedade, enche-raõ-me os vossos favores; & arrancando-me de dentro da alma aquellas raizes ultimas, & tirandome do coraçam aquelles ultimos retratos, fizestes, com que cahissem os Idolos, que a cegueira tinha adorado; & que se rompessem os laços, que a maldade tinha tecido. Depois disto, meu Criador,

Que estàs nos Ceos.

E Levandome o Entendimento em vossa grande fermosura, de quem os Ceos, & as fermosuras, de quem as flores, & as Estrellas, sam breves sombras, & bosquejos: de cuja immensa Omnipotencia todo este Mundo he pouca copia: & em fim, de cujas maravilhas nam ha pintura, nem retrato, me fizestes tam altamente fallarvos com o coraçam, ou assistirvos com o espirito nesse trono de Magestade, onde os Anjos vos adoram, os Seraphins em vòs se abraço, & os Cherutins em vòs se admiram: onde com o Sol sem eclipse fazeis dos Ceos o dia eterno: onde sempre presente a todos, sois delles Bemaventurança, & de todo o Mundo fermosura: onde na praya delectosa da dilatada Eternidade, aos que escapam do mar da culpa, nam só sois porto, mas abrigo, nam só refugio, mas descanso.

Em cujos campos revestidos da sempre

prezado ~~am~~ amenidade, não tem o Inverno
jurisdição, nem movimento as Primave-
ras: em cujas doces suavidades prezos o
juizo, & o discurso, tudo para a alma he
melodia, & para o espirito sossego: On-
de elevados os sentidos em hûas bellezas
nunca vistas, em hûa harmonia incompa-
ravel, em huns gostos sempre soberanos,
em huns cheiros não imaginados, em
humas glorias já mais sabidas, suavemen-
te se arrebatam, & quietamente se suspen-
dêm.

Aqui parece, meu Senhor, que ao
coraçam me estais dizendo: Homem ce-
go, pois me não olhas: Servo infiel, pois
me nam serves: Ingrato filho, pois me
fojes: Sempre mudo, pois me nam fal-
las: Surdo sempre, pois nam me escutas:
Se este he o centro, & o lugar, onde os Ju-
stos ham de viver, se esta a Cidade, se este
o Reyno, onde os bons me hão de assistir,
porque nam vives com o espirito, onde
nam pòdes com os olhos? Porque nam
vens com os suspiros, onde com a vista
nam pòdes? Se nasceste para salvarte, se

he

he o teu fim a Vida Eterna, & ~~te~~ prezas de meu filho, onde occupas o sentimento? Onde perdes o dezejo? E aonde trazes o cuidado? Vàs mendigando pelo Mundo, tendo este Reyno por herança? Estimar titulos da terra, podendo ter de hum Ceo a posse? Corres aos gostos vaós do seculo, & desprezas a Eterna Gloria? Buscas os bens da terra, & os moveis do Mundo, tendo nos Ceos o teu morgado? Nam dizem bem taes pensamentos, com quem se quer chamar meu filho.

Divinos ham de fer os cuidados, de quem me estima por seu Pay. Se pois sempre te estou chamando, como sempre me vàs fugindo? Se te estou sempre acariciando, porque me estàs sempre offendendo? Se sam minhas inspiraçoes mudando a doutrina de tua alma, porque com esta tua obstinaçam fazes hoje emenda da porfia, para te deteres no Mundo? Hum risco torpe ha de fer risco para não vires aos meus olhos? Hum cego engano he interdito, para não chegares aos meus braços?

Hum

Hungo Kavaõ, & encantamento nessas baixas profanidades? Gostosamente, te embaraças? Eternamente te confundes? Tu es o altivo de cuidados? Tu quem têm nobres pensamentos? E tu o de grandes espiritos? Como pois soffres, que te arrastem essas rêmoras da pobreza? Como consentes, que te pizem essas escravidões da culpa? Como nam, se assim to digo, olhas, & nam vês, qual será a Corte de Deos, se assim te elevas na dos homês? Se na via dos peregrinos te agrada tanto a estrada do Mundo, que fará na Patria dos Anjos, & Lugar dos Bemaventurados? Se lá no estado do seculo julgas taes os Palacios da culpa, no circulo da Eternidade quaes serão os premios da Gloria? Se no que dei para morada de mil reprobos, & precitos, achas taes gostos, & deleites, no que escolhi para Palacio de meu poder, & Magestade, quaes te parece serão as suavidades, & delicias?

Como pois sendo filho meu, queres ser escravo do Demonio? Como ló por servillo a elle, te poens, & tomas armas

contra mim? Que mal te fiz, por te criei?
Em que te ofendo, se te amo? Em que
te aggravo, se te soffro? Tam pezada he
a minha Cruz, que o mesmo Christo a
nam levasse? Tam infofrivel o meu jugo,
nissimo los muitos o nam trouxessem? E

Mas co este caminho, que muitos mil
ondo huguissem? Como has de vir ao
Ceo, se nam veio Christo sem ella? Co-
mo sem jugo a meu rebanho, se quem o
engeita, nam he meu? E como à Gloria
sem caminho, se quem o deixa, vay ao
Inferno?

Pois convertete, filho meu, que se
chorando tua culpa me pedires miseri-
cordia, se doendote de aggravar-me, me
buscares de coraçam, aqui com os braços
abertos acharàs a minha piedade, & aqui
com os olhos cerrados encontraràs o meu
amor.

No desprezo dos bens do Mundo te-
ràs, o que elle mais estima: no cuidado,
com que me busques, o repouso dos que
fossigam. Nos suspiros, com que me cha-
mes, as iuavidades dos que me gozam:

Em

E finos males o regalo, nas repugnâncias o dezejo, na castidade o teu recreio, hum thesouro na pobreza, na resignaçam o teu gofio, & na obediencia a liberdade.

Oh meu Senhor, & meu **O** que te tanta gloria ainda no Mundo za? Com amor, que vos abraça, & hum **E**scram, q se vos poltra, levantaime ao Ceo o Entendimento, unime a vós esta vontade, & sendo nelle hoje, & só comvosco toda a minha conversaçam, só nelle busque a minha Patria, & em vós só tenha o meu Bem todo: Com o que vendose a minha alma como estrangeira cà na terra, muy de passagem pelo Mundo use dos meynos para a vida, & muy de assento pelo amor, ponha o meu fim na nossa Gloria

Santificado seja o teu nome.

NA minha emenda, & minha vida, & na de todos os humanos, dando-vos todas as criaturas o louvor, para que os criastes, & fazendose toda a terra ou-

outro trono de Seraphins; onde ~~estando~~
sem nos mover, onde voando sem parar,
todos ardendo em vosso amor, vos diga-
mos continuamente: *Altissimo, Santissi-*
mo, Imminentissimo, Sapiētissimo, & Bo-
nissimo Criador, Pay, & Senhor nosso.

Mas quem somos nós, meu Senhor;
sendo huns bichinhos vós da terra, hum
pouco de lodo animado, & pouco mais
que hum pò unido, para que a essa Mage-
stade, a quem se postra o Ceo, & a Terra,
cuidemos, que louvamos, & santifica-
mos? Quem sou eu, & quem sois vós,
immenso Deos, & Senhor meu, para atre-
ver-me a vos louvar, se nunca fey mais
que offendervos? Se os Seraphins, se os
Cherubins tem por baixos, & limitados
os altos Hymnos, que vos cantam, como
ha de ouzar hum peccador fazer de lin-
gua tam preversa, instrumento que vos
louve, se do louvor, que se vos deve, sam
pouca voz todas as criaturas, & todo o
Mundo pouca lingua? Como eu, vilissi-
ma criatura, vos tomarei na minha bo-
ca, que tantas vezes vos foi profana? Mas
quem,

meu meu Deos, & meu Senhor, me ha
de dár á mim voz, & lingua para louvar-
vos, como devo, para aggradarvos, como
cuido? Que Ceo, que Mundo, que cria-
tura pôde ser capaz instrumento, onde
caibão solemnizadas vossas glorias, & ma-
ravilhas? Se os Anjos, de vós se admiram
com hum excessõ, a que eu nam posso
chegar? E se esles mesmos vos estam lou-
vando com tam superior charidade, que
vence todo o meu dezejo? Do Mundo
todo as criaturas com huns silencios elo-
quentes, que eu como nescio nam alcan-
ço, me reprehendem na minha froxidam
em vossõ amor? Pois q̃ farei, meu Cria-
dor, eu que sey, que os vossos louvores
nam sam como os do Mundo? Nam falla-
rei, porque sou nescio? Nam amarei, por-
que sou tibio? Nam cuidarei, porque sou
mão? Pois nam será assim, meu Deos, que
aqui debaixo das hervinhas, dos arguei-
ros, & dos ouçoens com o coração muy
prostrado, com a alma, & mãos erguidas,
com os olhos postos no Ceo, & com a ve-
neraçam por terra, muy humilde, & muy
etc.

elevado em vossa vista, meu Sen- vos
louarei eternamente, de qualquer mo-
do que eu souber. Louvarvos ha a minha
boca com a eloquencia dos silencios; pa-
ra que onde eu fiz o dano, & a offensa, se
vos dê a satisfação. Fallarvos ha mi-
nhas entranhas com a eloquencia dos sus-
piros; para que assim vos satisfaça aquel-
les ays, que dei ao vento. Adorarvos hey
com a vista em hum fechar de olhos con-
tinuo; pois vo los aggravei tantas vezes,
por huma escaça vista de olhos. Meter-
vos hey no coração, metendome muito
por dentro, sempre que me meta com
vosco, ou que queirais estar comigo. E
em fim, todos os meus sentidos, meus es-
píritos, & potências vos louvarão, pon-
dose em vós; para que assim, meu Deos,
emende aquelle engano, com que anda-
va todo tam fóra de meus sentidos. E
meus espíritos, & potências vos louvarão
pondose em vós; para que assim, meu
Deos, renove a memoria no amar vos, &
o juizo em querervos. Acabe pois esta
minha vida preversa com tantos generos
de

de Elias: Torne, meu Criador, ao centro, donde sabio; ao principio, donde nasceo; à origem, donde emãnou. Nam mais nas violencias de hum erro tam cegamente idolatrado traga as cadeas, como enfei te, & ame as vaidades, como gloria. Busquem os olhos o seu lume, & os sentidos o seu objecto, o espirito a sua vida, o seu thesouro o coração. E pois não posso, quanto devo; ao menos, Deos, & Senhor meu, ame vos sempre, quanto posso.

E se eu mil almas possuïra, se mil coraçãoes tivera, se mil caminhos descobri-
ra, se mil modos imaginara, se mil mundos comprehendera, todos, por todos, & com todos me empregara, & entregara em vos servir, & juntamente me desvelara em vos amar. Mas pois, meu Deos, valho tam pouco, & tam pouco val tudo em mim, por mim vos louve o Ceo, a terra, os elementos, as criaturas, os Anjos, os Bemaventurados, & toda a Machina do Mundo; em cujas maravilhas grandes, generos, formas, fermosuras, & perfei-
çoens

coens me estou revendo, & agor
 vossa grande, & immensa fermosura,
 Immensidade incomprehenſivel, incom-
 paravel Mageſtade, Omnipotencia ſobe-
 rana, inefavel Sabedoria, infinita Mife-
 ricordia, & admiravel Infinidade. Mas
 para que eu melhor vos louye.

Venha a nós o teu Reyno.

Que ſem vòs virdes, meu Senhor,
 como poderey eu buscarvos? Sem
 me enſinar o voſſo eſpirito, q̃ louvores ſei
 eu rendervos? Sem que o voſſo amor me
 dè azas, quem baſtarà para moverme?
 Sem que me chegue o voſſo auxilio, que
 forças podem ſegurarme? Quando a mi-
 nha fragilidade cahe de ſy cada momen-
 to; & quando tantos inimigos cada inſ-
 tante me acometem, & me cercam por
 toda a parte: Venham pois, Rey meu,
 venham voſſas miſericordias. Permitti,
 que ſempre a minha alma por vòs ſuſpi-
 re, por vòs clame, & de vòs ſe valha, &
 ſe ſocorra, com voſco ſe arme, & ſe de-

fenda. Pois se sem vòs não sou nada, se
inda com vòsco sou tam pouco, de que im-
pulsos mais que dos meus esperarei os me-
us estragos? De que Imperios mais que
dos vòslos alcançarei os meus soccorros?
Debil he a praça de huma alma, fraco o
presidio dos sentidos, baixo o muro da
natureza, leve o conselho do juizo, cego
o governo da vontade: como pois, Deos
meu, & Senhor meu, sem me ajudares
nos assaltos, bastarei para as defensas?
Como me haverei nas batalhas, sem vòs
me dares as vitorias?

Nam ignoro eu, que a vontade por
vòs se deve pôr em campo. Nam duvi-
do eu, que o alvidrão ha de tomar por
vòs as armas. Nem desconheço, que de-
vo tremolar vòsias bandeiras. Pois sem
que eu lide nos conflictos, nam me dareis
vòs o triumpho? Mas como hey eu de fiar
de mim os vencimentos destes vòs costu-
mes, & destes riscos, se mil vezes tendo-
vos por mim, eu mesmo fui o meu estra-
go? Venham pois desse Santo Espirito
aquelles rayos soberanos, que alumiem,
&

& desvanecam as sombras da minha
guerra: que rompam, & despedacem as
nuvens de minha ignorancia: & que em
fim, rasguem, & consumam as trevas de
minha culpa. Acendase nas suas chamas,
arda nas suas lavaredas, purifique-se nos
seus incendios, a vista, a alma, o coraçam,
de quem se deseja mais puro, para que
aos votos seja victima, para ser ara aos sa-
crificios, para ser templo à adoraçam. Pois
assim venha esse vosso Reyno, & nos Im-
perios desta vida assim tudo vos obedeça,
que sendo Cidade de Deos esta confuza
Babylonia, os sentidos vos façam Corte,
a alma se vos faça Paço, & o coraçam vos
seja leito, com tanto gosto de servirvos,
& adorarvos, por meu Rey, por meu
Deos, & por meu Senhor, que só para isto
estime muito, para este ministerio ser
Anjo, para este amor ser Seraphim, para
a essa Magestade ser trono. Vinde pois,
vinde, meu Senhor: pois bem que pare-
ça ouzadia, querer que vòs a mim ve-
nhais, porque bem sabeis, que sem vòs
virdes, nam poderei verme com vosco.

Reverendo he, Sol Divino, que arrebatem vossos ardores este vapor da terra humilde, & que elevem vossas efficacias o pezo grave deste espirito, sempre para vós tam pezado. Mova o curso de vosso mobil todo o vagar destas esferas. E em fim, dezaem vossos rayos os caramêlos desta culpa; para que correndome muito de nani moverse esta frieza, me mova muito o vosso amor, para ir correndo a servir-vos.

Seja feita a tua vontade.

E De tal sorte se faça em mim, q ven-
cidas as repugnancias, com que se oppoem à natureza em huma perpetua negaçam do proprio amor, & de sy mesma, em huma continua indiferença para o que for vossa vontade: Tudo o que em mim foi liberdade, pareça resignaçam: tudo o que foi contradicam, se faça em mim conformidade: tam inseparavelmente me veja sempre unido a vosso gosto, tam prezo sempre, & tam atado, que sem poderem apartarme deste suave abraço
d'alma

d'alma os poderes de todo o Mundo
força, & arte do Demonio, nem o amor
cego de mim mesmo: Firme me oppo-
nha a seus combates, como tronco, que
sobre os montes resiste immovel às tor-
mentas; & triunfe de seus assaltos como
penha, que sobre as ondas se tem constan-
te contra os mares em huma firmeza inal-
teravel: Em huma constancia invencivel
viva tam prompto a obedecervos; tam
dezejoso de aggradarvos, & tam destinado
a servirvos, que recebendo os bens, & os
males com gosto igual a todo o tempo,
nesta melodia de espirito, & nesta doce
consonancia de meu sentido, o coração
goze daquella serenidade, com que a mi-
nha alma se suspenda, & com aquella hu-
milde elevação, com que meu amor se
vos una. Faça-se em fim vossa vontade.

Assim na terra como no Ceo.

Pois se nos Ceos, todos se amão, por-
que em sy vos amam a vós; & se vos
amam sobre tudo; esses, que assim mais se

que ha de condenar a terra aquil-
lo, que faz o Ceo? Porque ham de fugir
os homens de parecerse com os ~~Allos~~ Allos?
Por ventura a vossa vontade he querer, q
elles se condenem? Pertendeis vós mais
que salvarnos? Solicitais mais que atra-
hirnos? Sendo gloria a resignação, sendo
o gosto a conformidade, nam morrerei
por estes gostos, que ainda no seculo sam
gloria? É sendo a culpa em sy tormen-
to, matarmehey por aquelles gostos, que
sam Inferno, ainda no Mundo? Que faõ
sem vós os bens da terra, de os do Ceo
sem vós sam nada? Della que posso eu de-
zejar, que vós com vosco me nam deis? E
delle, que posso eu querer, que vós com
vosco me nam entregueis? E delle que
posso eu apetecer, q vós sem vós me nam
concedais? Para alcançar a uniam, que
me faz hum, meu Deos, com vosco, que
meio ha mais efficaç, que fazer a vossa
vontade? Por isso os Ceos sam vossa Pa-
tria, porque nelles perfeitamente vos che-
gamos a obedecer? Por isso nelles os An-
jos, os Seraphins, & os Cherubins vos cõ-
tem-

templam rosto a rosto; porque nam
 dem, nam, quèrer mais que o que he vos-
 sa vontade. Por isso os Ceos sam o lugar,
 em que vos vem os Escolhidos; porque
 o serem là huns com vosco, lhes fez tudo
 Bemaventurança.

Fazei pois, meu Criador, que nam
 querendo toda a terra, mais que aquillo
 que quer o Ceo, nam fazendo menos os
 homens, queraquillo que fazem os An-
 jos, conheçam, que para serem Ceo lhe
 falta só a obediencia: Que para ter no
 Mundo a Gloria, lhe falta só a conformi-
 dade: E para Bemaventurados, lhe resta
 só andar unidos com o que for vossa von-
 tade. E assim, meu Pay, & meu Senhor,
 nam só em mim, que fui, & sou o mais
 preverso dos nascidos, & o mais ingrato
 dos homens, se glorifique o vosso nome,
 & se faça vossa vontade: Porém em to-
 das as criaturas, do mar, & da terra, & do
 Vniverſo, para que havendo em todo o
 Mundo hum só Pastor, & hum só Reba-
 nho, assim vos amem, & vos louvem, as-
 sim vos sirvam, & obedecam, que a terra
 pa-

meo, & o mesmo Ceo se ache na terra. Mas se, Deos, & Senhor meu, não pela fragilidade faz, que cançemos. não cançamos.

O Paõ nosso de cada dia Espiritual
nos dà hoje.

DAinos a todos o sustento; nam que sobeje para o vicio, mas que baste para a necessidade. Os olhos de todas as criaturas estam postos, meu Criador, nella. Na Bondade, & Providencia, de quem esperam o alimento. Vossa mão sempre liberal nos enche cada dia a todos, & nos acode cada hora. Como pois de vossa Bondade me pode faltar a Providencia, quando espero confiado, & conheço a agradecer? Se das entranhas da terra trazeis à mais humilde hervinha o fucco, ou o humor, de que se sustenta? Se nos penhascos, & nos montes os dias aos aspides, & às viboras, aos basiliscos, & às serpentes? Se os lirios da terra, que nam lavram, se as aves do Ceo, que não fiam, se os peixes do mar,

mar, que nam se meam, não ha dia ~~de~~ ~~re~~ ~~ção~~ ~~de~~ ~~sta~~ liberal mão, o com que vivam? Se vòs às feras intrataveis, se vòs aos brutos mais terriveis, ou ministrais, ou consentis, que os elementos os sustentem, como faltareis aos humanos, que a vòs recorrem como a Pay, que vos pedem como a Senhor, & que vos rogam como a seu Deos?

Acudi pois, meu Criador, com este Pam, aos que nam tem mais celeiro, que a vossa Providencia. E daime o Paó celestial de vossa Graça, & vosso Amor. Daime, Rey meu, & Senhor meu, que vos commungue cada hora em o Sacramento, ou em Espirito; porque culpas de cada hora, cada hora pedem remedio. Seja esta a minha porção, o meu manjar, & o meu regalo; & com taes lagrimas o busque, com tantas ancias o suspire, com tanta reverencia o receba, & o coma com tanto gosto, que indosc a alma tràs vòs, ou transformandovos comigo, em vòs me enleve cada instante, com vosco me una cada hora, & por vòs morra toda a vida.

E perdoanos nossas dividas.

P Erdoainos nossos peccados, ainda que o nam mereçamos; pois também, sem que o merecessemos, nos criastes, & remistes. Vzaí, meu Deos misericordioso, de misericordia, com quem para a vossa Clemencia appella da vossa Iustiza. Pequei, meu Pay, & meu Senhor, erreí, ceguei-me, & offendivos: merecedor sou, meu Iesv, do mayor Inferno, & castigo, que pòde darse a peccadores. Mas que podia eu esperar de mim, sendo o peor de todo o Mundo, lenam dezagradarvos a vòs? Porèm que hey de elperar de vòs, sendo meu Pay, & meu Bem todo, lenam que me perdoeis a mim? Pezame muito de coraçam, nam tanto pelo medo da pena, como pela maldade da culpa; & menos por perder o Ceo, que por aggravarvos, meu Pay. Cuja Bondade incomprehenfivel posta na cara de meus vicios me atormenta, com a vergonha muito mais, que com os castigos. Pois vòs, meu Deos,

&

& meu Senhor, quando nam ~~ouvi~~
~~em~~ em vós, só por elle creis dignissimo
de ate no Inferno ter amado.

Esta, meu Deos, he a dor grande, que
tenho. Esta, meu Pay, he a mayor ancia,
que me atormenta pezarozo, & me des-
pedaça arrependido. Vejome cheio de
maldades, de delitos, & peccados, & to-
dos parecem, que me atrahem aos mais
profundos precipicios, fugindo da vossa
presença, como se ella fora o meu dano,
querendo hum falsa humildade apartar-
me de vossos olhos, onde he mais feia a
minha culpa. Tem-me mão o Entendi-
mento, a quem vós sempre dais a mão,
gritando a rezão dentro n'alma, que ma-
goada se vos postra, & compungida vos
procura. Porém de quem me hey de va-
ler, ou para onde hey de fugir? Se me es-
condo da vossa ira, metido no centro da
terra, là encontro vossa presença? Se
busco as entranhas do mar, para que me
encubram de vós, là me assombram vossos
castigos? E se occupo a região das nu-
vens, là olho a vossa Magestade? Se fu-
to

302 *302* Ambito dos Ceos, là vejo a vossa habitaçam? Se desço à sombra dos ~~hi~~ mos, là me prende a vossa Iustica? E enfim, se corro todo o Mundo, em todo acho vosso Imperio?

Pois a quem, Pay, & Senhor meu, buscarei eu, para ampararme? A quem, meu Rey, & meu Senhor, chamarei eu, para acudirme? Por ventura será ao Mundo, que tratou sempre de enganarme? Aos homens, & às criaturas, que intentam sempre confundirme? A carne, o vicio, & o Demonio, que com vosco querem descomporme? Ao mar, ao vento, ao fogo, & à terra, que dezejam soverterme? Todos olho, meu Criador, & a todos vejo contra mim, depois que esquecido de mim, & atrevendome contra vós ouzei viver hum só momento, sem que deitado, & prostrado a vossos pès, confessasse minha culpa, & pedisse misericordia? Quem tenho eu, meu Redemptor, que acudisse nunca por mim, senam só a vossa Bondade? Quem fez já mais as minhas partes para nam vervos contra mim, mais q̃ esse amor,

amor, essa piedade, que por mim se faz
esta hum Cruz? Todos os seus mereci-
mentos, que eu nunca soube merecer, vos
ponha diante dos olhos. Se olhardes às
minhas maldades, como hey de olhar-
vos, meu Senhor? Como chegarei eu a
vòs, se vos virardes contra mim? Se me
negardes o perdão, quem haverá, que pos-
sa darme? Se me não olhardes benigno,
que valerá o arrependirme? Se entrares
comigo em juízo, quem poderá justificar-
me?

Se pois quereis, que eu me nam per-
ca, se desejas, que eu me converta, &
salve, se medida vossa misericordia pare-
ce pouco a minha culpa, nam me conde-
neis, meu Senhor, perdoaime, Pay, &
Deos meu, que aqui no altar de vossa
Cruz todo escondido nessas Chagas, ve-
nho, meu Pay, a offerecervos o sacrificio
destas lagrimas, & os holocaustos destes
suspiros, com hum coração muy magoa-
do de havervos a vòs offendido, com hũa
alma muito dorida de havervos a vòs ag-
gravado: com huns olhos muy aggrava-
dos

Deos de apartar de vós meus olhos. Perdoame, pois, meus peccados, & os mais peccadores.

Assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

E U perdoo, meu Criador, a todos quantos me offendèram; & quizerá, que na minha alma se achàram todas as do Mundo, para de todas fazer huma, para que tudo fora hum, & para que em tudo vos amàra. E nam sómente lhe perdoo; mas quizerá, que todos elles se perdoàrão huns aos outros, as offensas que fizeram. Perdoailhe vós, meu Senhor, porque não sabem, o que fazem. Não lhe sirva a elles de dano, o exercitar a paciencia; nem baste para os condenar, dar a outros em que merecer. E que rezam tereis, meu Deos, para nam perdoares aos peiores, se achastes rezam nas vossas misericórdias, para perdoarme a mim o peor de todos? A mim, o escandalo do Mundo? A mim, veneno dos humanos? A mim, hum monstro de delitos? *Cuja vida foi tão de brutos:*

tos: Cuja alma foi tam de bronz : Cujo coração foi tam de pedra, que ainda hoje aos ~~divinos~~ rayos, & quasi sempre aos vossos olhos he fera, que não se amança, he metal, que nam se derrete, he penedo, que nam se parte. Porque os deixareis, quando vos deixão? Porque os dezempareis, quando vos fogem? Porque os castigareis, quando vos aggravão? Se me nam aggravais anim, que quando me buscais, vos fujo, que quando me chamaes, vos deixo, que quando me venceis, vos resisto?

Que achastes vòs em mim, meu Deos? Que virtudes? Que perfeiçoens? Que doutrinas? Que bons exemplos? Que serviços vos tinha feito? Que amor vos havia tido? Que lagrimas, & culpas chorado? E emfim, que acção, que fosse meritoria? Que obra, que nam fosse ingratição? Que erro, que nam fosse delito? Este foi o peor que este : & este sou eu o peor de todos, servo inutil, & sem proveito, filho ingrato, & com mil culpas, homem preverso, & com mil vi-
V
cios;

306 *A admiravel Oração do*
cios; pededo, & marmore, & não servo.
Que com razam cuido, que sou odio dos
Anjos, & dos Santos, abominação dos
nascidos, aborrecimento dos Céos, & fastio de todo o Mundo.

Se pois, meu Pay, & meu Senhor,
sendo eu peor que isto tudo, ainda maior
que tudo foi a vossa misericordia: Como por todos os preverfos, como por todos os peiores vos nam pedirei perdão?
Se as vossas entranhas, meu Deos, sendo todas misericordia, nam podem sofrerse hum instante, que nam acudam aos gemidos, que huma alma dà dentro na culpa? Serà possível meu Senhor, que vejais vós huma só lagrima de hum coração arrependido, sem que venhais correndo a ella, mais do que corre pera vós? Sofrervosha o coração, ver entre os lobos infernais a vossa ovelhinha perdida, sem que ao balido menos brando, sem que ao clamor menos dorido, a nam defendais do seu dano, & a não ponhais aos vossos irmãos.

Nam viestes vós qua ao mundo a salvar

var os peccadores? Pois nam os raões, mas
enfermos necessitam da medicina. Logo,
meu Pay, & meu Senhor, razam tendes de perdoar, & a tenho eu de vos pedir,
pois entre o Mundo, & entre vós me fizestes
seu medianeiro. Faça já paz o Cèo, & a terra:
Obedeçase à Ley da Graça, & acabese o Reyno da culpa para esse coração
naõ ver nas campanhas do peccado tantos cadaveres do vicio;
achar nos imperios da morte tanta jurisdicam nas almas;
pòr nos carceres dos Infernos tantos prezoneiros do Demonio;
& ver nas batalhas do Mundo tam poucos trofeos da razam,
tam poucos triumphos da Graça.

E nam nos deixeis cahir em tentação.

Porque ninguem, meu Creador, como vós sabe as nossas forças. E se me haveis de levantar sofrendo a injuria, que vos faço, para que he deixarme cahir, vendo a minha fragilidade; & sabendo o pouco, que presto? Mas oh meu

Deos, & quantas vezes para cahir bem na razão, sendo o meu mal haver cahido, o conhecello me foy util? Como me conhecêra eu, como vira bem o que sou, se sem temer o que estou sendo, me nam lembrára do que hey sido? Como ferei, qual vòs quereis, ou qual ao menos me he possivel, se me nam lembrar, que fui nada? Se me nam conhecer, que sou terra? E se nam vir, que ferei cinza?

Aquelles cegos precipicios, com que me puz de vòs tam longe na escura região do vicio, nos remotos climas da culpa, que são senão despertadores, com que hoje me ponho à luta para nam tornar a cahir, & para nam tornar a peccar? Que são hoje, senam huns medos, que faz a razão à vontade com os desterros de seu Bem, & com os vultos de seu Mal.

Aqui parece, que as memorias nos estragos do coração pintam as Troias, & Carthagos, que tem as almas dentro em sy, quando em sy tem seus delitos. Aqui parece, que ainda fumam as ruínas da perdição a ser da vida dezenganos, & das
vai-

vaidades esgarmentos. Aqui parece, que ainda mostraõ aquelle engano venerado, aquella fabrica mentida do falso bem, que idolatramos, do certo mal, que em nós metemos. Sirvão para isso, meu Deos, & Creador, os avizos do mal: Sirvam-me para prevenir os futuros, pois neste meu Entendimento senam acham outros avizos. Prèguem-me os vícios, & os enganos, em o pouco que são de dura, & em os castigos, que tem, pois nam quiz ouvir a razão, & os dezenganos, que me dava. Ensinem-me os mesmos peccados a torpeza, que tem comfigo, pois nam escutei às virtudes a graça, com que me atrahião. Arrastem-me a ver os seus fins as vaidades, & ambiçoens, pois nam bastou o exemplo alheio a meter-me na alma a razão. E emfim, leveme a ver meu erro o mesmo erro, em que cahi; para que desta grande queda, a dor me sirva de lembrança, & a memoria de medicina.

Porém fazei, que em vossos braços me aperte, & una de maneira, que nunca mais, meu Redemptor, perca de vista os

vossos olhos sahindo de vossa presença: nunca mais me aparte de mim, fugindo de vossa lembrança; nem com a minha perdiçam queira comprar a vossa injuria. Se achei graça nos vossos olhos tornem-me a ver benignamente. E aceitandome hum coração, que ao vosso peito restituo, nam desprezando huma vontade, que ponho já nas vossas mãos; antes erguendo o meu espirito, seja de ambos; meu, pera vo lo offerecer, vosso, para o melhorar. Se atègora cahi em culpas; vòs podeis fazer, meu Senhor, com que hoje vos caya em graça. Se atèqui me precipitei; vòs podeis erguerme daqui. E se ainda nam estou erguido, deixaime, meu Deos, humilhado. Daime humildade, meu Senhor; pois nam se segura o edificio com a pedra, que o coroa, senam com a que o sustenta. Menos mal me faz todo o Mundo, menos a Carne, & o Demonio, que este amor proprio, que mil vezes he o meu mal, & o meu estrago. Vistase este de humildade, & amortalhe-se no desprezo destas chimeras fabulosas,

com

com que se doura o seu perigo: metale debaixo dos pès de todo o Mundo, & creaturas, & conheçase por peor de tudo o mão que ha neste seculo; para que debaixo dos pès nam se me erga o precipicio, & sempre diante dos olhos se lhe ponha a vossa vontade.

Mas liurainos de todo o mal. Amen.

F Azendonos já conhecer, que nam ha mais mal que offendervos, nem outro bem mais, que servirvos. Esta seja a minha ambição, a minha honra, o meu recreio; & tudo o mais, o meu desprezo, o meu odio, o meu escandalo. Huma leve venialidade, hum pensamento indifferente, & huma só palavra ociosa sejam horror dos meus sentidos, a flombro do meu dezengano, & medos do meu escarmanto. Não faça a alma pouco caso disto, q̃ parece pouco, quando qualquer aggravo vosso feito por mim parece grande, & olhado em vós parece muito.

Ande a minha alma, meu Senhor,

V iiii

tam

tam limpa na vossa presença destas manchas, & destas nodoas, viva tam puro coração sem estas sombras, & fealdades, que se namorem vossos olhos, senam da sua fermosura, ao menos da sua pureza, quando nam das suas perfeiçoens, ao menos dos seus recatos. Sede para isto meu espelho, em cujo lume, & claridade se aclare o lume dos meus olhos, & se concerte a minha vida, enfeitando as minhas acçoens com a vista do vosso exemplo, para que eu assim vos agrade.

Livraime pois, Pay, & Senhor meu, nam dos males, que sente o Mundo; isto são, as tribulaçoens, enfermidades, & fadigas, com que se afflige a natureza, com que às vezes gosta a Graça, porque com ellas se acriffolla: mas daquelles males do espirito, que com apparencia de bens, são precipicio da ignorancia, com q̃ perdemos a humildade, & nos desvanece a ruina, porque no primeiro perigo podemos ser como soldados, quem fez dano daremlhe azas, pois forçandoas para voar, não emfim para cahir.

Hum

Hum sonhar que temos virtudes, hũa
 maldade das humildades hipocrezia da vã-
 gloria, hum nam fugir às estimaçoens, &
 hum nam entrar dentro de nós, & não co-
 nhecer miudamente, que tudo o que he
 bom, que he de Deos; que tudo o que he
 máo, he só nosso: hum pôr o thesouro na
 estrada, para que o roube quem o vê;
 hũ julgarnos muito seguros no meio das
 ondas do seculo, não recear o temporal, q̃
 de hum azinho se occasiona; porque o
 Cèu se nos mostra claro; & antes de estar
 certo no porto, nam temer as Sirtes,
 & os mares, nam he sómente achague da
 alma, mas he a peste das virtudes, & o sin-
 toma maior do espirito: de que eu peço q̃
 me livreis, meu Pay, meu Deos, & meu
 Senhor.

Que tenho eu bom, que vossò nam
 seja? Que acho eu em mim destas rique-
 zas, de tantos beneficios vossos, que este-
 ja em mim, mais que em deposito, para
 que vòs possais tirallo todas as vezes que
 vos parecer? indigno sou, meu Creador,
 de q̃ inda assim vossos thesouros se fiem
 de

de quem tam mal os guardou. Porém nunca vòs permitais, que eu desconheça o q em mim ha; ou me levante com o vòsso. Vòs me destes o Entendimento, a vontade, a liberdade, a vida, a alma, & os sentidos. Que tenho eu nelles, meu Senhor, q nam recebesse de vòs? Por ventura o pò, & cinza vangloriar-se ha do nada, que he sómente o que tem de seu? Prezar-se ha hum vil bichinho daquelle nam fer, que só teve, em quanto nam quizestes, que fosse? E jactar-se ha o peccador da culpa que tem, no que pecca, sendo só isto o que he seu proprio.

Oh nam permitais, meu Senhor, que com tam cegas confianças se offendam vossos beneficios! Abaixе as vellas a vaidade, abata as bandeiras o engano, metase por dentro a razam, encolhase sempre a humildade, & nam se louve nunca a Graça destas traçoens da natureza. Temavos sempre muito a vòs, quem se teme tanto de sy, & nam se ame a sy em nada, quem vos ama a vòs sobre tudo.

Fazei, meu Deos, que em tençoens
boas

boas nam se me palle todo o tempo; pois a prova de algumas dellas pôde ensinar-me no custoso, quam outro sou do que imagino. Nem vós queirais, que as suavidades, & aquelles doces sentimentos, que às vezes tem, quem vos assiste, sejam Serêas enganofas, que me elevem no meu perigo: Antes, meu Deos, me dai a Cruz com que puder; & conheça eu, que ma dais, para q a estime como joya, para que a abrace com o prenda.

Venha, meu Deos, a vossa Cruz, tenha eu entrada com voſco, ſubindome muito por ella, pois ella he a Taboa em que me eſcapo dos naufragios do mar do mundo; pois he a Eſcada, porque ſubo ao voſſo celeftial Palacio: E he tambẽ a Chave dourada do voſſo melhor apozẽto. Suba por ella atẽ o centro, onde ſó acho a minha origem, & abra cõ ella em voſſo peito as portas deſſe Coraçam, onde ſó tenho o meu bem todo, & onde viva o meu amor por todos os ſempres.

E ſe, meu Pay, eſte deſejo; ſe meu Senhor, eſta humildade; ſe, meu Deos, eſta,

esta Oraçam he conforme a vossa vontade; para que sempre assim vos banque, para que sempre assim me postre, para que sempre isto vos peça, digaõ os Céos, & a Terra: Amen.

F I M.



mc

Ma

